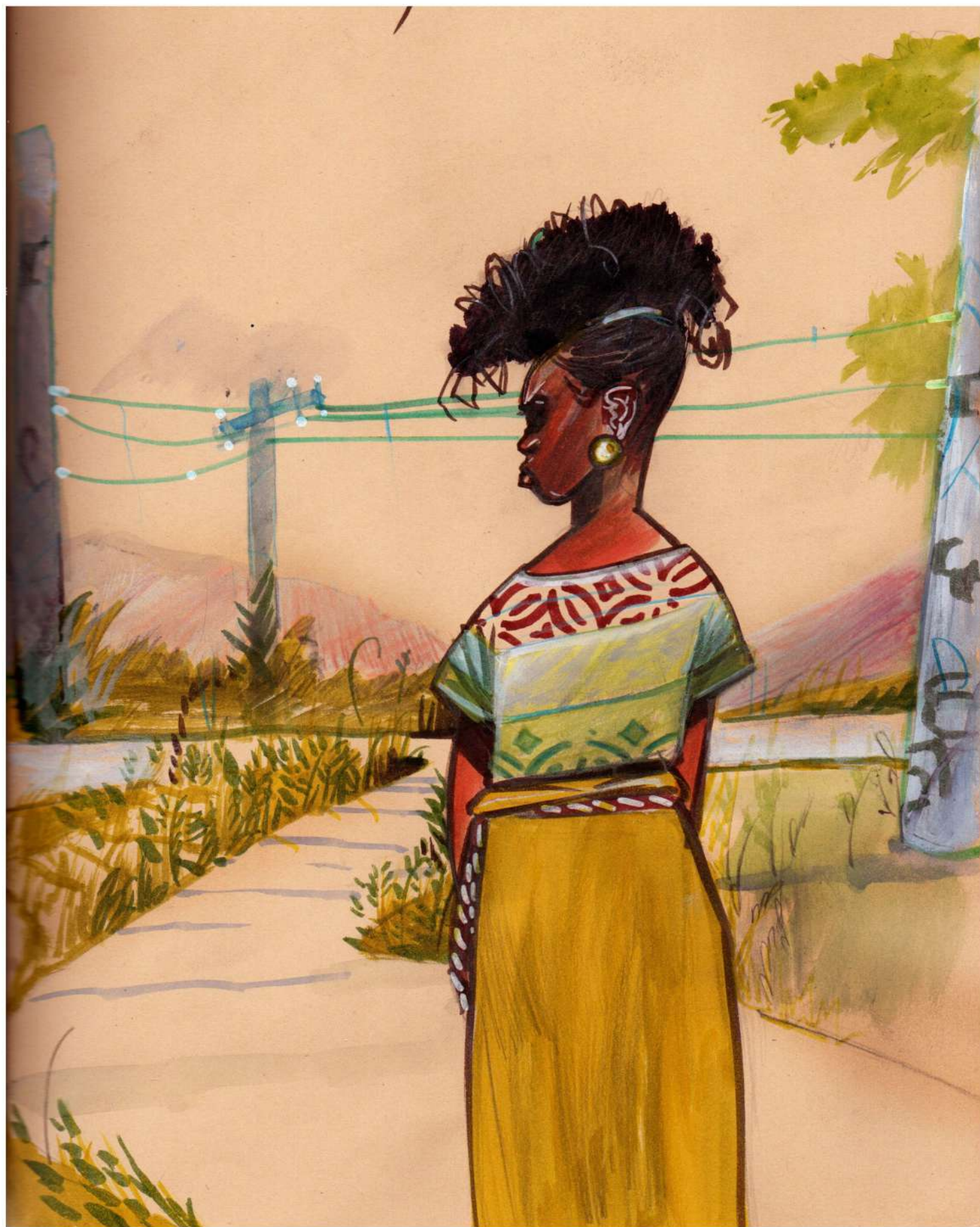






UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**Narrativas de *Nèg*: ecos de temas-encruzilhadas das vozes negras de
migrantes docentes e de uma negro linguística aplicada**

Maicon Farias Vieira

Pelotas, fevereiro de 2023.

Maicon Farias Vieira

**Narrativas de Nèg: ecos de temas-encruzilhadas das vozes negras de
migrantes docentes e de uma negro linguística aplicada**

Tese de doutorado apresentada à linha de
pesquisa Aquisição, Variação e Ensino, da área de
concentração Linguagem, Texto e Imagem do
Programa de Pós-Graduação em Letras, da
Universidade Federal de Pelotas, no Curso de
Doutorado.

Orientação: Prof^a Dr^a. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, fevereiro de 2023.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

V657n Vieira, Maicon Farias

Narrativas de Nèg : ecos de temas-encruzilhadas das vozes negras de migrantes docentes e de uma negro linguística aplicada / Maicon Farias Vieira ; Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, orientadora. — Pelotas, 2023.

158 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Narrativas. 2. Negro linguística aplicada. 3. Linguagem. 4. Raça. 5. Migração. I. Freitas, Letícia Fonseca Richthofen de, orient. II. Título.

CDD : 469.5

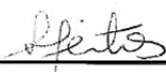
Maicon Farias Vieira

“Narrativas de Nèg: ecos de temas-encruzilhadas das vozes negras de migrantes docentes e de uma negro linguística aplicada.”

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 13 de fevereiro de 2022

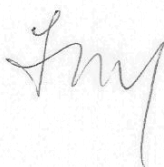
Banca examinadora:



Profa. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Orientadora/Presidente da banca

Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. Isabella Mozzillo

Membra da Banca

Universidade Federal de Pelotas



Documento assinado digitalmente

GLADIS ELISE PEREIRA DA SILVA KAERCHEF

Data: 11/04/2023 00:56:38-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher

Membra da Banca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Kleber Aparecido da Silva

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva

Membro da Banca

Universidade de Brasília



Documento assinado digitalmente

GABRIEL NASCIMENTO DOS SANTOS

Data: 21/03/2023 10:59:37-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Gabriel Nascimento

Membro da Banca

Universidade Federal do Sul da Bahia

Dedicatória

Dedico minha escrita a vocês.

Paulo Roberto Santos, jornalista, que foi a primeira pessoa que me chamou de doutor, quando eu ainda era aluno de graduação. Aquela repetição me fez criar um gostinho especial por essa possibilidade, tão distante naquele momento, tão vida no hoje.

Euzébio Vieira, meu avô, que, mesmo sem certeza do que era cumprir os estudos de doutoramento, sempre se mostrou orgulhoso do que estava acontecendo. Ele preferia as “formaturas com chapeuzinho”. Essa não terá chapeuzinho e nem ele.

Elton Lemos, muito mais que amigo, um irmão da vida. Partimos juntos do zero. Crescemos. Nos tornamos tudo aquilo que nomearam que não seríamos. Nós conseguimos muito. A frase que mais escutei é que no dia da defesa ninguém nos aguentaria. Não sei se demorei a terminar ou se ele foi cedo demais.

Agradecimentos

Agradeço a quem direta ou indiretamente fez parte da minha caminhada até aqui. Para além daqueles a quem dedico todas as letrinhas contidas nessas páginas, agradeço aos participantes de minha pesquisa, que gentilmente cederam seus tempos para a construção de meu trabalho. Sem vocês nada aconteceria.

Agradeço à minha orientadora Dr^a. Leticia Fonseca Richthofen de Freitas, por aceitar me dar o braço nesse longínquo caminho, aos participantes das bancas de qualificação e defesa, que foram fundamentais para o meu crescimento quanto indivíduo e intelectual, ajudando a construir os caminhos que me levaram até aqui, e aos colegas que virtualmente ou presencialmente participaram de minha caminhada.

Aos amigos, parceiros e sempre de fé. André Luis Pereira, que me deu umas “real” para eu minimamente ter por onde andar, Marlise Machado, que sempre contribui com ótimas e ajustadas leituras de minhas escritas, e Charlene Del Puerto, dona de um apoio sem igual, responsável por arquitetar e brindar vários planos comigo, além de sempre mencionar o “chama que vem”!

Não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que diziam que não ia dar certo. Vocês são a mola propulsora dessa vitória.

Agradeço, também, a todos aqueles que vieram antes de mim. Nós somos melhores quando, mesmo em pensamento, estamos juntos.

Sumário

1. CONVERSAS PRELIMINARES	11
2. CAMINHOS DE MOTIVAÇÃO	15
3. QUANDO E ONDE NASCE ESSA ESCRITA	25
3.1. Brasil: contexto político	26
3.2. Mudando e retirando vidas: a pandemia do Coronavírus	35
4. DISCUTINDO EPISTEMOLOGIAS: LINGUAGEM, RAÇA E CONCEPÇÕES NECESSÁRIAS	44
4.1 Compondo uma migração à brasileira	65
5. PARTICIPANTES, METODOLOGIAS E INSTRUMENTOS ENCRUZADOS	74
6. A GRANDE VIA DA RAÇA: VOZES NEGRAS E SEUS APONTAMENTOS	93
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
8. REFERÊNCIAS	147
APÊNDICE A	156
APÊNDICE B	157

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Publicação de Abraham Weintraub.....	33
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Convenções utilizadas nas transcrições	94
Quadro 2 - Diferenciações estético-textuais utilizadas	96
Quadro 3 - Extratos e temas-encruzilhadas	140

LISTA DE SIGLAS

AT	Análise Temática
CF	Constituição da República Federativa do Brasil
DOU	Diário Oficial da União
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LA	Linguística Aplicada
LAI	Linguística Aplicada Indisciplinar
MEC	Ministério da Educação
MMFDH	Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos
MS	Ministério da Saúde
NLA	Negro Linguística Aplicada
ONG	Organização Não Governamental
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

A presente tese tem como objetivo analisar como e quais caminhos performativos e temas-encruzilhadas são produzidos nas performances narrativas de professores negros migrantes em relação a suas trajetórias e vivências no Brasil. Os referenciais teóricos foram construídos a partir dos conceitos de língua/linguagem (FREITAS; MOITA LOPES, 2017; MUNANGA, 2020; NASCIMENTO, 2019; RAJAGOPALAN, 2003), raça (FANON, 2008; MBEMBE, 2020; MUNANGA, 2020; NASCIMENTO, 2019), migração (BRASIL, 1988; 2017; ONU, 1948; 2016; SAVADOGO, 2021; VENTURA, 2017) e suas encruzilhadas (MARTINS, 1997; 2003; RUFINO, 2019). A pesquisa qualitativa utilizou como metodologia as narrativas (CLANDININ, CONNELLY, 2011; PAIVA, 2019) e as encruzilhadas (MARTINS, 1997; 2003; RUFINO, 2019), teve quatro participantes, dois do continente africano e dois do continente americano, que foram alocados no espaço performativo de Nèg, com a finalidade de manter suas identidades preservadas. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa uma entrevista narrativa (BASTOS; SANTOS, 2013; FREITAS, 2017; SANTOS, 2013) e uma performance narrativa escrita para cada participante. A análise foi feita com base na análise temática (BRAUN, CLARKE, 2006; SOUZA, 2019) e resultou em caminhos performativos que encruzaram os temas-encruzilhadas racismo, racismo institucional, racismo estrutural, democracia linguística, democracia migratória, antirracismo e representatividade, além de ser apresentada uma construção teórica acerca de um ramo para a área da Linguística Aplicada que demonstre a utilização de vozes negras nas autorias e participações denominadas Negro Linguística Aplicada. Concluiu-se também que os temas-encruzilhadas aqui apresentados promoveram discussões relacionadas à raça e ao encontro cruzado desta com a migração e a linguagem, resultando na presença das falsas democracias linguísticas e migratórias.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Negro Linguística Aplicada; Linguagem; Raça; Migração.

RESUMEN

La tesis aquí presentada tiene como objetivo analizar cómo y cuáles caminos performativos y temas-cruces son producidos en las performances narrativas de profesores negros migrantes frente a sus trayectorias y vivencias en Brasil. Los referenciales teóricos fueron construidos a partir de los conceptos de lengua/lenguaje (FREITAS; MOITA LOPES, 2017; MUNANGA, 2020; NASCIMENTO, 2019; RAJAGOPALAN, 2003), raza (FANON, 2008; MBEMBE, 2020; MUNANGA, 2020; NASCIMENTO, 2019), migración (BRASIL, 1988; 2017; ONU, 1948; 2016; SAVADOGO, 2021; VENTURA, 2017) y sus cruces (MARTINS, 1997; 2003; RUFINO, 2019). La pesquisa cualitativa posee como metodología las narrativas (CLANDININ, CONNELLY, 2011; PAIVA, 2019) y los cruces (MARTINS, 1997; 2003; RUFINO, 2019), tuvo cuatro participantes, dos del continente africano y dos del continente americano, que fueron situados en el espacio performativo de Nèg, con la finalidad de mantener sus identidades preservadas. Fueron utilizados como instrumentos de pesquisa una entrevista narrativa (BASTOS; SANTOS, 2013; FREITAS, 2017; SANTOS, 2013) y una performance narrativa escrita para cada participante. El análisis ocurrió con base en el análisis temático (BRAUN, CLARKE, 2006; SOUZA, 2019) y resultó en caminos performativos que cruzan los temas-cruces racismo, racismo institucional, racismo estructural, democracia lingüística, democracia migratoria, antirracismo y representatividad, además de presentada una construcción teórica sobre un ramo para la Lingüística Aplicada que demuestra la utilización de voces negras en las autorías y participaciones llamadas negro lingüística aplicada. Se concluyó también que los temas-cruces aquí presentados promovieron discusiones relacionadas a la raza y al encuentro de esta con la migración y el lenguaje, resultando en la presencia de las falsas democracias lingüísticas y migratorias.

PALABRAS-CLAVE: Narrativas; Negro Lingüística Aplicada; Lenguaje, Raza; Migración.

1. CONVERSAS PRELIMINARES

Todas as histórias possuem valor. Todas as pessoas possuem histórias. Histórias encantam e chocam. Histórias são únicas! As histórias podem ser compreendidas por dois vieses ao serem consideradas únicas: um que percorre a irrepetibilidade e outro voltado à imposição.

Quando orientadas pela ótica da irrepetibilidade, as histórias únicas constroem um caráter de singularidade e o papel do uno configura-se na quebra da reprodução. Assim, ao dizer que uma história é única, dita-se como elemento central a diferença entre sujeitos, situações, elementos locais etc. Dessa forma, diz-se a história de cada um como única, incluindo a ocorrida em um novo tempo, espaço ou contada por diferentes narradores.

Histórias únicas são bastante perigosas quando são construídas sob bases impositivas, voltadas a disfarçar situações e (re)escrevê-las como definitivas. Ao longo do tempo, o poder ditou as regras para a construção de histórias marcadas impositivamente como únicas. Contudo, “não há mais lugar neste mundo para uma e apenas uma trajetória reinar sobre as outras” (MIGNOLO, 2017, p. 13). Em relação a pessoas e grupos sociais, as histórias únicas criaram estereótipos que, para além de serem vistos como verdades ou mentiras, perfazem perfis pautados na incompletude, elevando apenas a característica imposta. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p.22).

Ao propor uma tese ou qualquer outra produção acadêmica, há como proposição uma originalidade, demonstrando seu papel singular, e esta tese não se furtará disso. Contudo, me afastarei do papel impositivo da construção de uma história para buscar nas vozes a construção de um espaço coletivo e encruzado.

Concordo com Chimamanda Adichie (2019) que as (muitas) histórias importam na construção da humanização, do empoderamento e das reparações das dignidades destroçadas. Vozes e histórias muitas vezes invisibilizadas

possuem força para serem ouvidas¹ quando unidas. Dessa forma, entendo que a coletividade reverbera a sonoridade que a individualidade nem sempre alcança.

Essa força provocada pelas vozes está localizada nas encruzilhadas das trajetórias, naqueles espaços de “interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações” (MARTINS, 1997, p.25). E cada trajetória é composta por uma série de outras encruzilhadas que a compõe e que foram compostas por mais outras. Estas encruzilhadas, construídas sob mobilidade e (des)centralidade², emergem como espaços para rumos inter e transculturais, poéticas, diálogos (nem sempre amigáveis), campos de possibilidades, práticas de invenção e afirmação da vida, fusões e rupturas, unidade e pluralidade em oposição à diálogos monológicos do mundo (MARTINS, 1997; 2003; RUFINO, 2019).

É na força resultante das trajetórias encruzadas que as vozes subalternizadas em termos de direito ensinam, ditam e fazem pensar as questões mais íntimas da reconstrução do poder e do saber, representada como uma quebra do contínuo em meio às encruzilhadas das práticas sociais.

Dessa forma, vozes, histórias, trajetórias e encruzilhadas podem ser compreendidas como engrenagens que movimentam o fazer da máquina da coletividade. E como tudo isso é materializado? Por meio da linguagem.

Dialogo e concordo com Kassandra Muniz (2009), no sentido de que “a linguagem é antes de tudo uma atividade” (p.30) e, por assim ser, está calcada na constituição de sentidos. Por constituir sentidos, nomeia, constrói, destrói, aponta, qualifica e desqualifica tudo e todos os partícipes da sociedade. É na/pela linguagem que as sociedades se (des)moldam. Sendo a linguagem uma atividade constituidora de sentidos, “não há como pensar a linguagem fora da

¹ Ouvir é compreendido como um “ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que ‘pertencem’. E aquelas/es que *não* são ouvidas/os se tornam aquelas/es que ‘*não* pertencem’” (KILOMBA, 2019, p. 42-43).

² Como afirma Leda Maria Martins, “no âmbito da encruzilhada, a própria noção de centro se dissemina, na medida em que se desloca, ou melhor, é deslocada pela improvisação” (2003, p. 70).

sociedade ou como se o contexto sócio-cultural fosse um adendo, um penduricalho que adicionamos às nossas análises se conveniente” (MUNIZ, 2009, p. 03). Não! A linguagem é ação, é movimento, é reação. É a compreensão de o que e como a vida social está sendo organizada, além de suas fissuras, suas fagulhas e seus matizes, para compor novas atividades.

Fundo, então, as bases desta tese na linguagem. Essa que “é uma atividade, um trabalho, um processo que se realiza na interação entre sujeitos [...] - por meio de ações coletivas -, que ocorrem em processos sociais (MUNIZ, 2009, p. 30). Asserto que é na linguagem e com ela que se idealiza e se perpetua o poder. E por compreender o seu papel em relação ao poder e à sociedade, afirmo que a linguagem é política. Concordo com Gabriel Nascimento (2019, p. 22), ao afirmar que “ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder”. Porém, convido que se possa dar um passo atrás, para pegar impulso para a frente. Assim, antes de pensarmos a materialidade que a língua carrega, que possamos observar a linguagem, suas subjetividades e seu caráter simbólico, pois carregamos na linguagem pistas que demarcam nossos posicionamentos que extrapolam os fazeres linguísticos. Por isso, posiciono esta tese na esfera da compreensão da linguagem como prática social, trazendo a língua como um dos elementos que constituem tal prática.

Para tanto, busco nas performances narrativas de migrantes negros as trajetórias que culminarão em uma encruzilhada de interpretações de trânsitos epistêmicos. Considero aqui como trânsito epistêmico os movimentos resultantes das diferentes abordagens em relação às naturezas de conhecimentos, carregando questionamentos e (re)interpretações quando expostos às práticas sociais contextualizadas, cruzadas e entrecruzadas. Além disso, trago a proposta de “uma” encruzilhada, porque não quero estabelecer o resultado destas performances narrativas como uma história única, do ponto de vista impositivo, mas sim, irrepetível, já que a composição de vozes se situa em um tempo e espaço singular.

Ao longo desta tese apresentarei trechos descritivos e narrativos, além de trazer para a voz narrativa não apenas eu, mas também nós³. Esses movimentos se fazem necessários para que se possa mobilizar sentidos, distanciamentos e aproximações com o leitor. Em partes, esse texto parecerá uma conversa. Em outras, na busca de um diálogo que nos faça pensar, o modo imperativo poderá se sobressair. Mas em um ponto não deixará dúvidas: tratar-se-á de uma realização coletiva. Distintas vozes, tipologias textuais e conformações. Assim como as referências orais das coletividades negras e indígenas, reafirmo que esta tese não será uma história impositiva, mas sim reflexiva. A resposta mais possível à grande maioria dos questionamentos apresentados nesta escrita estará nas ordens da consideração, do aqui e do agora, com vistas para futuros desmembramentos.

Pensando na composição desta escrita, além desta conversa introdutória, trarei, a seguir, as motivações para essa escrita. No terceiro capítulo situo o momento em que escrevo esta tese, focando no contexto político brasileiro e a pandemia do Coronavírus. No quarto capítulo apresento uma reflexão acerca da linguagem, raça, migração e seus cruzamentos. No quinto capítulo apresento quem são os participantes que deram voz à pesquisa, as metodologias e os instrumentos de pesquisa utilizados na construção da tese. No sexto capítulo trago a análise dos dados. No sétimo capítulo apresento as considerações finais.

³ Sinta-se à vontade para interpretar o signo *nós* como melhor lhe pareça.

2. CAMINHOS DE MOTIVAÇÃO

*Não venho armado de verdades decisivas.
Minha consciência não é dotada de fulgurâncias
essenciais.
Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom
que certas coisas sejam ditas (FANON, 2008, p.25)*

O que nos mobiliza a tal ponto de escrever uma tese? Parto da ideia de que as problemáticas que mais nos circulam podem nos proporcionar excelentes espaços de questionamentos. Elas serão apresentadas de maneira entrelaçada, ainda que, em muitos momentos, cada uma tente tomar o seu rumo. Seus encontros – no plural mesmo – estarão nas encruzilhadas, aqueles pontos que promovem experiências e movimentos para além da reunião de pontos convergentes.

Encruzilhadas

Ruídos e conversas descentralizadas. Sem contexto, voam construções:

-Tu és negro!

-Não sou!

-És sim!

Envolto de alguns soluços:

-Eu não sou não.

-E por que não?

-Porque a palma da minha mão é branca.

Caem os risos sobre a infância e, logo, voltam os mais diferentes assuntos.

Ouvir como criança, dentro de uma família negra, por inúmeras vezes, em meio a risos a mesma história. Alguém se animava quando a troça era contada. Não tenho a menor ideia, mas eu não. Mais do que isso, por muito tempo fiquei tentando entender onde estava a graça. Sorrir para concordar ou silenciar na

invalidação? Quando crianças, em muitas ocasiões não somos levados a sério. Seriam as crianças sem conhecimento? Aquela tábula rasa que apenas recebe ou as marcas constitutivas de nossas andanças podem estar presentes desde muito cedo?

Hoje a voz e os pensamentos de criança se moldam em escritas. Como afirmou Leda Maria Martins (2021, p. 23), “o que no corpo e na voz se repete é também episteme”. Dessa forma, trarei o que me compõe em corpo, voz e episteme para essas páginas, e que, por um motivo ou outro, me tocam, me sacodem e me fazem pensar. Uma composição de tempo e espaço demarcado, para não ser preso na clausura das categorias, mas nos atos de performar. Porém, de uma categoria não me desfarei – porque as estruturas e o cotidiano não deixarão e, também, porque não quero – que é a da raça. Em tempos em que lutamos todos os dias pela sobrevivência social e acadêmica, mostrar-me como homem negro e trazer tal referência para minha tese pode servir como elemento encorajador para que outras pessoas se façam presentes no papel principal que merecem. Como mostrarei ao longo do trabalho, essa será uma escrita com negros e não apenas sobre negros.

Encruzilhadas

Somos muitos negros na educação. É só andar pelas escolas de educação básica e lá estaremos. Somos muitos nos anos iniciais do ensino fundamental. Somos um pouco menos nos anos finais do ensino fundamental. Somos menos ainda no ensino médio. É interessante pensar que não somente nós professores somos muitos nos anos iniciais do ensino fundamental e poucos no ensino médio. Os alunos negros também possuem essa realidade. E nos bancos universitários? Investimos muito do pouco que temos para pagar uma universidade privada, que nos garantem melhores horários para as aulas, pois temos que trabalhar e estudar simultaneamente. Somos bem poucos nas universidades públicas, pois por mais que as leis nos ajudem a entrar, não nos garantem a permanência. Estudar para ter futuro, sem a dignidade mínima do presente. Que tarefa difícil para muitos de nós!

E os professores negros nas universidades, onde estão? Em algum lugar que não é o meu espaço universitário. Aqui, onde caminho para a construção de mais um capítulo de vida, não é possível ouvir as vozes da representatividade porque elas não existem. Que este “espetáculo” não nos sirva de exemplo.

Em meio à composição de corpo, voz e episteme, como professor da rede pública de ensino e aluno de uma universidade pública, envolto de uma espécie de dever moral de quem acredita na qualidade de quem compõe esses espaços educativos, vi como fundamental que minha pesquisa fosse desenvolvida com agentes do ensino público. Ensino público que, cada vez mais, é degradado pelos herdeiros de histórias únicas eurocentradas, que saíram da Europa Ocidental para dominar as demais regiões do globo⁴. Negro! Assim será o ensino público em que transitarei, apesar de reconhecer que somos muitos na educação básica, um tanto menos nos corredores universitários e quase sacros nas pós-graduações. Mas muitos dirão que isso não é um “problema de cor”.

Contudo, ensinamentos e aprendizagens podem e devem ocorrer em todos os locais, ultrapassando os “formais” espaços de educação. Um relato oral, uma boa conversa em meio a diferentes pessoas, sentado no colo da avó ou do avô, nas ruas com Di Lixão, Ana Davenga, Duzu-Querença, Maria, Zaíta, Lumbiá, Kimbá e Ardoca (que aprendeu no trem, que não deixa de ser rua), personas paridas dos ensinamentos literários de Conceição Evaristo (2020). Foi assim que estabeleci que minha tese deveria ser composta a partir de narrativas, dessa maneira tão particular dos povos negros de transmitir algo a alguém. Porém, quantas narrativas negras você lembra de ter escutado nos últimos tempos? Se seus ouvidos estiverem dispostos, neste trabalho poderão ser escutadas algumas delas.

Então está definido. Meu objeto de pesquisa será a análise de narrativas de partícipes negros da educação pública. Buscarei escutar as vozes dos meus pares professores e, com isso, visibilizarei as narrativas de professores negros

⁴ A grande maioria dos países ditos colonizados já possuíam habitantes em seus territórios. Por isso, prefiro o uso do termo dominadores para nomear aqueles que chegaram em terras já habitadas e, por meio do uso da força, requereram o espaço para si, desonrando as pessoas, costumes, culturas, culturalidades e línguas já existentes.

da educação pública. Parece algo ainda amplo. Quem sabe afunilar ainda mais? Me volto ao que me compõe nesse espaço e tempo. Como professor de língua espanhola e reconhecendo o papel da (in)visibilidade e da valoração de alguns idiomas no Brasil, buscarei relação com as línguas, mas não pautarei a língua inglesa – a língua mãe imperante da colonialidade/modernidade⁵. Ao invés de perpetuar o caráter hegemônico cultural que esta carrega no Brasil, vejo como mais necessárias as discussões em torno dos demais idiomas.

Encruzilhadas

Quanto vale uma língua?

₡	R\$	₣	₵	Sh
Kč	Rs	م.د.	\$	₹
L	€	¥	G	£
ج.د.	ZK	Bs F	₧	R
B/.	C\$	D	ريال	₣
Le	S/.	ت.د.	Nfk	₪

Buscar a valorização de línguas para além das hegemônicas vai na contramão do epistemicídio - a eliminação, subtração e ou apagamento de povos e formas de conhecimento e de saberes diferentes das vivenciadas pelos dominadores (SANTOS, 1995; NASCIMENTO, 2019) - e do linguicídio, esse reconhecido “quando [o dominador] desapropria o sujeito de seu próprio direito de produção do saber [...] [contrariando] a possibilidade [desse] ser sujeito da língua” (NASCIMENTO, 2019, p.26). Apagar uma língua exige o extermínio dos saberes e dos conhecimentos dos dominados, a aplicação de uma nova língua de maneira impositiva e, por garantia, para servir de exemplo, a morte de parte dos falantes da língua de origem – se não há falantes, não há língua (BAKHTIN, 2011). Agora, ligue a todo esse contexto de epistemicídio e linguicídio as questões raciais, mais precisamente àquela que inferioriza uma pessoa por ser negra.

⁵ Trago os termos *colonialidade* e *modernidade* simultaneamente, pois, compreendo que a colonialidade é constitutiva da modernidade (MIGNOLO, 2017).

Se as línguas passam por processos de apagamento e/ou desvalorização, aqueles que delas fazem uso terão como reflexo também as suas vidas invisibilizadas e suas vozes em afasia. Isso me sacode! Então quero essas pessoas como parte de meu trabalho. Aqueles que trazem nas suas narrativas as marcas que não se relacionam com a anglofonia. Aqueles que transitam sob olhares de “não ser daqui” e “ainda” serem negros. Aqueles que compõem o tecido cultural brasileiro com suas transnacionalidades e polissemias multilinguísticas: os migrantes negros não anglófonos⁶.

Me objetivo, então, a analisar, quais caminhos performativos e temas-encruzilhadas são mobilizados nas narrativas de professores negros migrantes não anglófonos, pertencentes a universidades públicas brasileiras, em meio a suas vivências, experiências e trajetórias translocadas.

Reconheço na união da linguagem, educação, mobilidade e raça o grande espaço encruzado de (des)(re)centralização desta tese. Contudo, vive-se um momento de grande discussão do conceito de raça e de tudo que dele derive. Assim, não me furtarei da discussão, visto sua necessidade e a certeza de que “a consciência racial não é contagiosa, nem herdada” (EDDO-LODGE, 2019, p.94).

A ideia de raça é um conceito criado a partir da branquidade⁷, que se compreende(u) como padrão, frente a tudo que não representava a sua imagem e semelhança. Por assim dizer, a raça não foi convidativa, não pediu licença; sua presença está alicerçada na imposição. O racializado “[...] não queria esta reconsideração, esta esquematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente” (FANON, 2008, p. 106). Mas não foi possível. No período das dominações europeias, a cada encontro com pessoas de diferentes peles, cabelos, olhos, unhas, dentes e narizes um *outro* era criado em detrimento do *eu* dominador. “Sou sobredeterminado pelo exterior.

⁶ Trato por não anglófona aquela pessoa originária de um país em que a língua inglesa não seja uma língua oficial, ou seja, um não nativo de região anglófona.

⁷ Utilizo o termo branquidade tendo como base a concepção de Cardoso (2017) pautado em Piza (2000). Nela, o autor relaciona o termo ao branco não crítico e que não reconhece as vantagens que obtém socialmente por causa de sua raça.

Não sou escravo da “ideia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição” (FANON, 2008, p. 108).

Encruzilhadas

Um grande espaço de negação racial. Acredito que foi isso que me fez caminhar na direção que estou hoje. As construções de “todos são iguais” sempre estiveram presentes à minha volta. Da família aos espaços de escolarização, por muitos anos não escutei sobre a valorização das pessoas negras e nem como lidar com as manifestações racistas. As “brincadeiras” no primeiro ciclo escolar eram, muitas vezes, focadas na raça e todos participavam, menos os alvos retintos. Fantasmas do colorismo que não deixavam que crianças negras se vissem negras, pois tinham “traços” brancos. Cabelo bom. Olho claro. Nariz fino – ou menos grosso. Pele... menos preta, encardida, meio suja. Mas, no rádio, ouvir Olodum e Raça Negra era legal! Pesos e medidas diferentes. Como já disse Achille Mbembe, “a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente” (2020, p. 18).

Não a capricho, Sueli Carneiro apontou em *A dor da cor*⁸ (2011) que a ausência de identidade racial e a confusão racial que impera é aceita como própria de nossa natureza, posta sobre o patamar de essência, ao contrário de encará-la como um fenômeno historicamente construído. O *eu* é neutro. O *eu* é padrão. “O neutro é branco. O padrão é branco” (EDDO-LODGE, 2019, p.81).

O *outro* não é merecedor do respeito do *eu*, pois é desigual. Assim, o *outro* não age como o *eu*; anda com um balanço que assusta; possui dentes grandes como animais selvagens. “O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio” (FANON, 2008, p. 106-107). Demonstrações muito diferentes do *eu*. Serão os *outros* humanos? “[...] O menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio [...]: Mamãe, o preto vai me comer!” (FANON, 2008, p. 107). Trata-los como um *eu* e um dos meus, os humanos? Não, melhor tratá-los ao

⁸ O artigo *A dor da cor* faz parte da coletânea de artigos de Sueli Carneiro intitulada *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*, publicada em 2011. Contudo, o artigo foi originalmente escrito no jornal *Correio Braziliense*, em 17 de maio de 2002.

oposto; melhor dominá-los; melhor desumanizá-los. Dominem suas culturas; os animalizem; mostrem que às culturas do *eu*⁹, o *outro* não existe: “com a dominação cultural [...] o homem e a mulher africanos [foram] degradados à condição de animal. A ideologia da brancura se arvora em valor absoluto. Tudo o mais é a sombra do inexistente” (NASCIMENTO, 2016, p.196-197).

Em meio a tudo isso, emerge, então, o racismo, aquela construção organizada socialmente sob as bases de poderes socioeconômicos, exploratórios e excludentes, com vistas a perpetuar injustiças e domínio social apropriados pela cor; cor esta que é a marca exterior mais visível para o irracional campo do julgamento enraivecido (FANON, 2008; HALL, 2013; EDDO-LODGE, 2019). Na constituição do racismo está a ação proferida por pessoas não negras de desapropriação da possibilidade de uma pessoa negra ser considerada humana. O racismo não apenas segrega, mas também animaliza. Do outro lado da moeda está o privilégio branco. “Se você é branco, sua raça quase certamente afetará positivamente a sua trajetória de vida de alguma forma. E você provavelmente nem vai perceber” (EDDO-LODGE, 2019, p.82). Contudo, como afirma Eddo-Lodge (2019)

Para dismantelar estruturas injustas e racistas, precisamos ver raça. Precisamos ver quem se beneficia de sua raça, quem é desproporcionalmente impactado por estereótipos negativos sobre sua raça e a quem o poder e o privilégio são concedidos – merecidos ou não – por causa de sua raça, sua classe e seu gênero. Ver raça é essencial para mudar o sistema (EDDO-LODGE, 2019, p.80).

Veja raça, como afirmou a autora acima, mas não se deixe cair nas armadilhas do racismo reverso, pois ele não existe. Se o racismo está ligado às questões de raça e a raça branca está na posição de privilégio, como ferir alguém racialmente por sua branquitude? Não, não é possível. A injúria existirá, porque esta existe na ordem da individualidade. O racismo, a marca coletiva da racialidade, não. Não tente dominar a dor que está aquém de sua vida. Aquém de um olhar que antes mesmo de saber quem eu sou me nomeia com a marca de minha pele. Não, racismo reverso não existe. Contudo, antes de pesar essa

⁹ Sueli Carneiro aprofunda as discussões sobre o *outro* e o *eu* hegemônico em sua obra “Dispositivo de racialidade” (2023).

afirmação, fortaleça a reflexão sobre a legitimidade do racismo estrutural e de uma história pautada na dominância racial branca.

Não busco trazer discussões como as apresentadas até aqui para servir como ensinamento a pessoas brancas. Vejo necessárias tais abordagens para “repensar as interpretações clássicas sobre nossa sociedade uma vez que essas raramente tratam a dimensão racial como elemento central à dinâmica social brasileira” (SILVA, 2017, p. 19) e para que possam ser questionadas performances narrativas estereotipadas e ditas como verdadeiras, pois “[...] nascemos em um roteiro já escrito que nos diz o que esperar de estranhos devido à sua cor de pele, sotaques e *status* social, toda a humanidade é codificada como branca” (EDDO-LODGE, 2019, p.81). Ao longo do tempo nos construíram como *outro*, na ordem do temor, do suspeito e da ameaça. E por qual motivo? Porque “aqueles que são codificados como uma ameaça [...] não são brancos” (EDDO-LODGE, 2019, p.81). Lutamos para que nossas vozes e nossos corpos sejam compreendidos pelo que performamos. Lutamos para que não sejamos os *outros* da sociedade brasileira.

Nesta tese não terá *outro*, não terá *eu*. Terá um *nós*. *Nós* que me constitui como pessoa. Que me mostrou a duras penas que a palma da mão clara não me colocava em lugar de superioridade, pois o que para além da palma estava, negro era. *Nós* de amores e de dores; de aproximações e afastamentos; de influências e desgostos, mas, acima de tudo, que encruzou questionamentos. *Nós* nos fazem pensar, para que só assim possamos desfazê-los.

Carrego cruzos e me recrio neles. Sou porque somos. Sou professor e carrego os caminhos performativos que mexem com meu olhar de professor. Andanças múltiplas, diversas e questionadoras. Ando, volto e retorno sem ser o mesmo, pois nos processos diários de sala de aula nos refazemos. É em meio a estes processos que notamos que somos somatório de forças, de representações, daqueles que já vieram – ou que ainda estão conosco – e sabiamente nos mostraram os caminhos do pensar. Não lembro necessariamente os nomes daqueles que me antecederam a frente das turmas de que eu participava, mas sei do muito que fizeram, como fizeram, dos exemplos a serem replicados e daqueles a serem questionados e, muitas vezes, excluídos dos espaços educacionais. Vejo que também fui quando não

necessariamente lembram meu nome, mas que reproduzem os momentos e múltiplas aprendizagens.

Sou uma voz do sul. Do sul de um estado racista que constantemente nos mostra quais os motivos de estarmos aqui. Filho de uma princesa, a Princesa do Sul¹⁰, que até nos garante cama, mas não nos conforta como iguais. A princesa que alforria, com um punhado de sal em nossas costas empurradas pelas doces chibatas. Notas de ontem reorganizadas no hoje. A princesa se tornou sociedade. O sal se converteu em invisibilidade das comunidades negras. Mas a chibata segue ardendo, agora através de palavras e demonstrações racistas que nos acometem a cada nova manifestação, a cada nova busca por direitos, muitas vezes mínimos, e a cada reverberar de vozes não quistas pelo norte global e seus herdeiros. Ainda que sejamos a maioria da população, seguimos nos alimentando das sobras da Casa Grande.

Sou aluno. De uma faculdade ainda elitista, mesmo com um bom trânsito de *nós*, pós reformas de igualdade. Em um prédio alvo, que antes era um frigorífico, e, por isso, precisava demonstrar limpeza. Branco. Limpeza. Frio. Acho que nisso não evoluímos. Seguimos em um espaço amplamente branco, limpo daqueles que não são herdeiros do centro-oeste europeu e, mais do que tudo, frio. Mas nela cresci e me constituí. Aprendi muito mais sobre aqueles que socialmente me cercavam e pude me compreender dentro do movimento de negritude. Há algo quente em meio a lugares frios.

Me volto a meu espaço de curso. Um espaço que fala de línguas, de literaturas, que transita entre as interdisciplinaridades, mas que se atém muito pouco às questões sociais. As discussões em relação aos grupos minoritários por direitos muito dificilmente aparecem. Questionar o machismo nas construções e produções da área, as nulas representações dos negros nas sociedades estudadas, a invisibilização indígena e das suas tantas línguas pertencentes ao território brasileiro, ou as discussões sobre os caracteres hegemônicos das línguas não são constâncias. A falta de docentes negros na instituição deve ser um bom ponto para que as discussões não ocorram. É difícil

¹⁰ A cidade de Pelotas, localizada no Rio Grande do Sul, onde nasci, me criei e estudo, é conhecida como a Princesa do Sul.

falar das dores que não conhecemos ou que apenas as vemos com nossos binóculos.

Só me cabe trazer para dentro da academia estas discussões que tanto me movimentam. Problemáticas que são resultado do todo do *nós*, das formações das vidas, das batalhas antirracistas e anti-hegemônicas que tivemos que movimentar nesse ponto do sul global. Afinal de contas, *nós* não fomos construídos na racialidade para sermos criadores de teorias ou de agentes reais da *práxis*. Quando nos disseram *NEGROS!*, disseram *me sirva* e muitos assim tiveram que servir. Hoje, olhamos o passado não com menosprezo ou com pena, mas com olhos ávidos, negrocêntricos e pautados no viés da negritude. Trago nessa tese as inquietudes que me movem e que me perfizeram como pessoa ao longo desses anos, voltados, na maior parte deles, para a docência, para a racialidade e para os questionamentos das hegemonias sociais. Aqui estou. Aqui estamos.

Como apresentado anteriormente, ainda nesse capítulo, tempo e espaço são fundamentais para compreender as manifestações performáticas dos mais diferentes grupos sociais. Nesta ótica, no capítulo seguinte aponto quando e onde nasceu essa escrita, percorrendo os caminhos da política nacional e o trato desta com a epidemia de Coronavírus que tanto assolou as comunidades negras no Brasil.

3. QUANDO E ONDE NASCE ESSA ESCRITA

O período de produção deste trabalho é muito importante para a compreensão de seu todo, bem como as manifestações que vêm sendo publicizadas por autoridades e população em geral sobre diversos assuntos. Contudo, todos eles giram no entorno da (não) observação do princípio da dignidade da pessoa humana, das suas singularidades e representações junto de grupos sociais diversificados, e, com especial foco, nas mostras de racismo e injúrias raciais, evidenciando a presença da necropolítica (MBEMBE, 2020) nas discussões do dia a dia brasileiro.

Compreender o momento de produção desta tese é importante pois, neste trabalho, objetivo discutir quais caminhos performativos e temas-encruzilhadas podem ser mobilizadas nas narrativas de professores negros, migrantes, não anglófonos, com vivência em universidades públicas brasileiras quando observadas sob os vieses da raça, língua(gem) e migração. Assim, sem que possamos analisar com olhos bastantes críticos o período de escrita de minha tese, pode-se crer que a temática é desnecessária ou minimamente incipiente. Contudo, através da análise da conjuntura a seguir, será possível concluir que um trabalho em que as vozes negras migrantes sejam protagonistas se faz urgente quando tentam deixá-las afásicas.

Em meio às conturbações políticas vividas no Brasil, ainda tivemos a chegada de uma pandemia que dizimou parte da população e colocou uma grande quantidade de pessoas em situações de vulnerabilidades devido às características da enfermidade gerada pelo Coronavírus.

Pensando nisso, busco caracterizar as duas principais situações que julgo pertinentes entre o período de 2018 e 2022, intervalo de tempo que compõe o nascedouro desta escrita: o contexto político brasileiro e a pandemia do Coronavírus.

3.1. Brasil: contexto político

Entro no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPel no segundo semestre de 2018, dando o pontapé inicial na escrita desta tese. À frente do principal cargo brasileiro estava o presidente Michel Temer, empossado em 31 de agosto de 2016, após a efetuação do golpe parlamentar¹¹ sobre a então presidenta Dilma Rousseff. Ainda que possa parecer apenas uma manifestação de ativismo político-partidário, expor esta informação significa trazer à tona um projeto político para o Brasil voltado ao favorecimento dos mais abastados e a desvalorização e invisibilidade dos grupos minoritários em termos de direito (RIBEIRO, 2017), bem como de grande parte das políticas públicas voltadas à promoção de igualdade, atingindo diretamente todos que circulam nesta tese de maneira direta ou indireta.

O projeto político excludente de centro-direita, iniciado por Michel Temer, teve como ponto alto a eleição de Jair Bolsonaro para o cargo de presidente da república, em 2018. A eleição deste trouxe não apenas um governante de extrema direita para o Palácio do Planalto, mas também uma voz de consentimento ao conservadorismo¹², culminando em importantes desmontes das agendas de desenvolvimento sociais nos anos decorridos.

Sob a justificativa de “liberdade de expressão”, Jair Bolsonaro promoveu narrativas preconceituosas a diversos grupos sociais e pessoas públicas. Entre as inúmeras manifestações, em uma *live* ocorrida no dia 10 de setembro de 2020, Bolsonaro se referiu a uma situação ocorrida em que foi chamado de misógino. Após afirmar que não sabia do que se tratava, pediu a um assessor para buscar o significado da palavra, para compreender se era um xingamento ou um elogio. Ainda na *live*, após perguntar a partidários que estavam no espaço

¹¹ Ainda que legalmente considerado um *impeachment*, me apoio na condição de golpe parlamentar, já que este “derruba governos legitimamente eleitos e impõe reformas que reduzem drasticamente políticas públicas, cuja fundamentação se encontra no cumprimento de determinações constitucionais. [...] Dado que o meio usado foi o Legislativo, bastava somar os dois termos golpe e parlamentar” (PEREIRA, 2019, p.24) para que a nomenclatura fosse criada, estipulando, assim, uma diferença entre o golpe de Estado, que ocorre quando há uso aberto da força física.

¹² Ainda que alguns autores façam uso do termo neoconservadorismo para essa nova vertente de extrema direita, farei uso apenas do termo conservadorismo.

de gravação se sabiam do que se tratava o verbete e se estes eram misóginos, Bolsonaro debochou com um deles afirmando que “se você não gosta de mulher, você gosta de homem” (BOLSONARO, 2020).

Em outra ocasião, durante um café com jornalistas de diversos veículos de imprensa, Bolsonaro afirmou que o Brasil não pode ser um país de turismo gay, pois aqui existem famílias. Em contrapartida, que os turistas ficassem à vontade se quiserem vir ao país para prática de sexo com mulher. As informações deste encontro foram apresentadas por jornalistas da revista *Crusoe*¹³ que estavam no café da manhã do dia 25 de abril de 2019. Ao trazer tal referência, Bolsonaro expõe todas as partícipes da sociedade, em especial aquelas que vivem em situação de vulnerabilidade social, sabidamente, de maioria negra.

As mostras de preconceito de Jair Bolsonaro ocorreram mesmo antes de sua eleição à presidência. Durante seus mandatos como deputado federal, frases como “não existe essa historinha de estado laico [...] o estado é cristão” (DIÁRIO, 2018); “as minorias têm que se curvar às majorias[...] se adequam ou simplesmente desaparecem” (DIÁRIO, 2018); “[o policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado” (ELEIÇÕES, 2018); “o afrodescendente mais leve lá [no quilombo] pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais” (CONGRESSO, 2018) são ditas constantemente, independentemente do local em que esteja ou quem esteja a seu lado. Dentre as mais emblemáticas, está a frase desferida contra a deputada federal Maria do Rosário, quando em uma entrevista para uma rede de televisão, Bolsonaro falou que jamais estupraria a deputada, pois ela não merecia¹⁴. Na ocasião, Bolsonaro ainda desferiu uma série de xingamentos rumo à parlamentar.

As narrativas apresentadas até aqui demonstram como o ex-presidente do Brasil promoveu a intolerância, o preconceito, a xenofobia e o racismo em relação a diferentes grupos sociais através de “formas contemporâneas que

¹³ Disponível em <https://crusoe.com.br/diario/brasil-nao-pode-ser-o-pais-do-turismo-gay-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

¹⁴ Disponível em <https://youtu.be/LD8-b4wvljc>. Acesso em: 20 dez. 2022.

subjugam a vida ao poder da morte¹⁵” (MBEMBE, 2020, p. 71), ou seja, através da necropolítica. Contudo, para demonstrar que se trata de uma agenda de política conservadora e não de ações proferidas por apenas uma pessoa, ainda que a aqui citada tivesse uma posição de presidente da república, trago algumas narrativas de ministros do governo Jair Bolsonaro.

Considerado o ministro símbolo do governo Jair Bolsonaro e braço direito do ex-presidente, Paulo Guedes, responsável pelo Ministério da Economia, protagonizou narrativas de tanto preconceito quanto as apresentadas por Bolsonaro. No início de 2020, Guedes chamou a atenção ao dizer que “era todo mundo indo pra Disneylândia, empregada doméstica indo pra Disneylândia, uma festa danada” (JORNAL, 2020), mostrando-se a favor da alta do dólar. O ministro, partidário das privatizações e valorização dos bens privados, discrimina o feito de pessoas com menor poder aquisitivo estarem usufruindo de viagens, sem nem mesmo considerar a geração de renda para o tesouro nacional que isso envolve. Como a grande maioria das empregadas domésticas em contexto nacional são mulheres negras, vê-se a fala do ministro como bastante racista e machista.

Quando presente no Fórum Mundial de Davos, na Suíça, em 2020, Guedes fez menções ao meio ambiente e a necessidade de destruí-lo, demonstrando uma legalidade tão destruidora quanto sua fala. O ex-ministro afirmou que “as pessoas destroem o meio ambiente porque precisam comer” (SBT, 2020). Não sendo o bastante para o momento, Guedes ainda fez questão de dizer que “não [se] tem um meio ambiente limpo porque as soluções não são simples, são complexas” (SBT, 2020).

Outro ministério que chamou bastante atenção no governo de Jair Bolsonaro foi o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH), liderado por Damare Alves. Ao contrário do que se poderia pensar, as principais investidas desse ministério não estão ligadas à promoção do cuidado e valorização dos direitos humanos, mas sim na discriminação de pessoas que não se enquadrem nos ideais de mulher e família brancas, cristãs,

¹⁵ A morte aqui pode ser analisada pelo viés da imaterialidade da vida ou do ponto de vista da morte simbólica. Como afirma Achille Mbembe (2020, p.70), “[...] a morte é precisamente aquilo pelo que e sobre o que tenho poder. Mas também é esse espaço em que a liberdade e a negação operam”.

heterossexuais, abastadas... por assim dizer, as “engrenage[ns] normatizada[s] e normatizadora[s de] padrões sociais [que] são criados e constantemente reforçados e reproduzidos” (MIRANDA, 2017, p. 63).

Com poucos dias à frente do MMFDH, Damares Alves já conseguiu proporcionar falas bastante preconceituosas como “é uma ‘nova era’ no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa” (PODER, 2019). De maneira impositiva e discriminatória, a responsável em nível nacional pela proteção e valorização de todos os seres humanos foi contra vários artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH – (ONU, 1948) e da Constituição da República Federativa do Brasil – CF – (BRASIL, 1988). A frase da ex-ministra, acima de tudo, rompeu com a relação de igualdade apresentada na DUDH e na CF, respectivamente nos artigos 2º e 5º.

Damares Alves teve seu nome envolvido no caso de uma menina capixaba, de 10 anos, que praticou um aborto legal. Tendo sido vítima de estupro, a menina buscou a polícia e um hospital para que ocorresse o aborto, porém os médicos do hospital para onde a encaminharam negaram-se a realizar a ação. Além disso, algumas pessoas foram ao local para protestar sobre a prática do aborto. A identidade e a localização da menina foram vazadas por assessores da então ministra Damares, informação que foi rechaçada pela mesma em entrevista ao programa *Conversa com Bial*¹⁶. Ainda no mesmo programa, Damares afirmou que não era contra o aborto, mas que a menina deveria ter feito uma cesárea. Tal ação demonstra contradição frente à pasta de direitos humanos do MMFDH, em detrimento de uma postura religiosa que se opõe ao aborto – no caso, cristã. O aborto só ocorreu após a menina ter sido enviada para Pernambuco, de maneira anônima.

A saga de preconceitos por parte dos ministros de Bolsonaro não acabou nas narrativas de Paulo Guedes e Damares Alves. Ricardo Salles, ex-ministro do Meio Ambiente (2019-2021), contribuiu de forma significativa para a agenda conservadora do governo e para as práticas plenas de silenciamento de grupos

¹⁶ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8866357/programa/?s=0s>. Acesso em: 20 dez. 2022.

minoritários em termos de direito, em especial, as comunidades indígenas¹⁷. Ricardo Salles deu pouca ênfase ao desmatamento e às queimadas ocorridas em demasia na Amazônia e no Pantanal durante sua gestão. Líderes e representantes indígenas vêm sendo constantemente atacados por garimpeiros e madeireiros, que buscam dizimar a população e usufruir das terras indígenas para extração ilegal. Zezico Guajajara, Emyra Wajãpi e Aracona Yanomami são apenas alguns dos nomes que foram brutalmente assassinados durante a defesa de suas terras.

Salles não buscou um diálogo com as comunidades indígenas e suas propostas de cuidado com o meio ambiente foram incompatíveis com as informações que órgãos como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE – comunicaram. Somente no ano de 2020, 23% do Pantanal foi queimado. A falta de brigadistas e a falta de políticas de manejo de fogo estavam entre os principais entraves para a contenção do fogo. Cabe salientar que os focos de incêndio no Pantanal em 2018 foram de 1691, subindo abruptamente para 10025 em 2019 e 22116 em 2020¹⁸. Ao passo que tudo isso acontecia no meio ambiente brasileiro, Salles proferia narrativas voltadas à aprovação de “reformas infralegais de desregulamentação, simplificação, todas as reformas [...] e *ir passando a boiada*¹⁹, ir mudando todo o regramento e simplificando normas de IPHAN²⁰, [...] ministério disso, de ministério daquilo” (SALLES, 2020), como na reunião ministerial de 22 de abril de 2020. Salles solicitou exoneração do ministério, sendo atendido em 23 de junho de 2021, após seu nome tornar-se alvo de investigações de crimes ambientais.

Enfatizo também o papel e as narrativas apresentadas pelos representantes do Ministério da Educação (MEC). O MEC foi conduzido de maneira bastante negligente, como em grande parte dos ministérios, com a

¹⁷ No atual governo, a Fundação Nacional do Índio – FUNAI – foi deslocada do Ministério do Meio Ambiente para o Ministério de Justiça e Segurança Nacional.

¹⁸ Em 2021 o número de focos de queimadas caiu para 8258 e para 1575 em 2022. Todos os dados sobre as queimadas podem ser acompanhados pela página do INPE, disponível no endereço <https://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/bdqueimadas>. Acesso em 20 dez. 2022.

¹⁹ Grifo nosso.

²⁰ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

passagem de várias pessoas como responsáveis legais, influenciando, de maneira direta ou indireta, o desenrolar desta tese.

Até o fim do governo Bolsonaro, o MEC teve 4 ministros: Ricardo Vélez (1 de janeiro de 2019 – 8 de abril de 2019), Abraham Weintraub (9 de abril de 2019 – 19 de junho de 2020), Milton Ribeiro (16 de julho de 2020 – 28 de março de 2022) e Victor Godoy Veiga (14 de abril de 2022 – 31 de dezembro de 2022). O cargo esteve vago por 25 dias entre a saída e a entrada, respectivamente, de Abraham Weintraub e Milton Ribeiro. Além destes, duas tentativas de nomeação para o cargo aconteceram: Carlos Alberto Decotelli, que, inclusive, teve seu nome apresentado no diário oficial, mas teve sua nomeação tomada sem efeito após denúncias em relação a sua formação, e Renato Feder, que desistiu três dias a contar do convite para o cargo. Já Victor Godoy Veiga aceitou ao cargo de maneira interina com a saída de Milton Ribeiro e no decorrer do período foi oficializado no posto de ministro.

Torna-se interessante observar que fora o atual ministro, todos os ministros efetivos produziram falas preconceituosas. Ricardo Vélez, em entrevista à revista *Veja*, de 1 de fevereiro de 2019²¹, afirmou que “o brasileiro viajando é um canibal. (...) Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião. Traz tudo de lembrança. Ele sai da porta de casa e pode carregar tudo”. Vélez ainda mencionou em outro momento, que compreendia que a universidade não era um local para todos, devendo ficar reservadas apenas para uma elite intelectual (BASILIO, 2019).

Por sua vez, Milton Ribeiro corroborou com as palavras de seu antecessor ao afirmar que a universidade deveria ser para poucos, no sentido de ser útil à sociedade, como informa o site G1²². Disponível no mesmo site, ainda é possível observar a manifestação de Ribeiro em relação a professores trans. O então ministro afirmou que possui receios da presença de professores trans nas escolas, pois estes podem incentivar os alunos a “andarem nesse caminho”. Como é possível observar nas falas apresentadas, Milton Ribeiro se demonstrou

²¹ Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/ouca-o-brasileiro-viajando-e-um-canibal-disse-velez-rodriquez/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

²² Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/06/22/polemicas-de-milton-ribeiro-no-ministerio-da-educacao.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2022.

transfóbico e preconceituoso ao sugerir, respectivamente, que pessoas trans não devam estar à frente de espaços escolares e que a sociedade não deve ser igualitária e com possibilidade de escolha profissional. Assim como Damares Alves, Milton Ribeiro rompeu com a relação de igualdade apresentada no artigo 2º da DUDH e no artigo 5º da CF, sem deixar de lado a nefasta condição de necropolítica demonstrada por todos os representantes do atual governo de extrema direita do Brasil.

Contudo, foi de Abrahan Weintraub o maior número de narrativas preconceituosas e discriminatórias do MEC durante o governo Bolsonaro. Como ministro, Weintraub foi o responsável pela maioria dos cortes de recursos relacionados às universidades, além de caracterizar as universidades públicas como espaços de “balbúrdia”, cheias de sem-terras e pessoas nuas. Não suficiente, em entrevista para o Jornal da Cidade Online, Weintraub demonstrou total desconhecimento sobre espaços universitários ao afirmar que “uma faculdade química era um centro de doutrinação, desenvolvendo drogas sintéticas, metanfetamina porque a polícia não pode entrar nos campi” (WEINTRAUB, 2019). Ainda em relação às universidades públicas, em mesma entrevista, Weintraub afirmou que há plantações extensivas de maconha em algumas universidades. Tais discursos buscam deslegitimar as universidades públicas, as pesquisas desenvolvidas por tais espaços, bem como os profissionais que delas fazem parte. O desmonte e a desvalorização das universidades públicas foram projetos recorrentes do governo em questão.

Mesmo quando os assuntos não eram diretamente relacionados ao MEC, Weintraub conseguiu protagonizar uma cena de desvalorização humana. O então ministro contribuiu para a construção de uma crise diplomática entre China e Brasil ao afirmar que o Coronavírus se tratava de uma criação em laboratório feita pelo Partido Comunista Chinês para vender produtos necessários ao tratamento da doença para todo o globo. A maneira que Weintraub usou para ridicularizar a comunidade chinesa foi a publicação de um *tweet*, em sua conta oficial na rede social *Twitter*²³, como pode ser visto na figura a seguir²⁴:

²³ www.twitter.com/@AbrahamWeint

²⁴ Para mais informações, ver Vieira (2021).

Figura 1 - Publicação de Abraham Weintraub



Fonte: <https://www.bemparana.com.br/noticia/ministro-da-educacao-usa-cebolinha-para-ironizar-chineses-no-twitter#.X2lIn2hKjIU>

O tipo de narrativa proposta por Weintraub não se trata de novidade para períodos de crise, em que erroneamente a xenofobia é valorizada para que ocorram apagamentos de problemas efetivos. Como afirma Mortari (2020, p.111), “em contextos de crises e epidemias a xenofobia tende a se intensificar, pois o medo do desconhecido que prevalece nas sociedades costuma ser traduzido na busca por um ‘bode expiatório’” e, neste caso, não foi diferente.

A construção do bode expiatório para o ex-ministro representa o papel do dominador em relação ao *outro* que, aqui, é representado pelas construções não ocidentalizadas, não cristãs e comunistas²⁵. Aproximar a dislalia do personagem

²⁵ O termo comunista foi um vocábulo comum dentro do governo de Jair Bolsonaro. Para o presidente e seus aliados, o termo possuía uma conotação negativa, que se opõe a todos os

Cebolinha das histórias da Turma da Mônica com a pronúncia da comunidade chinesa é a maneira de Weintraub ridicularizar todo um grupo de pessoas, criando uma totalidade no *outro*. Por assim dizer, a partir de tal construção, a China é comunista; todos os chineses são comunistas; logo, todos que carreguem marcas do *outro* chinês são inimigos do Brasil. Como dito anteriormente, o projeto não é novo. Serviu contra negros e indígenas em outros momentos e Weintraub tentou o mesmo com chineses.

De maneira geral, busco aqui demonstrar como uma agenda despreocupada com as problemáticas sociais momentaneamente tomou conta do Brasil. Do outro lado estavam todos os ridicularizados e alvejados por preconceitos, descuidos, desvalias, muitas vezes tendo suas existências negadas, e observando a falta de promoção de políticas públicas voltadas a seus grupos minoritários em termos de direitos. Aliada à agenda governamental, estava a invisibilização e o sucateamento dos serviços públicos, com foco nas universidades públicas e naqueles que delas pertencessem.

E das tantas vozes ministeriais, quantas delas foram negras no governo de Jair Bolsonaro? Apenas o quase ministro da educação Carlos Alberto Decotelli. Em outras palavras, pode-se compreender quem são as comunidades que possuem prioridade no governo pela composição dos ministérios e pelas desigualdades de uma sociedade que ou “é democrática para todas as raças e lhe confere igualdade econômica, social e cultural, ou não existe sociedade plurirracial democrática (FERNANDES, 2016, p. 19). O que pode parecer “apenas escolhas” compõe o tecido do racismo estrutural e institucional brasileiro.

Em consonância à visão de governo de Jair Bolsonaro e seus ministros, um feito fez com que todos os problemas estruturais brasileiros – bem como os mundiais – eclodissem: a pandemia do novo Coronavírus. Parte fundamental do contexto político nacional e responsável por tomadas de decisão desta tese, mostrarei, a seguir, alguns reflexos da pandemia em termos sócio-políticos-educacionais.

valores que seu conservadorismo pregava. Um local, uma pessoa ou uma doutrina que se alie ao comunismo é um potencial rival de valores que seu conservadorismo prega. Um local, uma pessoa ou uma doutrina que se alie ao comunismo é um potencial rival do governo.

3.2. Mudando e retirando vidas: a pandemia do Coronavírus

2020 foi o ano em que foi declarada a maior pandemia dos tempos modernos. Assistimos, atônitos, à chegada de um vírus e, enquanto buscávamos compreender suas marcas e como agir, ou mesmo o que não fazer, vidas foram sendo perdidas. Assim, rápido, viramos reféns do Coronavírus.

O mundo ocidental, que não acreditava que o vírus chegaria em suas casas, pois o “mal” por aqui não chega, começou o ano de 2020 normalmente, assistindo de camarote às primeiras infecções e mortes no oriente, ainda no final de 2019. Contudo, a normalidade foi sendo estagnada, cidades foram sendo fechadas, o ensino encontrou o caos da dúvida e nossos rostos começaram a tomar a mesma forma: a forma de máscaras.

Distanciamento social, cuidados extremos com a limpeza, máscara nas poucas saídas de casa, toque de recolher... tudo encaminhava para um possível controle da situação. Mas, como controlar esse vírus? Corrida farmacêutica em diversos países, tentativas de medicamentos que amenizassem os sofrimentos dos contaminados, laboratórios das mais diversas instituições funcionando dia e noite na busca de soluções paliativas e vacinas. Enquanto isso, mortes. Muitas mortes. Inúmeras mortes.

Apesar de contraditório, a pandemia trouxe à vida um grupo de pessoas que já vinha tentando sustentar suas simbólicas narrativas, embora suas justificativas sejam constantemente rebatidas: os negacionistas. Não há vírus. Não há doença. Não há mortes. Não há trânsito de vírus entre países. Não haverá mortes onde vivo. Somente pessoas com outras comorbidades²⁶ morrem. Existem alimentos que afastam o vírus. Não quero ir para o hospital apesar dos sintomas. Estou acometido, mas não quero tratar. Não quero vacina. Não quero morrer.

O inesperado se tornou parte do cotidiano e mudar tornou-se parte do dia a dia. Me parecia inesperado alguém negar a pandemia, mas algumas pessoas

²⁶ A pandemia colocou na boca de cidadãos de todas as classes sociais termos técnicos da saúde. Elementos nunca antes usados tornaram-se triviais. Comorbidades é um desses termos.

diziam (e ainda dizem) que ela nunca existiu. Trabalhar – onde, quando, como, ganhando quanto. Estudar – sim, não, onde, quando, como – possuir o mínimo de condições para a prática do estudo, possuir rede de internet, possuir casa, ambiente tranquilo em casa, sanidade e concentração. Carro do ovo, cachorro latindo, briga de vizinhos, banho em legumes, “o microfone está desligado” e “é... acho que travou mesmo”. Frases que compuseram o tecido social pandêmico e que, ainda hoje, demarcam espaços nas nossas vidas.

A pandemia trouxe a necessidade de formular e reformular vidas. Muitos empregos se destroçaram, empresas fecharam e nunca se ouviu falar tanto em empreendedorismo. “Administrador de multinacional perde emprego e empreende vendendo sabonetes de glicerina. A produção é toda feita em seu novo apartamento: um *kitnet* alugado após perder a casa para a justiça”. Narrativas como esta puderam ser ouvidas diariamente na mídia nacional. Neste quesito, pela primeira vez, aumentaram no Brasil o número de empreendedores negros. A qual custo? Ao custo de viver. Empreender, nesse caso, foi sobre viver e sobreviver. A fórmula parece simples:

$$\text{EMPREENDER} = \text{SOBREVIVÊNCIA}$$

Mas, na fórmula, a variável SOBREVIVÊNCIA deve ser calculada da seguinte maneira:

$$\text{SOBREVIVÊNCIA} = \text{NECESSIDADE} + \text{DESESPERO}$$

A pandemia nos ensinou que nem todas as fórmulas são exatas e que de nada adianta empreender ou se desesperar se não houver ar. E com a falta de ar – principal sintoma da presença do Coronavírus no corpo – tubos, respiradores mecânicos e covas individuais ou coletivas foram o que restou sobre a vivência. Famílias inteiras ou parte delas se perderam ao longo do período crítico e pós-crítico de pandemia. Novos arranjos tiveram necessidade de ser construídos. Grupos familiares foram reformulados. Na mesma casa, o ar faltou para um e este se foi. Horas, dias, semanas, meses depois, mais um, dois... duras marcas que carregaram em sua grande maioria, pessoas negras, negros problemas e negros dramas.

A pandemia trouxe a morte a todos os grupos sociais e a todos os continentes. Especialmente no Brasil, a primeira morte foi de uma mulher negra.

Cleonice Gonçalves, trabalhadora doméstica, contraiu Coronavírus na casa dos patrões, durante sua prática trabalhista, pois o trabalho doméstico foi enquadrado como atividade essencial. Essencial, pois ninguém pode lavar uma louça, roupa ou mesmo arrumar e limpar o próprio banheiro. Essencial porque os corpos que desse contexto fizeram/farão parte são negros e periféricos. Essencial porque para as mulheres negras sustentarem suas casas nas periferias não deve haver empecilhos. *Eles* dizem que estas mulheres são “guerreiras”. Guerreiras estas que cuidam de tudo e todos, mas possuem menores possibilidades de cuidar dos seus e de si.

Na cidade de São Paulo, a capital brasileira com o maior número de negros, segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 40% das mortes ocorridas em decorrência do Coronavírus foram de negros, porém do sexo masculino (PECHIM, 2020). Como já mencionado, sabe-se que entre os grupos sociais mais vulneráveis no Brasil, a maioria da população é negra. Na maioria das vezes, estes grupos não possuem condições mínimas de cuidado e isolamento, por viverem com muitas pessoas em poucos metros quadrados e, muitas vezes, em condições sanitárias precárias. A mortalidade que sempre foi em maior quantidade negra, durante a pandemia alcança novos picos. As informações silenciadas pelo MS silenciam também os rostos de quem são as vítimas da pandemia.

Questões migratórias também passaram por um silenciamento, no contexto da pandemia no Brasil. Se os números não eram abertos em relação à raça, quando se falava em migração os números não apresentam melhoras. A inserção de um campo de nacionalidade nas plataformas de controle do Sistema Único de Saúde (SUS) já ajudaria na obtenção de dados. Fato é que muitos migrantes encontram dificuldades de acesso aos serviços de saúde, em parte por questões legais.

Outro ponto que requer observação é que “em grande medida, migrantes se inserem no mercado de trabalho dos países de residência de maneira informal. E, quando formalizados, na maioria das vezes executam trabalhos considerados essenciais” (BERSANI et al., 2020), e que trabalhadores de serviços essenciais foram mais expostos à contaminação e, consequentemente, à morte.

A saída do Brasil do Pacto Global de Migrações, sob alegações do ex-ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo, de que a “imigração não deve ser tratada como questão global, mas sim de acordo com a realidade e a soberania de cada país”, como noticiado pela BBC News Brasil²⁷, demonstrou a valoração e cuidados que o Estado brasileiro não desejava empregar aos migrantes que aqui viviam e nem aos brasileiros em situação de imigração. As narrativas promovidas pelo Estado sobre o Coronavírus invalidam a condição dos migrantes, desumanizando-os.

Construções como “o vírus estrangeiro”, trazidas à tona pelo ex-presidente norte americano Donald Trump e revalidadas por Jair Bolsonaro, abriram um espaço de discussão sobre acolhimento estrangeiro e xenofobia. Como resultados de tais falas, emergiram de extremistas execrações contra migrantes que, assim como toda população mundial, não possuíam relação alguma com a proliferação do vírus.

Mas, se o momento era de isolamento, como ocorriam tais feitos? Pode-se dizer que a pandemia trouxe um reforço para a comunicação midiática da política. As informações raramente saíam antes nos meios legais e oficiais do que nas redes sociais. O ex-presidente da república daquele período já fazia isso antes da pandemia, transformando o Diário Oficial da União – DOU – em um mero replicador de informações já apresentadas virtualmente a quem o acompanhasse. As quintas-feiras tornaram-se o dia oficial da comunicação via redes sociais, transmitindo ao vivo discussões sobre os mais distintos assuntos. A pandemia apenas potencializou tudo isso. A necessidade de se fazer entender fez um ir e vir de informações, pulverizadas em segundos, algumas verdadeiras e outras falaciosas.

A pandemia nos mostrou que as comunicações por meios virtuais foram, e seguirão sendo, uma constante em nossas vidas. Nunca se usou tanto a internet. Plataformas, aulas, trabalho, aplicativos, redes sociais, palestras e *lives*, todos os dias, a todo momento, quase um *looping*. Todos buscando maneiras de se comunicar com alguém, conhecido ou desconhecido. Que ironia! TODOS. Não, nem todos. Os hospitalizados acometidos pelo vírus, aqueles que vivem em

²⁷ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802258>. Acesso em: 20 dez. 2022.

regiões em que o sinal de internet não existe, aqueles que simplesmente não possuíam condições financeiras de ter aparelhos tecnológicos, sobreviventes do dia a dia, estes não são todos. Nem todos foram todos.

Reconheço que pude ser *todos*, principalmente em relação à comunicação, com meios e aparatos que me colocam à disposição uma série de pessoas falando para mim. Nesse ponto, a comunicação me proporcionou o deleite de ouvir e conversar com pessoas em locais que não conheço no Brasil e no mundo. A pandemia me proporcionou encontrar pessoas, fazer entrevistas e criar material para esta tese. Muito do que está ao longo dessas páginas é fruto da pandemia, das *lives* com/sobre pensadores diversos, de conversas aleatórias com pessoas do meio e com amigos, orientações e simples conversas com a orientadora, seja em situações de felicidade ou de tristeza, afinal de contas, a pandemia também nos trouxe a incerteza dos sentimentos.

Como já apresentado anteriormente, a comunicação de alguns membros do governo nacional 2019-2022 apresentou momentos de preconceito e discriminação, como no caso de Abraham Weintraub e a comunidade chinesa. Em outros momentos, foi a busca por tapear um problema que tomou as frentes de comunicação, como o discurso de Jair Bolsonaro, no qual o ex-presidente chamou a pandemia de “gripezinha” e “resfriadinho”²⁸. Muito leve essa “gripezinha” que ceifa vidas daqueles que não possuem como opção ficar em casa. Daqueles que têm a fome batendo em suas portas. Daqueles em que a situação de vulnerabilidade é a denota quem são. Eles são nomeados por algo que ninguém perguntou se queriam. Já vimos este filme. Olha a colonialidade aí, novamente mostrando o encontro entre raça e dominação. Os resultados a necropolítica já nos mostrou. Pena seguir mostrando.

Outro momento de tentativa de tapear a situação de pandemia foi a proposta de Damares Alves, responsável pelo MMFDH, para o concurso *Pequenos heróis contra o vilão coronavírus*. O governo que se demonstrava despreocupado com a pandemia resolveu propor um concurso, que possuía como premiação ir ao Palácio do Planalto conhecer a ex-primeira-dama Michelle

²⁸ Disponível em <https://youtu.be/deRVsj4soUA>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Bolsonaro e a ex-ministra Damares Alves, e apresentava como objetivo para tal concurso:

Art. 1º - [...] reconhecer, incentivar e premiar, enquanto boa prática de interação familiar, durante a situação de emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19), a produção artesanal e caseira de máscaras de proteção facial, para uso próprio, confeccionadas por crianças a partir da relação lúdica com seus pais, mães ou responsáveis (BRASIL, 2020).

Ao contrário de um enfrentamento direto em relação aos problemas relacionados à pandemia, propostas pouco significativas foram apresentadas pelo governo, como pode ser visto no chamamento do concurso do MMFDH. Enquanto isso, campanhas relacionadas ao combate à violência doméstica contra mulheres e crianças - comuns em lares negros e com menor poder aquisitivo - eram apresentadas com pouca relevância. Ainda que diversos espaços midiáticos e Organizações Não Governamentais (ONG) trouxessem à tona o crescente de violências dessa natureza, maiores discussões não foram feitas pelo governo brasileiro.

A comunicação foi a responsável pela dança das cadeiras ocorridas no Ministério da Saúde (MS) 2019-2022. O ministério responsável pelas tomadas de decisão durante a pandemia passou por trocas de comando mais de uma vez no governo Bolsonaro. Ao total foram 4 ministros: Luiz Henrique Mandetta (1 de janeiro de 2019 – 16 de abril de 2020), Nelson Teich (17 de abril de 2020 – 15 de maio de 2020), Eduardo Pazuello (interinamente no período de 2 de junho de 2020 – 13 de setembro de 2020 e oficialmente entre 14 de setembro de 2020 – 23 de março de 2021) e Marcelo Queiroga (empossado em 23 de março de 2021 – 31 de dezembro de 2022).

As trocas no MS se deram, basicamente, por motivos relacionados à comunicação. Mandetta informava a população de que o isolamento e o uso de máscaras eram imprescindíveis para uma tentativa de diminuição de chances de contágio. Em contrapartida, Jair Bolsonaro afirmava que era apenas uma “gripezinha”, sem necessidade de isolamento e fechamento de comércio não essenciais e que medicamentos sem comprovação científica serviriam para

prevenir o Coronavírus. Comunicações adversas e falta de coerência nos rigores científicos adotados acarretaram na primeira baixa do ministério.

Nelson Teich aceitou o cargo no dia seguinte à saída de Mandetta, com um discurso pautado no apoio ao presidente, mas com diálogo franco com as aplicações científicas. O crescimento do número de casos e mortes, as constantes recusas em contrariar evidências científicas para relaxar a orientação de isolamento social solicitadas pela presidência, assim como as negativas de recomendação do uso da cloroquina, construíram um cenário de inviabilidade entre a presença de Teich a frente do ministério e as manifestações de Jair Bolsonaro. Cai mais um ministro.

Ao longo das passagens de Mandetta e Teich, a comunicação sobre os dados da pandemia tenderam a diminuir no MS. Com a saída de ambos, instaurou-se a falta de comunicação entre MS e sociedade quanto ao número de casos e mortes. Fez-se necessário que um grupo de meios de comunicação criassem um consórcio de veículos de imprensa a fim de manter atualizadas as informações sobre a pandemia.

Contudo, uma lacuna se abriu em meio à pandemia: quem seria o novo ministro da saúde? Durante 15 dias o MS esteve sem representante. No início de junho, Eduardo Pazuello foi indicado ao cargo, porém para atuação interina. Mesmo que interinamente, Pazuello possuía status de ministro, o que permitia a tomada de decisões e indicações sobre os passos a serem tomados para o enfrentamento do Coronavírus. No final da primeira quinzena de setembro, Eduardo Pazuello tomou posse, oficialmente, deixando para trás mais de três meses de trabalho interino, 4.000.000 casos de Coronavírus confirmados e mais de 130.000 mortos.

Em acordo à comunicação desenvolvida pela presidência da república com a imprensa e a população, de pouca representatividade, e, quando existente, negacionista, Pazuello demonstrou ser um ótimo aliado do governo, se mostrando fiel às práticas de Jair Bolsonaro. Aprovou a compra de uma grande quantidade de medicamentos sem eficácia comprovada contra o Coronavírus, intercedeu de forma pouco propositiva quando solicitado pelos estados para compra de materiais de primeira necessidade para hospitais e contratação de

profissionais da saúde e, principalmente, não facilitou a compra de vacinas ou a produção das mesmas. Tais ações resultaram em mais de 10.000.000 casos oficializados e mais de 246.000 mortes pelo Coronavírus até o fim de fevereiro de 2021²⁹. Até tal período, menos de 3% da população brasileira tinha recebido pelo menos a primeira dose da vacina, segundo o consórcio de veículos de imprensa. Não havia coincidências. O que havia era a grande mão da necropolítica atuando de maneira sistêmica; matando aqueles que podiam e deviam ser mortos para o detrimento da tranquilidade daqueles que possuíam status de escolha sobre permanecerem vivos.

Para sobreviver aos princípios necropolíticos descritos até então, proposto por um governo que se apresentou como um modelo de unidade política, organizado e exibido como ideal de moralidade e racionalidade (MBEMBE, 2020), deveremos nos estreitar à assertiva de Bersani et al. (2020), de que “só estaremos individualmente seguros na medida em que estivermos coletivamente seguros”, pois, enquanto uma pessoa em situação de vulnerabilidade necessitar de cuidado, todos precisaremos. Até o final desta tese, nós, brasileiros, não estamos vacinados na totalidade e constantemente vemos mais doses de vacinas serem descartadas por estar vencidas.

Ao fim e ao cabo, torna-se necessária a construção de um cenário de constituição de sujeitos e intervenções políticas significativas para todos, que nos mantenha vivos para além de um estado de injúrias, horrores, crueldades e profanidades (MBEMBE, 2020, p. 28); um cenário que desfaça a afasia das vozes coletivas negras que costuram todo o contexto apresentado até aqui. Os primeiros mortos pelo Coronavírus, os mais afetados pela doença, os que mais perderam empregos, os que constantemente aumentam o número de pessoas em situação de extrema pobreza e que a todo momento sofreram com as ações do governo nacional 2019-2022 eram, são e serão negros. Não à toa essa contextualização se faz necessária. Um cenário em que possamos novamente gritar: Ninguém solta a mão de ninguém!

Cabe salientar que no final do ano de 2022, Jair Bolsonaro é derrotado nas eleições presidenciais por Luiz Inácio Lula da Silva, representante do partido dos

²⁹ Os números chegaram a mais de 35.000.000 caso e mais de 692.000 mortes causadas pela Covid até o final de 2022.

trabalhadores e já eleito presidente do Brasil em outras duas ocasiões. A ação rompe com o momento necropolítico apresentado pela gestão responsável até 2022, trazendo agendas de valorização da educação, cultura, saúde e valorização dos múltiplos povos brasileiros; inclui-se a tal processo a criação do Ministério dos Povos indígenas

Até este ponto tentei apresentar um breve contexto da situação sócio-política do Brasil no período de construção de minha tese. As problemáticas que envolvem os grupos minoritários em termos de direitos, incluindo a invisibilização e execução física e moral destes, apresentou-se como uma bandeira política daqueles que estavam responsáveis pela presidência brasileira naquele período. Na contramão a essa situação, na encruzilhada de teorias, raças e vivências, criando espaços de escuta para as vozes daqueles que sofreram com as mazelas da atual gestão política nacional, negros, migrantes e atuantes no serviço público, na área de educação, proponho a seguinte questão de pesquisa: como e quais caminhos performativos e temas-encruzilhadas podem ser mobilizados nas performances narrativas de professores negros migrantes não anglófonos, com atuação em universidades brasileira quando questionados sobre as suas trajetórias durante e antes de suas vivências em universidades públicas brasileiras, tendo como observações as questões de raça, língua(gem) e migração?

Para tanto, apresento a seguir alguns caminhos epistêmicos para a construção deste trabalho, referenciado nas pautas da racialidade, migração e docência, interligadas através de narrativas à linguística aplicada.

4. DISCUTINDO EPISTEMOLOGIAS: LINGUAGEM, RAÇA E CONCEPÇÕES NECESSÁRIAS

Proponho-me nessa seção a discutir algumas conceituações que servirão de base para a problematização da tese. Caminharei por diferentes teóricos na busca da construção de uma costura epistêmica que evidencie como as temáticas da racialidade, migração e docência podem se interligar à linguística aplicada (LA) por meio da análise de narrativas.

A problematização que aqui trago é motivada pelas discussões presentes, em maior número, nas ciências sociais e humanas e que podem ofertar à LA diferentes pensares em relação à linguagem e ao seu papel social. Sendo a linguagem o objeto de estudo da linguística, é preciso trazer para o centro dos estudos linguísticos a “atividade humana, na qual participam indivíduos com seus laços sociais, seus direitos e suas obrigações, e, sobretudo, com seus anseios e interesses que variam de acordo com o momento histórico que se encontram” (RAJAGOPALAN, 2003, p.44). Ciências humanas, sociais e linguística se fundem para valorar os conhecimentos que cada um de nós carregamos de nossas práticas linguísticas na vida social.

Fazendo referência à proposição do ex-ministro da educação Ricardo Vélez, de que apenas as elites intelectuais deveriam ascender a espaços acadêmicos, proponho também o debate sobre quais vozes podem fazer parte da intelectualidade. Não só nesta seção, como ao longo de toda a tese, tento propor a valorização das múltiplas vozes no fazer intelectual, principalmente das vozes negras, socialmente afásicas na maioria dos campos de discussão, principalmente na academia. Trazer para o meio acadêmico essa problemática como parte de minha tese é operar na ótica da transposição de objeto a sujeito ou mesmo do comum termo da “falta de voz” rumo ao fazer-se ouvir. Tais afirmações são de fundamental importância para ratificar que o “trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas” (hooks, 1995, p. 466). A vida intelectual não deve ser um afastamento da vida cotidiana; pelo contrário, deve fazer parte das diversas comunidades em prol de novos olhares, saberes

e vozes. Inspirado em hooks (2013), este trabalho busca (re)ensinar a transgredir e a via escolhida é a da linguagem.

Para que não haja dúvidas sobre as manifestações que farei ao longo desta escrita, apresento a linguagem como a faculdade maior, em relação à língua, responsável por todas as formas de expressão. Esta é composta de linguagens verbais, não verbais e mistas. São nestas composições da linguagem que as línguas se conformam. É na/pela linguagem que construímos e somos construídos de/pelas subjetividades e excedemos as línguas. A língua existe quando há pessoas que colocam em uso essa determinada língua. Sendo a língua parte da linguagem, podemos compreender que:

[sendo] nossos sentidos [...] convencionais, produzidos e sancionados por um processo público, nunca individual [...], a linguagem deve ser entendida como uma atividade, como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos, que produzem efeitos e consequências semânticas convencionais (FABRICIO, 2006, p.57).

Branca Falabella Fabrício (2006) nos faz refletir que, se a linguagem é um sistema de ações simbólicas realizadas através da coletividade, esta, então, deve ser vista como resultado de uma prática social e discursivamente não neutra. Ao estudarmos a linguagem, estudamos socioculturalmente as mobilidades *in loco*; em mesmo sentido, nossas práticas discursivas “envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social” (FABRICIO, 2006, p. 48).

É na/pela linguagem que se consolidam os espaços de luta e os projetos de poder. Carrego a asserção feita por Gabriel Nascimento (2019, p.20) sobre as línguas e a recaracterizo a partir da linguagem, para dizer que esta não possui neutralidade e, assim como seus sujeitos, são constantemente atravessadas por processos de poder. Ao passo que o poder perpassa a linguagem, emergem possibilidades e responsabilidades em relação à produção de valores, sentidos, verdades e mobilizações sócio-político-culturais. Por assim dizer, “a linguagem se constitui em importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passam a comunidade em diferentes momentos da

sua história e onde são travadas constantes lutas” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 125). Nesse contexto, vê-se na virada linguística um referencial de suma importância para as discussões sobre produção de sentido da linguagem e do poder empregado a esta.

Na virada linguística a atenção está centrada na linguagem. Ao dispormos de tal atenção, compreende-se que é na linguagem “onde as formas reais e possíveis de organização social e suas consequências sociais e políticas são definidas e contestadas [sendo] também o lugar onde nossos sentidos de nós mesmos, nossa subjetividade, é construída” (WEEDON, 1987, p. 21). Sob tal perspectiva, compreendemos o mundo e nós mesmos por meio da linguagem (FREITAS, 2017, p. 2117).

Com a virada linguística “adota-se uma nova postura em relação à linguagem, que passa a ser entendida como constituidora de todos os aspectos da vida social, e não mais como algo que representaria e nomearia ‘as coisas do mundo’” (FREITAS, 2012, p. 01-02). Compreende-se, ainda, a linguagem “como atividade, como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos que produzem efeitos e consequências semânticas convencionais” (FABRICIO, 2006, p. 57). Dessa forma, a linguagem é concebida como constituidora de fatos e não simplesmente declaradora destes, já que pode ser compreendida como “lugar da construção performativa de quem somos” (FREITAS; MOITA LOPES, 2017, p. 306).

É em meio a tais reflexões que, nos estudos linguísticos, a linguística aplicada indisciplinar – LAI - tem início. Ela tem como base estabelecer “inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006a, p. 14). A LAI não busca promover o extermínio das disciplinas. Pelo contrário, busca maneiras de interligá-las, destituindo seus caracteres de unicidade para um intercâmbio das/nas compreensibilidades sociais, em que a base é a linguagem. Como afirma Pennycook (2006, p. 72) “as disciplinas não são estáticas, domínios demarcados de conhecimento aos quais pedimos emprestados construtos teóricos, mas são elas mesmas domínios dinâmicos do conhecimento”. Portanto, as disciplinas, bem como categorias sociais

[...] compreendidas como naturais tais como homem, mulher, classe, raça, etnia, nação, identidade, consciência, emancipação, linguagem e poder devem ser compreendidas como contingentes, dinâmicas e produzidas no particular, em vez de serem entendidas como dotadas de um *status* ontológico anterior (PENNYCOOK, 2006, p. 71).

Utilizando-se das contribuições da virada linguística, a virada somática, termo cunhado por Shusterman (2000), promoveu uma virada em direção ao corpo na linguagem. A virada somática “institui o corpo como parte inalienável da experiência humana e lugar legítimo de interesse” (BONFANTE, 2014, p. 143), no ideário de encontrar as implicações referenciais no mundo, na busca das vivências de corpos pares, relacionado com o modo como agimos.

Corpos com suas sexualidades, gêneros e etnias são constantemente apagados, inclusive nos espaços escolares, juntamente a suas classes/atravessamentos/performance. A virada somática fez emergir estudos que abriram espaços para que corpos até então não representados nos estudos da linguagem tomassem o centro das discussões. Os movimentos da virada somática foram responsáveis por fluxos na constituição não apenas de um olhar para o corpo, mas, também, em direção às identidades destes corpos, bem como possibilitaram a virada performativa. Na busca de contrastar ambas viradas, Pennycook (2006) afirma que:

A virada somática nos permite refocalizar a corporeidade da diferença, ao passo que a virada performativa sugere que as identidades são formadas na performance linguística e corporificada, em vez de ser pré-dada. Isso também fornece a base para considerar as línguas de uma perspectiva antifundacionalista, pela qual o uso da linguagem é um ato de identidade que possibilita a existência da língua (PENNYCOOK, 2006, p. 83).

Decorrente dos estudos de Austin (1990), a performatividade ocorre na promoção da linguagem e nas suas materializações do fazer/dizer, promovendo a desnaturalização sobre o sexo, o gênero, a sexualidade, os corpos e as identidades (JAGOSE, 1996, apud PENNYCOOK, 2006, p. 80). Assim, a performatividade “pode ser compreendida como um modo pelo qual desempenhamos atos de identidades como uma série contínua de *performances*

sociais e culturais em vez de expressão de uma identidade anterior” (PENNYCOOK, 2006, p. 80). Compreender a identidade como algo não fixo e que sua constituição se dá a partir da linguagem, contextualizada socialmente, é muito importante para os estudos performativos, posto que evita a concepção de “naturalidade” às ações produzidas na/pela linguagem.

Muitos teóricos atuais, como Moita Lopes, Pennycook, Fabricio, Kumaravadivelu, Rajagopalan e Signorini³⁰ buscaram se distanciar um pouco da compreensão da LA como cerne de aplicabilidade de teorias linguísticas voltadas para o ensino-aprendizagem de línguas. Seus estudos rumaram a uma LA voltada à compreensão dos sujeitos, em suas práticas e fazeres sociais, em que o alicerce de estudos fosse a linguagem.

O interesse em uma área voltada à valorização da linguagem e do sujeito não implica dizer que a LA, como vista até então, possui caráter de não ciência ou de ciência a ser refutada, mas sim que “muito da pesquisa em LA é contrária a qualquer engajamento sério com a alteridade, negligenciando as possibilidades reais da diferença” (PENNYCOOK, 2001, apud MOITA LOPES, 2006a, p. 23). Por assim dizer, tornam-se necessárias:

[...] teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que trabalham, agem etc no contexto da aplicação (MOITA LOPES, 2006a, p. 23).

Para tanto, destaca-se uma LA com “natureza do tipo de investigação autorreflexiva (...) que requer um exercício constante de atravessamento de fronteiras” (MOITA LOPES, 2006a, p. 26) seja posta em vigor; uma LA que possua “algo a dizer sobre o mundo como se apresenta e que o faz com base nas discussões que estão atravessando outros campos das ciências sociais e das humanidades” (MOITA LOPES, 2006b, p. 96); uma LA contemporânea, de onde podem emergir visões de si para com e em relação aos outros sujeitos de suas vivências, permitindo atravessamentos e polifonias, como é o caso da LAI. Segundo Moita Lopes (2006a), a LAI permite:

³⁰ Todos os autores citados fazem parte do livro “Por uma linguística aplicada indisciplinar”, organizado por Luiz Paulo da Moita Lopes, que é considerado uma publicação expoente no ramo dos estudos da linguística aplicada indisciplinar/transgressiva.

[...] que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade, etc. Esse percurso parece essencial, uma vez que tais vozes podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la (MOITA LOPES, 2006a, p. 27).

Reconheço e valoro os processos e conceituações apresentadas até aqui. Porém, proponho que possamos refletir sobre a geografia das conceituações apresentadas, bem como dos corpos que as compõem.

O que vemos constantemente no meio acadêmico e na sociedade brasileira de maneira geral é o apagamento das vozes, dos corpos e das epistemologias que não se fundam no centro-oeste europeu. Ainda que muitas teorias nos ajudem a fundar bases de discussão sobre as problemáticas que me volto a estudar, como no caso da linguagem, sinto a necessidade de extravasar a matriz colonial de poder (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017) e ampliar as suas fissuras para as bases de conhecimentos das comunidades negras, pois estas comunidades também produziram e seguem produzindo conhecimento. Busco ampliar essas fissuras rumo à “superação da opressão racial sobre a qual se assentava a modernidade e sua antinomia do progresso racional, ocidental” (GILROY, 2020, p. 97).

Ao passo que era estabelecida a modernidade³¹, os ideários das culturas dos dominados negros foram sendo relegados pela matriz colonial de poder a, quanto muito, subculturas. Sendo as práticas de escravidão pertencentes também a tal período, compreende-se que a modernidade valorou o corpo negro e suas habilidades manuais, mas o relegou à categoria da animalização e da coisificação.

³¹ Ao utilizar a nomenclatura “modernidade”, me faço entender a partir da perspectiva de Walter Mignolo, visto que este compreende o termo como “uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, [...] a ‘colonialidade’”. A colonialidade, em outras palavras, é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p.02).

Gilroy (2020) aponta que as comunidades negras escravizadas se apresentam como os primeiros grupos a serem considerados modernos, posto que já estavam “lidando no século XIX com dilemas e dificuldades que apenas se tornariam a substância da vida cotidiana na Europa um século mais tarde” (GILROY, 2020, p. 412). Segundo o mesmo autor, ao pensarmos os primeiros passos do que poderia ser considerado modernidade, estes deveriam estar envoltos de particularidades na seguinte ótica:

Um conceito de modernidade que se preze deve, por exemplo, ter algo a contribuir para uma análise de como as variantes particulares de radicalismo articuladas pelas revoltas de povos escravizados fez uso seletivo das ideologias da Era da Revolução ocidental e depois desaguou em movimentos sociais de um tipo anticolonial e decididamente anticapitalista (GILROY, 2020, p. 106).

Tais reflexões nos fazem problematizar e recontextualizar a modernidade para o período de escravização, considerando este como um marco a ser tratado dentro de uma dita evolução moderna. Promover tais reflexões são fundamentais para “sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão” (FANON, 2008, p. 29) e desfazer nós presentes nas narrativas hegemônicas que, comumente, deixam as vozes negras à mercê do centro, além de organizar “socialmente a consciência do grupo ‘racial’ e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa - as diferentes práticas, cognitivas, habituais e performativas, necessárias para inventar, manter e renovar a identidade” (GILROY, 2020, p. 370).

As discussões de tais proposições são necessárias para que localizemos a linguagem, bem como o poder de nomear que esta carrega, para além das concepções eurocentradas, compostas na matriz colonial de poder, e hegemonicamente conduzidas como ocorre na maioria dos nossos estudos – enegrecer a tão clara linguística é uma dessas maneiras.

E a performance também pode ser realocada em uma posição negrocentrada? Se partirmos da definição de Pennycook (2006, p. 80) de que “a performatividade pode ser compreendida como um modo pelo qual desempenhamos atos de identidades como uma série contínua de *performances* sociais e culturais”, podemos refletir que: a) a performatividade negra não se

restringe à singularidade. Ela abrange os caminhos e as encruzilhadas dos “modos de conduzir nossas existências” (MUNIZ, 2020), compondo-se na pluralidade da negritude e na variabilidade do tempo; b) os atos performativos afrocentrados não precisam estar em uma lógica contínua, pois a continuidade de caráter linear é uma construção da modernidade/colonialidade, enquanto que o tempo da ancestralidade negra não respeita a linearidade (MARTINS, 2021); c) as performances negras respondem a cosmopercepções que costuram quem somos a questionamentos epistêmicos, flutuando o conceito de respeito a histórias únicas não impositivas. Trago a afirmativa de Leda Maria Martins (2021) a fim de conectar as reflexões propostas:

Em tudo que fazemos, expressamos o que somos, o que nos pulsiona, o que nos forma, o que nos torna agregados de um grupo, conjunto, comunidade, cultura e sociedade. Nossos mínimos gestos e olhares, as eleições de nosso paladar e olfato, nossa auscultação e resposta aos sons, nossa vibração corporal, nossos torneios de linguagem, nossos silêncios e arrepios, nossos modos e meios de experimentar e interrogar o cosmos, nossa sensibilidade; enfim, em tudo que somos, e nos modos como somos, respondemos a cosmopercepções que nos constituem (MARTINS, 2021, p.21-22).

É nos fluxos de vozes e nas transgressões que proponho as discussões desta tese. É na possibilidade de reescrever a vida social que “cutuco o vespeiro” da racialidade, rumo ao amplo e significativo repertório dos saberes corporificados (MARTINS, 2021, p. 39). É a partir dos atravessamentos performativos e da utilização da linguagem para tais ações que, hoje, a negritude pode e se fará ouvir. Para tanto, é preciso que se discuta, transloque e espirale como a raça e a linguagem caminharam, caminham e caminharão de mãos dadas, construindo no hoje um novo futuro.

A manifestação das pessoas, por meio da língua, é o que faz a linguagem se deslocar entre sujeitos e pôr em prática seu papel político. Como já afirmei anteriormente, a linguagem constitui sentidos, demarca espaços e afirma quem somos, quem não somos e quem podemos ser. Contudo, toda essa reflexão não serve de nada se esquecermos da relação da linguagem com a prática social. Linguagem, política, prática social e raça podem até apresentar-se com

definições separadas, mas é na sua encruzilhada que a “magia” acontece. E isso não é de agora!

Passemos ao passado. Um passado bem passado, mas que, mesmo assim, deixa marcas nos dias de hoje. Um passado que alicerçou o presente rumo a um futuro crítico, que se embala através da cosmovisão e das vozes negras. A voz do passado de Victoria Santa Cruz, poetisa peruana, nos convida a pensar sobre como a negritude sarandeia em um tempo que fere as noções dominantes de linearidade, progressão e do fim como destino, que conversa com o antes, o agora e o depois a todo momento:

De pronto unas voces en la calle
me gritaron ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
[...]
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. ¡Negra!
Y me sentí negra, ¡Negra!
Como ellos decían ¡Negra!
Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían ¡Negra!
Y odié mis cabellos y mis labios gruesos
y miré apenada mi carne tostada
Y retrocedí ¡Negra!
Y retrocedí...³²

A voz de Victoria nos mostra que nos disseram negros, aqueles que eram diferentes de nós. Foi na força, cortando direitos, ceifando vidas, nos retirando o direito de sermos quem queríamos ser para sermos uma palavra: negros. Em meio ao período de dominação, criar um termo que “assemelhasse” a todos aqueles que não possuíam características dos dominadores era fundamental para demarcar espaço também na linguagem. “Nomear para racializar. Ou também racializar para nomear” (NASCIMENTO, 2019, p. 29). A voz de Victoria nos mostra também como as comunidades negras transpuseram o pejorativo negro rumo a algo maior, algo que representa uma encruzilhada múltipla e plural, de significante aberto e internamente dividida por classe, sexo, gênero, idade, etnia economia e consciência política: a negritude (GILROY, 2020). Santa Cruz performa, conduzindo sua singularidade à coletividade; descontinua o tempo do

³² Disponível em <https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

“sempre foi assim” da racialidade, pois sua ancestralidade não respeita o linear; se mostra responsável pelas costuras de quem somos e queremos ser a partir de nossas próprias epistemologias, cosmologias e aquilombamentos, rompendo com a história única impositiva que nos gritava negros para sermos, não mais, que os desassemelhados dos nomeadores.

Ao nos dizerem “negros”, sóciopoliticamente nos diziam oposto. Sendo eles humanos, criados sob a imagem e semelhança de Deus (sem sabermos sobre qual deus serviu de molde), nós fomos desumanizados. Nos tornamos tudo aquilo que os dominadores não gostariam de ser chamados. E isso por quê? Segundo Aimé Césaire (2020) porque:

Entre colonizador e colonizado, só havia espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contato humano, porém, relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção. É minha vez de apresentar uma equação: *colonização = coisificação* (CÉSAIRE, 2020, p. 24).

Nos gritaram negros! Nos gritaram desumanizados! Por fim, nos gritaram coisas! As vozes dominantes gritaram a sua linguagem e enterraram a nossa. E nós, gritamos? Sim, mas nem todas as vozes podem ser escutadas. Discursos racializados seguidamente perdem o som nas interpretações de quem não nos quer ouvir. “O ato de falar é uma negociação entre quem fala e quem escuta” (KILOMBA, 2019, p. 42). Todos têm voz, mas nem toda voz possui poder para ser ouvida. Ahhh o poder... Vozes que não são ouvidas são vozes coisificadas. Se é na prática social que a linguagem mostra a que vem, é na coisificação das vozes que deixamos de ser sujeitos; assim, deixamos a humanidade, pois vozes humanas são audíveis.

Afirmo, então, que raça é um conceito proposto a partir da branquidade³³. Uma branquidade eurocêntrica-ocidental que se lançou por mares na busca de

³³ Farei uso neste trabalho das concepções de Cardoso (2017) pautado em Piza (2000) de que a branquitude está relacionada com o branco crítico, reconhecedor e questionador de seus próprios privilégios raciais e defensor de pautas antirracistas. Já a branquidade, como

dominar povos, línguas e corpos. Uma branquidade que se organizou nas relações de poder. “A racialização é o nome político da raça” (NASCIMENTO, 2019, p. 45); é na/pela linguagem que a racialização constrói sentido para o signo raça, “mas a forma de agir no mundo em resistência a esse conceito é um dever de todos os negros” (NASCIMENTO, 2019, p. 108). Por assim dizer, racializar “é um processo de poder, não necessariamente produzido numa estrutura histórica linear, ou num tempo definido, mas a partir de espaços situados e datados” (NASCIMENTO, 2019, p. 45).

Linguagem, prática social, raça, processos de dominação, poder. Signos que se manifestam independentemente, mas que se encontram na encruzilhada de *nkali*. *Nkali* é uma palavra em Igbo que significa “ser maior que o outro” (ADICHE, 2019, p. 22-23). *Nkali* é reconhecer o poder na realização da encruzilhada linguagem-prática social, evidenciando privilégios historicamente estruturados pelos processos de dominação racial. É em *nkali* que as histórias únicas são construídas e as permissões para contá-las emergem. *Nkali* é parte importante para essa tese. É nela que se encontram as fissuras que usaremos como alavanca para agir e reagir sobre as narrativas que nos desconstituíram como sujeitos de direitos. Nos fizeram número, mas não vozes audíveis.

Proponho movimentos. Inicio os deslocamentos pelo próprio termo *negro*. A definição de *negro* ganha significado de acordo com quem a usa e, dessa forma, deve ser sempre problematizada (NASCIMENTO, 2019). Se a linguagem nos fez negros, que o negro se manifeste reconfigurado. Ouçam o grito de Victoria. Vejam como o tempo de Victoria constrói o presente com uma força de futuro sem se desvincular do passado. Se historicamente o termo negro foi cunhado como algo negativo – e muitos dos negros que venham a ler esse texto poderão lembrar de suas negativas vivências negras em meio a discursos que tentavam embranquecê-los –, hoje temos a possibilidade de olhar o signo negro rumo a uma positividade.

Não digo aqui que estamos totalmente equiparados, que não há mais segregação entre sujeitos de diferentes raças (ou mesmo dentro da mesma raça) e que o mundo respeita plenamente a negritude. O que proponho são outros

mencionada no capítulo 2 desta tese, está relacionada ao branco não crítico e que não reconhece as vantagens que obtém socialmente em razão de sua raça.

caminhos para pensarmos como hoje manifestar-se como negro não possui necessariamente o caráter de estranheza e total negatividade como em outros tempos. Quando hoje alguém me chama por “moreno” e eu afirmo ser negro e convido a pessoa para que fale, em brancas bocas, a aterrorizante palavra-silabada *ne-gro*, estímulo um movimento de ruptura estereotipada e valorização afrocultural. Não é desrespeitoso chamar alguém autodeclarado de negro. O problema está na desqualificação pré-existente de alguém pelas suas características fenotípicas, quando estas apresentam marcas ou mesmo traços da raiz negra. Segundo Nascimento (2019):

Para os negros, como continuarei advogando, ela [a definição de “negro”] significa resistência, ao passo que, para o establishment branco ela significa as mais diversas formas de identificar para fins de discriminação, de desresponsabilização pelo próprio passado colonial ou como interlocução com os próprios negros para produzir uma agenda neoliberal (NASCIMENTO, 2019, p. 36).

O movimento que aponto é baseado, entre tantos intelectuais negros, em Kabengele Munanga, ao propor uma “desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo” (MUNANGA, 2020, p. 51), o que pode ser compreendido como negritude. A necessidade da trinca de caminhos de inteligibilidades proposta por Munanga conforma não apenas o conhecer-se e emancipar-se como pessoa negra, mas sim, ampliar a discussão para uma reconstrução positiva da identidade para toda a sociedade. Não à toa, “parece também que os critérios raciais sem consciência ideológica ou política não seriam suficientes para desencadear o processo de formação da identidade” (MUNANGA, 2020, p. 14) ou das performances.

Assim, afirmo que ser negro é um *continuum* de fricção sócio-linguístico-cultural, e construir-se como negro é a faísca resultante dessa fricção. E, como faísca, queima quando encontra seus principais combustíveis: papéis secos e/ou cristalizados socialmente através das práticas sociais/linguísticas. E é na coletividade que as faíscas se fazem fogo sobre os secos papéis sociais. A negritude busca identidade, afirmação e respeito ao direito à diferença e à personalidade coletiva (CÉSAIRE, 2010). É na coletividade que a negritude, segundo Munanga (2020), emerge como

[...] ressentimento e [...] revolta, transformando a solidariedade e a fraternidade em arma de combate. A *negritude* torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas (MUNANGA, 2020, p. 20).

A afirmativa de Kabengele Munanga, descrita anteriormente, alicerça a negritude como um movimento de passado-presente³⁴ (e por que não futuro?) em que a vida atual se entrelaça na ancestralidade. Comungo aqui com a tese de Guerola (2017) e a dissertação de Jacinto (2019) na necessidade de apreciar as lutas, as construções, os saberes ancestrais para pensar o hoje e, ainda, reescrever vivências a partir das vozes de quem a dominação impediu. É nesta direção que Rufino (2019) define a ancestralidade como

O não esquecimento, a invocação, a incorporação, o alargamento do presente, o confiar da continuidade e do inacabamento passado de mão em mão compartilhado em uma canjira³⁵ espiralada [...] que emerge no contexto de nossas histórias como uma política anticolonial. (RUFINO, 2019, p. 16)

Ao (re)escrever e (re)inserir as vozes encarceradas de outrora nas problematizações do presente, confrontamos as relações e os poderes hegemônicos, apontamos nossos ouvidos a vozes não escutadas em troca apenas do conhecimento ancestral que, ao contar o ontem, constroem o hoje de olho no futuro. Na concepção de conceitos múltiplos invisibilizados pela modernidade (SANTOS et al., 2016), o que revelo, ao trazer as vozes ancestrais, é a necessidade de um redesenho do que foi excluído por uma história de linguicídio e epistemicídio. O local das vozes apagadas, que não é necessariamente físico, é apresentado como o sul, disparando uma “metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, e da resistência a essas formas de opressão” (SANTOS et al., 2016, p. 16). É nesse sul, geopolítico, que estão os países, nações e grupos sociais constantemente e historicamente assujeitados aos sistemas de opressão e exclusão. Há *sul* em todos os lugares, incluindo os geográficos.

³⁴ Mais informações sobre o termo podem ser encontradas em Bhabha (1998).

³⁵ A canjira pode ser compreendida como a sessão de umbanda em que os participantes formam lado a lado uma corrente espiritual em formato de círculo.

O conhecimento presente na constituição dos sujeitos à margem é invalidado a partir da marcação do *sul*. Porém, a existência de conhecimentos excede os posicionamentos norte-sul, opressor-oprimido, dominador-dominado ou exclusor-excluído. Os corpos do sul e do norte carregam formas muitas vezes diferentes de olhar o mundo e de relacionar-se com ele. Se os conhecimentos no norte são validados pelo poderio opressor e excludente, os conhecimentos do sul somente são valorizados por epistemologias que critiquem a hegemonia dominante e reconheçam as formas de conhecimento que foram ridicularizadas, suprimidas, silenciadas e invisibilizadas pelo capitalismo e pelo colonialismo (SANTOS, 2018). As epistemologias do *sul* são então um conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão, valorizam os saberes resistentes e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (SANTOS; MENESES, 2009).

O reconhecimento e o prestígio dos conhecimentos produzidos ou que venham a ser produzidos, numa perspectiva de quem luta contra os mecanismos de poder, as articulações e os diferentes modos de dominação, são as agendas a serem desenvolvidas pelas epistemologias do *sul*. Assim, *sulear* orienta-se na ótica de compor práticas e debates em que o protagonismo seja das vozes que se constituem ao *sul*, além de propor questionamentos às hegemonias do norte.

Onde nascem exclusões e opressões, nasce um novo *sul*. Um *sul* que dialoga com o *sul* ou sobre o *sul*? Diálogos pautados sobre o *sul* carregam a herança de um fazer do norte, ainda que possam vir acompanhados de criticidade. Já os diálogos com o *sul* partem dos fazeres daqueles que ali vivem; carregam meios e modos performativos construídos nas vivências de um tempo-lugar que não está em linha, mas que deixa marcas da constância e da pele. O *sul* carrega cor. E quando o *sul* encontra-se com o seu *sul* as nuances dessa cor se multiplicam.

Como nesta tese busco o fazer ouvir de vozes negras migrantes, a partir de minha voz negro-brasileira, tendo os continentes africano e americano como pano de fundo, localizo este trabalho na proposição do *sul* geopolítico, estreitando-o à proposição de um diálogo *sul-sul*. Como explicitado por Ângela Kleiman (2013)

trabalhos sobre sexo e gênero, racismo, proletarização do professor, a exclusão e o ensino na escola pública, a interculturalidade na produção de textos escolares, na formação de docentes, nos currículos da escola, são temas atraentes para linguistas aplicados que querem olhar, com olhos do Sul, para o Sul [...] (KLEIMAN, 2013, p. 50).

Alio o conceito de *sul* e a proposição *sul-sul* com os “modos de conduzir nossas existências” (MUNIZ, 2020) na insurgência de uma educação propositiva criando e construindo novas condições sócio-político-culturais e de pensamento. Tais proposições promovem rasuras³⁶ de caráter epistêmico, demonstrando e delatando a ocorrência de epistemicídios, além de (re)criar inteligibilidades às vozes minorizadas em termos de direitos. É ao concretizarmos pesquisas que integrem o *sul-sul* que questionamos socialmente se ao trazermos os corpos e vozes do *sul* trazemos apenas personas de caráter acessório e estereotipadas para nossos trabalhos ou carregamos os seus arcabouços sócio-filosóficos dos seus modos de conduzir existências e, por assim dizer, suas epistemes?

Se me proponho a analisar as narrativas de professores migrantes não anglófonos e nelas os caminhos performativos e temas-encruzilhadas presentes, tendo como base as problematizações apresentadas e pautado nas discussões sobre raça, opto por participantes negros, fazendo dessas vozes as protagonistas do trabalho a ser desenvolvido. Coloco-me na esfera *sul-sul* entrelaçando caminhos narrativos de participantes oriundos de países não anglófonos com meu caminho autobiográfico de interpretar as narrativas, resultando em uma canjira alinear que conta as histórias dos participantes, ao passo que também conta a minha história, em um fluxo de desdobramentos, representatividade e atravessamentos – estes últimos que prefiro chamar de encruzilhadas epistêmicas.

Aliado a tudo isso, mostra-se como fundamental unir teoria e prática na construção de agendas que não se mostrem apenas como meros espaços reprodutivos de discursos hegemônicos. O “sempre foi assim” só é sempre a partir do olhar de alguém que pode determinar o ponto de partida desse sempre – para isso sua voz deve ser ouvida. Espero que neste momento já não seja

³⁶ As rasuras aqui são compreendidas como encruzilhadas responsáveis pelas emergências de propor outras formas para além das hegemonicamente construídas.

mais necessário afirmar a necessidade de racializar espaços, escritas, pessoas, pensamentos e verdades historicamente dominantes. Contudo, penso que é preciso ainda explicar que motivos devem ser observados na construção de espaços negrocêntricos.

Muitas vezes, ao estabelecermos aquilombamentos em diferentes esferas somos taxados por preconceituosos e/ou racistas³⁷. A bem de uma verdade – das tantas possíveis –, construir quilombos culturais em espaços historicamente embranquecidos serve como demarcação de resistência e de nossas inteligibilidades tantas vezes negadas pelo simples fato de nossos traços físicos estarem aquém dos canceladores de verdades.

Não é a partir de pessoas brancas e de suas audíveis vozes que a negritude será reconhecida como uma arena plenamente desenvolvida. O motivo é simples: não queremos nos fazer ouvir por vozes que não sejam nossas, que não reverberam nossas vivências e que assistem tudo pela janela da sala ou pela tela de um computador ou celular. “O negro tem problemas específicos que só ele sozinho pode resolver, embora possa contar com a solidariedade dos membros conscientes da sociedade” (MUNANGA, 2020, p. 19).

É na construção de narrativas que a linguagem performa e serve como uma possibilidade de ser. É nessa perspectiva que um negro, ao ver o local de pertença do outro, afirma-se culturalmente, moralmente, fisicamente e psicologicamente. Na discursividade negrocêntrica perfazemos nossos caminhos e, nas encruzilhadas, produzimos faíscas na busca de uma valorização da negritude. Que o ditado lorubá “Exu³⁸ matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje” sirva para pensarmos na necessidade de ajustes socioculturais performados a partir do efetivo papel de membros da comunidade negra. Afinal de contas, os projetos que implantamos hoje são resultado de desassossegos de ontem: “onde há ausência, se cruza a mobilidade, onde há conformidade, se cruza a rebeldia, onde há normatização, se cruza a transgressão, onde há escassez, se cruzam possibilidades” (RUFINO, 2019, p. 68).

³⁷ O tema “racismo reverso” já foi abordado na página 18 desta tese.

³⁸ O orixá Exu é reconhecido como aquele que é capaz de reinventar a memória, reinterpretar o passado e/ou subverter o tempo.

Não busco aqui desfazer de formulações não negras para a confecção desta tese. Sendo o direito à Ciência por muito tempo atribuído a pessoas brancas ocidentalizadas, torna-se bastante difícil propor discussões sem esbarrar em branquitudes epistêmicas. Além disso, como já trazido por Munanga (2020), devemos também contar com a solidariedade dos membros brancos conscientes da sociedade. Ainda aponto mais um porém: não basta que simplesmente abracemos as defesas e discursos produzidos por vozes negras; devemos observar como esses discursos são construídos na prática social, já que não basta ser negro para performar dentro dessa identidade social.

Dessa forma, trago como base para a discussão a proposta de uma LA da prática social, em vias de colaborar na construção de agendas anti-hegemônicas e alternativas para entender o mundo contemporâneo. Nessa vertente, observar as mobilizações de raça relacionadas às práticas sociais se fazem muito necessárias. É ao reconhecer as cores dos discursos que reconhecemos as agendas antirracistas.

Ao buscar analisar as narrativas de professores migrantes não anglófonos, tendo como base as problematizações e discussões sobre raça, reconheço que a LA que geralmente nos é apresentada nas universidades incita o pensar eurocêntrico e apaga os estudos contíguos à negritude. O negro é dado, mas raramente é referência. Nesta seara, sinto a falta de discussões que suportem a negritude para além da separação autor-participantes de pesquisa, ficando o negro “apenas na dimensão imobilizada de objeto” (NASCIMENTO, 2016, p. 40). A presença negra como objeto consegue promover uma discussão das vozes negras, porém, as descentraliza dos processos de poder. Como contraproposta, uma proposição de pesquisa negrocêntrica traz muito mais do que a representatividade negra em discussões acadêmicas, já que serve como catapulta para que vozes negras sejam protagonistas nas condições de participante, autoria e referências, despontando em um cenário historicamente demarcado pela branquitude e fazendo-se valer do ideal de coletividade – tão caro aos grupos negros.

Especialmente no Brasil, a construção de ideários de que não existem raças, de que o Brasil é um exemplo de democracia racial devido a sua miscigenação e de que “todos são iguais perante a lei” (BRASIL, 1988),

permitiram, de maneira silenciosa, a invisibilização da comunidade negra através do discurso de uma democracia racial. Abdias Nascimento (2016) afirmou que a chamada democracia racial não passou de um processo de racismo mascarado que, ao fim, apenas justificava o genocídio do negro brasileiro. Segundo o próprio Nascimento (2016), a democracia racial

[...] supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas (NASCIMENTO, 2016, p. 48).

O que busco como problematização dos ideários de democracia racial é mostrar como a não vinculação de pessoas negras como sujeitos protagonistas de pesquisa ou de bases teórico-reflexivas pode se mostrar como uma sutil e silenciosa evidência da branquidade: “os brancos controlam os meios de disseminar informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país” (NASCIMENTO, 2016, p.54). Olhem em seus entornos acadêmicos e escutem as vozes negras protagonistas. Se o exercício não foi fácil é porque Abdias Nascimento tinha razão em criticar a dita democracia racial. Expandir o exercício às representações de protagonismo social e político brasileiro. As vozes negras protagonistas estão cada vez mais longe. Vozes constantemente abafadas porque “sempre foi assim”, “somos todos iguais perante a lei” ou “não vejo raça, vejo pessoas”.

Em meio às costuras apresentadas, torna-se importante o debate de como a estrutura social brasileira compõe a figura do negro e, conseqüentemente, do racismo. Nessa perspectiva, Sílvia Almeida (2021) nos propõe o seguinte questionamento: o que nos leva a naturalizar a ausência de pessoas negras em espaços de poder e normalizar que pessoas negras estejam em maior número em trabalhos insalubres? Dentre as possibilidades de respostas está a afirmação de que “o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais” (ALMEIDA, 2021, p. 63).

Na prática, linguagem e cotidiano se encontram na encruzilhada criadora de subjetividades, propondo teorizações que revelem a organização das performatividades. É no ir e vir destes caminhos e na explosão cruzada de seus encontros que são requalificadas as performances narrativas, trazendo para o centro o olhar, o corpo e as vozes negras. No centro, fazemos das nossas performances, histórias, recordações, encontros e desencontros os nossos modos de conduzir existência, resultando em metodologias particulares, que compreendem “práticas e contextos educativos próprios, fundamentando pedagogias mantenedoras de processos históricos, de circulação de experiência e de modos de sociabilidade únicos e intangíveis” (RUFINO, 2019, p. 84).

É com este olhar que pontuo a necessidade de se considerar uma *negro linguística aplicada* (NLA), ou seja, uma vertente de estudos construída no/pelo fazer negro centrado, que exceda a primazia linguística, valorando, em mesma escala, as práticas histórico-sociais das pessoas negras, em um movimento não linear de escuta das vozes racializadas de ontem, hoje e amanhã. A NLA carrega as marcas das performances narrativas negras, se revigora na negritude e chama as responsabilidades dos modos de conduzir existências a quem teve suas vozes silenciadas.

Considero a NLA como uma problematização do signo *negro* – sendo este construído na racialização e nomeação daqueles que eram vistos como diferentes do padrão hegemônico dominador europeu, como discutido ao longo desse trabalho. Me faço utilizar da reconfiguração do signo *negro* na tentativa de criar condições de protagonismo para a comunidade negra nos estudos linguísticos, buscando que tal grupo se torne agente da própria história, na contramão do título de participante da história contada. Se hoje muitos dos estudos linguísticos não veem na racialidade um elemento constitutivo e não posicionam as pessoas negras como protagonistas, que a NLA possa servir como um dos caminhos questionadores da LA. Que a NLA sirva de “inspiração de um pensamento sobre raça e racismo como formações históricas, que ensina à Linguística como uma língua moderna é indissociável de uma estrutura de racialização (NASCIMENTO, 2021, p.09).

Peço licença para o uso do termo *negro linguística aplicada*, visto que a utilização da concordância *negra linguística aplicada* poderia culminar em uma

compreensão de duplo sentido. Se por um lado a concordância traz coesão à ideia de uma linguística racializada, por outro lado o conceito pode se tornar vago, construído não mais que na concordância sintática de adjetivo e substantivo. Uma observação de tal natureza poderia ser compreendida apenas como a expressão de uma das “cores” envolvidas na linguística. Contudo, tal fato ignoraria a valorização das vozes do *sul* e a importância da prática social nas performances negrocêntricas – o fazer negro. Carregar a cor da pele negra basta à racialidade, mas é preciso performar dentro dessa identidade social para constituir-se na negritude. A prática discursiva visibiliza as resistências. Para tanto, não se pode deixar duplo sentido; é preciso uma desintoxicação semântica (MUNANGA, 2020).

Dessa maneira, prefiro recorrer à intransigência sintática para emergir uma rasura epistêmica focada no cruzo da racialidade e da prática social com a LA. Acredito que tal proposição salvaguarda a proposta da NLA para que esta não seja utilizada como um modismo e/ou generalização, como observado em alguns trabalhos, em que fazer menção à racialidade torna as pesquisas críticas, indisciplinadas, antirracistas e/ou decoloniais. A encruzilhada da racialidade, protagonismo e prática social se opõe a simplórias possibilidades de estudos de uma linguística de cor, que fale SOBRE negros e não COM negros e seus fazeres.

Nessa mesma perspectiva, durante a fala intitulada “Por uma Linguística Aplicada Sulear: políticas linguísticas, formação docente e internacionalização”, ocorrida em 2021, Kleber Aparecido da Silva afirma que atualmente muitos estudiosos de LA se colocam como críticos e decoloniais. Contudo, Silva (2021) nos convida a questionarmos a área de LA e fazermos uma “crítica à própria criticidade” que se diz ser inerente aos campos de investigação em LA transdisciplinares, transgressivos e híbridos. Tal proposta tensiona os estudos do *sul* a romper com a barreira teórica em direção à prática social e vai ao encontro do que penso ser a NLA: um campo de investigação que requer o protagonismo das vozes que formam o coletivo a partir de cruzos epistêmicos pautados em práticas sociais racializadas anti-hegemônicas. Para tanto, torna-se necessário reconhecer as práticas auto-identificadas da intelectualidade negra na lógica de propor “uma posição e uma possibilidade de ocupar um

espaço no qual os negros e suas pesquisas e temáticas, de forma geral, são vistos como intrusos e incapazes de ocupar” (MUNIZ, 2009, p. 17).

É no cruzo de dois caminhos do *sul* que a NLA (re)existe: a) propor espaços de protagonismos negrocentrados na teoria e prática anti-hegemônica no campo da LA; e b) tornar audíveis³⁹ as performances dos modos de conduzir nossas existências⁴⁰ na busca de compor significados para a coletividade negra. Eis a nossa contribuição de rasura epistêmica em meio às fissuras de *nkali*.

Munido de uma perspectiva teórica que fornece subsídios para discutir a linguagem como prática social encruzada à racialidade e à multidimensionalidade do fazer negro em pesquisas (participante, autor e referências), a seguir, passo para a discussão sobre a migração em território brasileiro. A perspectiva da migração será fundamental para pensarmos o envolvimento da NLA aos trânsitos migratórios das comunidades negras, já que me apoio na tese de que, apesar de suas diferentes vivências, experiências e trajetórias translocadas, os temas-encruzilhadas apontados nas narrativas de professores negros migrantes não anglófonos possuem correlação.

³⁹ KILOMBA (2019).

⁴⁰ MUNIZ (2020).

4.1 Compondo uma migração à brasileira

O Brasil é um país historicamente constituído de migrações. O traslado em busca das Índias que resultou no encontro e posterior dominação da *terra brasilis* pode ser considerado o marco fundador das migrações no Brasil. Não muito longe desse período, com o início do tráfico negreiro, o Brasil desponta em termos de migrações involuntárias. Com a República Nova são incentivadas as migrações de famílias europeias, inclusive com fomento e doação de terras para moradia e trabalho. É nesse momento que o Brasil começa a ser reconhecido como uma terra de grandes oportunidades, compromissado com as relações e fluxos migratórios e um lugar onde “todos são iguais”.

Migrar, a título legal, é um direito humano e esse direito está enquadrado nos artigos 13º e 14º da DUDH, como pode ser observado a seguir:

Artigo 13º

- 1.Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado.
- 2.Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.

Artigo 14º

- 1.Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países.
- 2.Este direito não pode, porém, ser invocado no caso de processo realmente existente por crime de direito comum ou por atividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas (ONU, 1948).

O posicionamento da ONU descrito acima responde até os dias de hoje sobre o direito migratório. Seja por escolha, por insegurança local, conflitos políticos ou como reflexo de modificações climáticas (FREITAS, 2019), a migração deve ser observada como uma mobilidade realizada entre locais distantes com efetuação de residência e que atenda a critérios temporais – geralmente residir pelo menos por seis meses – e espaciais – o cruzamento de pelo menos uma fronteira político-administrativa (CAMPOS, 2017, p.453). Há de se compreender a migração também como um ritual de iniciação, como muito ocorre nas dinâmicas culturais das sociedades africanas. Nesta perspectiva, o

tunkaranké, *danniyanké*⁴¹ ou migrante é visto como aquele que viajou e adquiriu experiências e/ou saberes (SAVADOGO, 2021).

Como se tornaria impossível fazer uma discussão detalhada sobre migração, direitos e situações migratórias ao longo do tempo – visto que tal assunto demandaria uma nova tese – concentrarei minha escrita no recorte de 2016 – 2022, tendo como ponto de partida a Declaração de Nova Iorque para os Refugiados e os Migrantes.

Resultado de uma reunião da ONU, a Declaração de Nova Iorque para os Refugiados e os Migrantes (2016), doravante “Declaração de Nova Iorque” ou “Declaração”, pode ser compreendida como um projeto integrado, em nível mundial, em que compromissos foram demarcados em relação às garantias de direitos de refugiados e migrantes. O documento fundamenta responsabilidades dos Estados com a chegada, permanência e saída de pessoas vindas de outros países, bem como protege a dignidade e as liberdades fundamentais dos grupos em questão.

Construída como muito mais do que um documento político, a Declaração é vista como um marco para valorização e atenção com migrantes e refugiados em muitos países. Ainda que do ponto de vista prático nem todos os países facilitem a entrada de migrantes e refugiados, um documento que sirva de marco para possíveis cooperações internacionais é fundamental para mínimos compromissos e entendimentos entre os Estados membros da ONU.

Com a aprovação da Declaração de Nova Iorque, vários países que compunham a ONU naquele momento decidiram estabelecer leis nacionais que concilhassem a Declaração e as especificações de seus territórios. Com o Brasil não foi diferente. Em 2017 é instituída a Lei nº13445, conhecida como Lei de Migração, que “dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante” (BRASIL, 2017), destituindo o defasado Estatuto do Estrangeiro⁴².

⁴¹ Os termos *tunkaranké* (nas línguas Mandinga e Bambara) e *danniyanké* (na língua Fulfuldê) podem ser traduzidos como migrante (SAVADOGO, 2021).

⁴² Considerado “um dos mais nefastos ‘entulhos autoritários’ (normas ditatoriais persistentes na ordem democrática)” (VENTURA, 2017, p. 429), o Estatuto do Estrangeiro foi um documento

Segundo Deisy Ventura (2017), a Lei de Migração apresenta três pontos fundamentais que rompem com as leis anteriores que se relacionavam aos migrantes e estrangeiros. A primeira está na utilização do termo de referência *migrante*. Anteriormente o termo utilizado era estrangeiro, “expressão que enfatiza estranheza, ao mesmo tempo que ignora o léxico da mobilidade humana internacional, um dos mais relevantes fenômenos da atualidade (VENTURA, 2017, p. 429). O uso do termo estrangeiro, empregado anteriormente, carrega uma herança colonial que alude a alguém que não pertence ao local e, portanto, não se relaciona com a perspectiva de acolhida humanitária que a migração aponta. Linguagem e poder performam unidos e, no caso apontado, o direito se une aos dois. Outro ponto fundamental da Lei de Migração brasileira é a presença dos direitos humanos dos migrantes. O artigo 3º da Lei de Migração, em seu capítulo IX, assegura que a política migratória brasileira é regida pela “cooperação internacional com Estados de origem, de trânsito e de destino de movimentos migratórios, a fim de garantir efetiva proteção aos direitos humanos do migrante” (BRASIL, 2017, n.p.).

Como dito anteriormente, o Estatuto do Estrangeiro ditava condições e marcos legais para permanência ou não entrada no país, mas não apresentava direitos aos migrantes compatíveis com a CF (BRASIL, 1988). Se por um lado “todos são iguais perante a lei” (BRASIL, 1988, n.p.), por outro somente em 2017 os migrantes tiveram garantidas, “em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 2017, n.p.), além de outros direitos descritos ao longo do artigo 4º.

O terceiro ponto importante é a regularização da situação migratória em caso de ingresso irregular no território brasileiro. A fim de poder proporcionar condições legais para a permanência e acesso às políticas públicas que auxiliem o migrante em período de permanência no Brasil, em seu artigo 3º, capítulo V, a Lei de Migração garante “promoção de entrada regular e de regularização documental” (BRASIL, 2017, n.p.). Promover a regularização de migrantes no território nacional é uma ação que encontra repouso nos artigos 13º e 14º da

construído no período militar que ditava as condições dos estrangeiros no Brasil, bem como os marcos legais para sua permanência ou não entrada no país.

DUDH, como evidenciado no início desse subcapítulo. Sendo a migração um direito humano, nomear alguém como ilegal sem a possibilidade de sua regularização, torna-se uma controvérsia – que ocorria tranquilamente antes da implantação da Lei de Migração. Segundo Ventura (2017, p. 431), “facilitar a regularização migratória permite ao Estado conhecer o migrante que aqui se encontra” e reduz as condições de vulnerabilidade dos migrantes.

Ainda que migrar seja um direito humano; o que se verifica, atualmente, em nível mundial, é o crescimento de políticas restritivas quanto à migração, que geram a construção de muros entre as nações, em vez de pontes, que poderiam servir de cooperação para o auxílio aos migrantes. A implantação da Lei de Migração foi muito importante para os direitos dos migrantes no território brasileiro, contudo, a contar de 2019, o Brasil se alia aos Estados fomentadores de políticas restritivas migratórias.

Fundamentada na defesa da soberania nacional, uma das primeiras ações do governo do presidente Jair Bolsonaro foi a desvinculação brasileira do Pacto Global para Migração. Como dito em capítulos anteriores, a política governamental brasileira atual carrega bandeiras que promovem a necropolítica (MBEMBE, 2020) e desvalorização das pessoas que não façam parte das engrenagens normatizadas e normatizadoras de padrões sociais (MIRANDA, 2017, p. 63). Assim, pessoas oriundas de países localizados no sul (SANTOS et al., 2016), especialmente as pessoas negras, por serem maioria destes espaços, ao procurarem o Brasil como espaço de migração *sul-sul* acabam tendo suas vidas colocadas à prova de uma governança que não às veem como iguais. Mais do que isso: a partir da necropolítica, subjagam suas vidas ao poder da morte, já que a morte é demonstração sobre o que o Estado tem poder (MBEMBE, 2020).

Ainda que não haja documentos que dificultem a migração, a desvinculação do Pacto sinaliza uma contrariedade com o importante documento, bem como com as políticas migratórias envolvidas nele. Respalado pelo ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, várias cenas xenófobas, de “aversão à convivência próxima com estrangeiros, comunidade de imigrantes e alteridades internas à nação” (ROSA, 2017, p. 733), vêm sendo apresentadas. A saída do Brasil do Pacto Global de Migração, a ridicularização chinesa promovida por Weintraub e a nomeação do vírus causador da pandemia atual de *comunavírus*,

atribuída pelo próprio Ernesto Araújo, são apenas algumas manifestações do retrocesso das relações exteriores e migratórias que o Brasil tem apresentado. E se os migrantes carregarem a pele desprestigiada pelo governo atual? E se além de migrantes e negros, as vozes trouxerem acentos distintos da língua inglesa, tão aclamada na atual gestão?! *A gente combinamos de não morrer* (EVARISTO, 2020), mas quando a luta é com aqueles que deveriam nos ajudar a viver, ela fica bem mais difícil.

O Brasil sempre apresentou um grande número de migrantes internacionais⁴³. No ano de 2006, segundo Moraes (2018), a quantidade de pessoas que migraram para o Brasil foi de 45.124. Um crescimento expressivo pode ser observado quando testemunhamos a entrada de 119.431 pessoas, no ano de 2014, e 117.745 pessoas em 2015. Ainda segundo Moraes (2018), em 2015, os maiores números de migrantes, em ordem decrescente, foram de haitianos, bolivianos e colombianos entre outros. Em 2019, as nacionalidades dos migrantes que apresentaram maiores índices de registros de entrada no Brasil foram os venezuelanos, haitianos e colombianos de um total de 181.584 migrantes registrados (CAVALCANTI et al., 2021).

Em 2020, os números caem drasticamente, chegando a um total de 92.544 imigrantes registrados. Destes, venezuelanos, haitianos e colombianos, em ordem decrescente, registram os maiores números de registros (CAVALCANTI et al., 2021)⁴⁴. Contudo, os dados de 2020 não demonstram a realidade migratória dos outros anos. Devido à pandemia do Coronavírus, muitos países tiveram suas fronteiras fechadas, o que impossibilitou o fluxo migratório. Com isso, mesmo não havendo trégua em ações violentas, nem deixando de existir desastres naturais, o número de migrantes no território brasileiro, que apresentava crescimento, entra em um profundo decréscimo.

Um dado que é de fácil observação é o maciço número de pessoas que buscam uma migração *sul-sul*. Ainda que neste caso os países elencados também façam parte do sul global, assim como no caso das narrativas, faço uso

⁴³ Sendo a migração um fenômeno que pode ocorrer dentro do próprio país, faço uso do termo migração internacional para destacar a análise apenas de migrantes vindos de outras nações.

⁴⁴ O relatório de 2022 do Observatório das Migrações Internacionais não trouxe o número total de migrantes no ano de 2021.

aqui da expressão *sul-sul* para denominar não necessariamente o sul geográfico, mas sim uma “metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, e da resistência a essas formas de opressão” (SANTOS et al., 2016, p. 16) ocorrida tanto no país de origem como no país de migração.

As motivações para a migração para o território brasileiro são múltiplas. Porém, todas as motivações estão relacionadas ao que consta na Declaração de Nova Iorque (ONU, 2016):

Algumas pessoas se deslocam em busca de novas oportunidades econômicas e novos horizontes. Outras para escapar dos conflitos armados, da pobreza, da insegurança alimentar, da perseguição, do terrorismo ou das violações e abusos dos direitos humanos. Há pessoas que se deslocam por efeitos adversos da mudança climática ou de desastres naturais⁴⁵ (ONU, 2016, np).

Ainda que a Declaração de Nova Iorque (ONU, 2016) traga tais apontamentos e que os dados apresentados até aqui demonstrem um grande fluxo migratório no Brasil, como já apresentado anteriormente, o atual momento do país demonstra uma depreciação da imagem migrante. Ao passo que a CF e a Lei de Migração estabelecem um sistema igualitário entre migrantes e brasileiros, as ações políticas demonstram o contrário. O apagamento das vozes migrantes, em especial as decorrentes das migrações *sul-sul*, majoritariamente negras, através de uma acentuação da necropolítica, e a saída do Brasil do Pacto Global para Migração demonstram tal afirmação. Como todas as manifestações são compostas de cruzamentos, em um movimento espiralar, correlaciono esses acontecimentos à já mencionada democracia racial que, legalmente, estabelecia relações de igualdade entre as pessoas, mas que, na prática e do ponto de vista político, excluía as pessoas não brancas, e invoco a falsa democracia migratória – uma manifestação de desvalorização de sujeitos migrantes, com o intuito de promover a invisibilização e afasia destes, tendo como base as ações sociais e governamentais que se apresentam como

⁴⁵ Tradução nossa. Texto original: Algunas personas se desplazan en busca de nuevas oportunidades económicas y nuevos horizontes. Otras lo hacen para escapar de los conflictos armados, la pobreza, la inseguridad alimentaria, la persecución, el terrorismo o las violaciones y los abusos de los derechos humanos. Hay otras personas que se desplazan por los efectos adversos del cambio climático o de desastres naturales.

modelos de unidades políticas, morais e racionais, em oposição às forças de leis. Seu contrário, a valorização dos corpos e vozes migrantes, promovida por grupos sociais e governamentais, pautados nas forças de leis e das interações sociais, denominarei como democracia migratória.

Referenciado pela democracia migratória, convido a uma reflexão que cruza as problemáticas apresentadas até esse ponto: em um país de tantos migrantes, como são recebidas as línguas de origem destes? Historicamente as línguas apresentam maior ou menor grau de importância em relação a outras. Desde os primórdios as línguas foram se sobressaindo umas sobre as outras, algumas chegando à notoriedade e outras até o desaparecimento. Contudo, o maior prestígio de todos os tempos foi recebido pela língua inglesa (FERREIRA; MOZZILLO, 2020).

O prestígio das línguas possui relação com o poder que elas exercem no mundo - em espaços e tempos definidos - e promove um maior número de falantes e aprendentes. No caso da língua inglesa, os processos coloniais em diferentes locais do globo, o poderio bélico e econômico e a globalização criaram uma atmosfera favorável para a expansão e a valorização do inglês como língua de prestígio. Dessa maneira, através da hipervalorização de uma língua, referenciais culturais tornam-se exemplos de excelência, criando padrões para serem seguidos. Como afirma Patricia Denicoló David (2005):

O que se pode perceber, é que a globalização não é apenas econômica, é também cultural, o que inclui desde a informação instantaneamente globalizada até o predomínio do inglês, o idioma da globalização.

Devido à grande influência econômica e política dos Estados Unidos, a língua inglesa goza hoje de forte prestígio mundial (DAVID, 2005, p. 210).

O prestígio que Patrícia David (2005) apresenta pode ser analisado no Brasil tendo na língua inglesa o seu esplendor. Contudo, os cruzamentos decorrentes da temática devem ser observados. O número expressivo de falantes e aprendentes de língua inglesa é bastante valorizado em nível nacional; o falante terá sua anglofonia ainda mais valorizada quando seja oriundo da Inglaterra e Estados Unidos; o contraste rural e urbano trará traços à linguagem do falante que também demonstrarão predileção. Todas essas relações são

móveis e temporais, ou seja, devem ser sempre observadas as pessoas envolvidas e demarcado o local e momento da análise.

O que quero dizer é que no Brasil, bem como em grande parte do mundo não anglófono, o prestígio que envolve a língua inglesa desvaloriza as demais línguas, e fazer uso de uma língua de menor prestígio global ou traços da mesma pode colocar um migrante em situações de menosprezo. Em muitas ocasiões, a consequência será a fatídica afirmação: *você não é daqui*. Ao afirmar “você não é daqui”, um espaço é criado entre pessoas que pertencem e pessoas que não pertencem a um determinado local. Por outro lado, um acento que possa ser avaliado como de língua inglesa guia a conversa para um tom menos afirmativo, criando possibilidade de resposta como *de onde você é?* Dessa maneira, um migrante se torna menos migrante ao passo que linguisticamente ele é deslocado pelo interlocutor em relação aos traços linguístico-sociais que carregue na sua linguagem.

Normatizações como as descritas apontam para uma maneira peculiar de observar os idiomas que possuem marcas distintas dos dominantes local e globalmente, dando menor acesso e pertencimento a línguas que estejam mais ao *sul* – algo da ordem de uma falsa democracia linguística que se une à também falsa democracia migratória. Cabe ressaltar que fora a língua inglesa, os demais idiomas relacionados aos dominadores, incluindo português, espanhol e francês, também possuem prestígio, ainda que em menor escala, o que demonstra que as línguas também podem estar relacionadas à visão de *sul*.

Constituído por tais inquietações e pautado nos ideais do *sul* para a realização de minha pesquisa, objetivando a caracterização dos caminhos performativos e temas-encruzilhadas presentes em narrativas, opto por participantes migrantes, negros e que não sejam anglófonos nativos. Essa ação promove as vozes que muitas vezes sofrem da afasia ocasionada pelas falsas democracias racial, migratória e linguística.

Por fim, referenciado na discussão até aqui apresentada, acredito que a questão migratória, em especial no Brasil, não deva ser analisada como algo isolado, posto que tais movimentos possibilitam aos migrantes “e às pessoas do local para onde [estes] migraram, experiências que desacomodam os modos

estabelecidos de sociabilidade e de territorialização” (FREITAS, 2019, p. 149). Como aponte ao longo desse subcapítulo, pensando no escopo de minha pesquisa, a questão migratória envolve, no mínimo, uma encruzilhada bastante tênue, resultado de uma falsa democracia migratória e de uma também falsa democracia linguística, ambas à brasileira. A partir desta encruzilhada, caminhos podem ser escolhidos como fechar os olhos para as questões migratórias, raciais e linguísticas e suas implicações na prática social ou buscar problematizá-las. Eu escolho a última opção.

No próximo capítulo, apresentarei detalhadamente quem são os participantes da pesquisa, além das metodologias e instrumentos de geração de dados utilizados.

5. PARTICIPANTES, METODOLOGIAS E INSTRUMENTOS ENCRUZADOS

Uma pesquisa como a que proponho nesta tese, que apresenta narrativas pessoais, deve ser apresentada com extremo cuidado, visando garantir o anonimato dos participantes. Contudo, algumas informações são importantes para delimitar o escopo da pesquisa. A trajetória de todos os participantes parte da seguinte encruzilhada: pessoas com vivência como professores em instituições públicas brasileiras de ensino superior, nascidos em países não anglófonos e autodeclarados negros.

A escolha e primeiro contato feito com os possíveis participantes se deu por meio eletrônico, devido ao período de pandemia. Inicialmente, optei por buscar informações sobre professores disponibilizadas por universidades de todo o Brasil em suas páginas oficiais de gestão de pessoal e/ou programas de pós-graduação, de maneira aleatória. De posse de informações mínimas, eu partia para um primeiro contato, via e-mail, me apresentando, explicando minha temática de pesquisa e convidando para uma possível entrevista. Independente da participação em minha pesquisa, sempre buscava perguntar se o participante conhecia outras pessoas com o mesmo perfil para indicação. Ainda que desacreditado pelo tanto de trabalho despendido, consegui encontrar várias pessoas que se encaixavam no perfil desejado e, destas, pude chegar a alguns grupos organizados de pessoas com os perfis mínimos que eu buscava.

O constante trânsito virtual de *lives*, palestras e congressos *online* no ano de 2020 também foi crucial para encontrar participantes que possuísem as características necessárias para a participação na pesquisa. Em falas de diversas áreas, pude conhecer e conversar com possíveis participantes para minha pesquisa, construindo um bom grupo de vozes e reverberações reflexivas.

Após a busca geral, que durou alguns meses, totalizei a participação de seis professores que aceitaram a participação na pesquisa, de maneira voluntária e anônima. Todos os contatos tiveram início no ano de 2020 e a aplicação dos instrumentos de pesquisa se deu entre 2020 e 2021.

Todos os participantes são nascidos nos continentes africano ou americano. Os locais exatos de origem não serão apresentados, já que isso

facilitaria os seus reconhecimentos. No atual momento sócio-político, como já evidenciado ao longo desse trabalho, em que a necropolítica se apresenta como uma bandeira, deixar expostas as origens dos participantes da pesquisa poderia ocasionar na opressão destes ou mesmo na retirada de suas vidas – “o grau mais baixo da sobrevivência é matar” (MBEMBE, 2018, p. 62). Nestas instâncias, a morte é como um ato deliberado pelo que e sobre o que se tem poder (MBEMBE, 2018; GILROY, 2020) e muitas das informações presentes nas narrativas dos participantes podem ferir a branquidade aniquiladora daqueles que, muitas vezes, comandam as instituições de ensino, em especial as de origem de meus participantes.

Como uma ciranda temporal, busco no ontem a base de reflexão aquilombada de recrutar um espaço de potência para que as vozes negras sejam ouvidas. Um espaço construído nas narrativas dos participantes de minha pesquisa, que nasce na afrocentricidade, que carrega as mais variadas recriações de valores e experiências negras. Localizarei as narrativas e a pertença dos participantes em uma ilha-nação denominada Nèg.

Nèg é um território multicultural, com a presença de muitas línguas e linguagens vivas, encrostada na calunga grande⁴⁶, em um ponto estratégico entre os continentes africano e americano. Não proponho um espaço para o acolhimento de uma “negritude pura” ou “herdeira direta da Mãe África”. Corroboro com a ideia de uma “unidade de análise [...] complexa em suas discussões do mundo moderno” (GILROY, 2020), que colabora na manutenção das vozes negrocêntricas plurais e que permite que as performances narrativas não sejam julgadas e condenadas nos espetáculos de morte como exemplo.

A ilha-nação de Nèg é da ordem da performatividade linguística, construída a partir da afirmação de um dos participantes da pesquisa de que o termo “*nèg*” corresponde em algumas línguas ao termo “humano” do português. O termo é bastante presente em países onde a população é majoritariamente negra, o que perfaz a sua caracterização. A identificação de Nèg como uma ilha é alusiva às constantes situações do dia a dia, em que grupos minoritários em termos de

⁴⁶ As populações negro-africanas nomeavam o Oceano Atlântico de calunga grande (RUFINO, 2019, p. 15). As calungas são a nomenclatura que recebem os cemitérios nas religiões de matriz africana.

direitos, mesmo sendo maioria numérica, se sentem ilhados, afastados e/ou isolados de discussões e participações sócio-linguístico-políticas brasileiras.

Nèg é composta pelas performances narrativas dos participantes da pesquisa, constituindo o mundo/vida social a partir de suas narrativas de maneira fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida (MELLO, 2015; MOITA LOPES, 2002; 2003; 2006a). As vozes que constituem a ilha-nação também nomeiam o local. As narrativas dos participantes constituem caminhos possíveis que se encontram na encruzilhada do espaço-tempo de Nèg.

Nèg é filha das falsas democracias brasileiras: democracia racial, democracia migratória e democracia linguística. Se as democracias brasileiras realmente existissem, os participantes dessa pesquisa poderiam ter seus nomes, nacionalidades e localizações apresentados. Mas as represálias são desse mundo!

Não trazer traços que possam identificar os participantes, criando um “nascidouro” para todos eles, rompe com as lógicas modernas iluministas de fazer pesquisa em que, direta ou indiretamente, são deixadas pistas capazes de caracterizar os participantes. Pessoas e lugares são reais, mas como em muitos momentos da vida negrobrasileira, devemos proteger os nossos, em prol de uma unidade coletiva. Nèg rompe com as maneiras de entender o mundo, de compreender as existências, de cruzar caminhos e de construir coletividades. Nèg se constitui como “uma rede entrelaçada entre o global e o local, [que] desafia a coerência de todas as perspectivas nacionalistas estreitas (GILROY, 2020, p. 82). Nèg rompe com o poder constitutivo *nkali*. Como já dito nesta tese: “só estaremos individualmente seguros na medida em que estivermos coletivamente seguros” (BERSANI et al., 2020, n.p.).

Para muitos grupos privilegiados, a ilha-nação de Nèg não é vista nos mapas. Sua visibilidade aumenta proporcionalmente à criticidade que envolvemos nas problematizações sociais do dia a dia. As nuvens que encobrem Nèg dos olhos de alguns grupos são compostas de *apartheids* comunitários, necropolítica e desvalorização do outro e de uma dor da qual esses grupos não sentem. Nos últimos anos, no Brasil, estes grupos privilegiados vêm chamando essa dor de *mimimi*.

Este é um trabalho qualitativo. Me farei valer da pesquisa narrativa na construção desta tese, pois parto de experiências vivenciadas e contadas narrativamente (CLANDININ; CONNELLY, 2011). Ao narrarem suas experiências, os participantes das pesquisas narrativas dão sentido às suas produções a partir de diferentes fluxos de memória. Como afirma Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2019):

Quando se faz pesquisa narrativa, nossa preocupação não deve ser com a busca da verdade, em saber se os participantes contaram ou não uma história verdadeira. O importante é perceber de que modo os narradores representam determinado fenômeno, como interpretam suas experiências (PAIVA, 2019, p.91).

Alicerço o uso de tal metodologia na afirmação de que uma pesquisa narrativa é “um processo dinâmico de viver e contar histórias, e de reviver e de recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18), no qual construímos significados sobre quem somos (FREITAS; MOITA LOPES, 2017, p. 308). As vozes que nesta tese veremos contam, recontam, afirmam, reafirmam e *desafirmam* suas experiências o tempo todo, fazendo de cada momento narrativo uma nova dinâmica ou mesmo um novo caminho. É na construção das narrativas que essas vozes trazem à tona como foram constituídas e como continuamente se reconstroem no próprio ato de relatar histórias (MOITA LOPES, 2001, p. 65).

Visto que nossos discursos são construídos na coletividade - em especial nas culturalidades negras - cada narrativa constrói outras novas e, ao me encontrar com essas narrativas na posição de pesquisador, me (re)crio e (re)crio narrativas sobre as narrativas que ouço. (Re)crio Nèg ao ser tocado pela narrativa do signo *nèg*; (re)crio caminhos ao ser tocado pelas vozes de diferentes participantes; (re)crio a encruzilhada ao encontrar as possibilidades de intersecções entre as vozes. Na coletividade de nossas narrativas, de todos que passam de alguma maneira por essa pesquisa, (re)criamos essa tese.

Além da pesquisa narrativa, faço uso da noção de encruzilhada como metodologia. Sendo as encruzilhadas espaços de saberes subalternizados historicamente, e este trabalho encontrar repouso também em saberes

subalternizados atravessados por raça, migração e docência, revelo a necessidade de buscar metodologias que falem de dentro para fora, como ocorre com a pedagogia das encruzilhadas. Nessa lógica, “o que no corpo e na voz se repete é também episteme” (MARTINS, 2021, p. 23) e emerge a necessidade da utilização de uma metodologia que compreenda “um complexo de experiências, práticas, invenções e movimentos que enredam presenças e conhecimentos múltiplos e se debruça sobre a problemática humana e suas formas de interação com o meio” (RUFINO, 2019, p.74). Por assim dizer, a pesquisa se torna a própria encruzilhada.

Mobilizar a pesquisa como a própria encruzilhada demonstra o caráter transgressivo desta pesquisa, além de construir-se “como um balaio tático de saberes e ações de fresta, [que] não se reduz à nenhuma forma criada, mas cruza tudo que existe e os refaz” (RUFINO, 2019, p. 76) e encontra amparo nos atributos de divergência, rupturas, intersecções, inscrições e disjunções (MARTINS, 1997), além de “movimento, cruzo, rasura, despedaçamento, transmutação, invenção e multiplicação” (RUFINO, 2019, p. 76).

Ao passo que (re)crio mundos e narrativas para constituir as vozes de Nèg, produzo estripulias anticoloniais (RUFINO, 2019, p. 13), trazendo novos fazeres, novos pensares e novas significações para o que “sempre foi assim”. Provoco possibilidades diversas e nitidamente plurais sob modelos que se qualificam como únicos. Ao refazer caminhos, produzir faíscas e atear fogo em papéis sociais secamente construídos, a pedagogia das encruzilhadas age como um contragolpe nas edificações coloniais (RUFINO, 2019).

Sendo os cruzos os nascedouros de possibilidades e diversidade, a metodologia de estudo para essa tese não poderia ter outra característica que não cruzada. Aliar pesquisa narrativa e pedagogia das encruzilhadas já é uma mostra de transgressividade e de anticolonialidade, já que normalmente encontramos a maioria das pesquisas pautadas em apenas uma metodologia. Além disso, a proposição de um novo caminho a partir do encontro da pesquisa narrativa e da pedagogia das encruzilhadas promoverá a incorporação de outros saberes a metodologias até então não utilizadas em combinação. A incorporação que aqui aponto não está apenas na relação de integração que o termo produz, mas, principalmente, como um termo que “engloba os inúmeros saberes

praticados, vibrados nos tons do sentir, fazer e pensar” (RUFINO, 2019, p. 137), ou seja, nos diferentes atos de performatividade. Além disso, a própria discussão de raça junto à linguagem, com proponentes negros sobre as narrativas de participantes também negros, já se mostra como uma combinação pouco presente no campo acadêmico.

Usar das encruzilhadas como metodologia revela muito da construção ancestral, representativa e afrocêntrica que carrega este trabalho e meu fazer como pesquisador negro. Ao passo que compreendo as narrativas de meus participantes enredo cruzos a suas vozes que não respeitam a linearidade. Os caminhos do ir e vir das narrativas se entrelaçam na polissemia das vidas de cada participante. O ecoar de suas vozes carregam marcas, caminhos e pistas que nos mostram as possibilidades de interpretação de seus trânsitos sistêmicos e epistêmicos imbuídos nas performances, concepções e cosmovisões a que se filiam (MARTINS, 2021). Por isso, se torna importante aliar às encruzilhadas como metodologia o uso da análise temática como método de análise, já que este se trata de “um processo que demanda uma atitude recursiva, com movimentos de vaivém, conforme a necessidade” (SOUZA, 2019, p. 56). Em consequência, o uso de tais método de análise e metodologia me proporcionará compreender quais os caminhos performativos e temas-encruzilhadas são mobilizados nas performances narrativas de professores negros, migrantes e não anglófonos que participam de minha pesquisa.

Faço da encruzilhada o meu espaço de cruzo. É na observação da não linearidade progressiva das vozes que me construo como sujeito negro que escuta o ontem dos mais velhos do tempo espiralar e de seus fazeres encruzados, procurando a reflexão do hoje e do amanhã. E nessa ordem, me construo como sujeito de migração, não translocada, mas da ordem da iniciação, daquele que recruta vivências e experiências na busca da construção diária, como bem afirma Savadogo (2021). A narrativa que trago ao longo de meu estudo é a composição dos enunciados da negritude. Esse é um trabalho sobre negros, falando com negros protagonistas sobre suas performances.

Por mais que a academia nos imponha a grafia, afirmo que as manifestações da encruzilhada metodológica performam para além do escrito, trazendo nas vozes, corpos e gestos a sua maneira de ensinar e compreender o

mundo. Como afirma Leda Maria Martins (2021), dançar a palavra, caligrafar a rítmica do corpo, cantar o gesto, coreografar a voz e dar sonoridade às cores são heranças e produções de conhecimento trazidas por uma espiralidade temporal. Por tudo isso, trazer como metodologia as encruzilhadas nos permite interagir narrativamente, recuperar o riso como elemento constituinte da performance, dar de ombros como interlocução e reconhecer na dor do outro a dor de muitos. Respondo a Victoria Santa Cruz, ao questionar “¿Qué cosa es ser negra?”, que apenas os caminhos performativos das encruzilhadas da coletividade e a escuta das vozes presentes nestas poderão dar tal resposta, que, obviamente, não será única.

Porém, de nada adiantaria propor metodologias de pesquisa que falem à prática social se, aliados a elas, não forem apresentados instrumentos de geração de dados correlacionáveis. Assim, utilizo como instrumentos de geração de dados a entrevista narrativa e a narrativa escrita. A escolha desses instrumentos se interliga à noção do cruzo, pois, como afirma Sônia Isabel Fabris Campos (2013, p. 102), a entrevista é compreendida como “um método de geração de dados que propicia a produção de narrativas por meio das quais os falantes coconstroem⁴⁷ significados sobre o mundo social”, resultando, bem como a encruzilhada, em um campo de possibilidades, invenção e afirmação da vida, sob uma perspectiva transgressiva à monologização do mundo (RUFINO, 2019, p. 13). Munido de tais instrumentos, não apenas escuta-se a voz ao narrador, como busca-se entender os fenômenos narrados (PAIVA, 2019), os caminhos performativos que constituem essas vozes e os temas-encruzilhadas demarcados seja por recorrência ou relacionados ao caráter interpretativo do tema.

Fazer uso de entrevistas promove um deslocamento do entrevistado de mera fonte de conhecimento para “alguém que coonstrói, com o entrevistador, o discurso produzido na situação de entrevista; situação essa que [...] se faz cada vez mais presente na vida social contemporânea” (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 10). Por assim dizer, a entrevista possui caráter interacional,

⁴⁷ Coconstruir consiste em “uma criação conjunta, com processos interacionais que podem incluir colaboração, cooperação e coordenação” (PEREIRA; LIMA; BASTOS, 2013, p. 164).

acarretando a produção de performances sociais. Em outras palavras, segundo Lilian Cabral Bastos e William Soares dos Santos (2013):

a entrevista é estudada como um evento interacional em que os participantes utilizam elementos discursivos diversos a fim de criar e manter a interação social. O foco de análise recai sobre como a fala é construída em entrevista, o que possibilita a compreensão, entre outros elementos, de como as pessoas produzem avaliações sobre o mundo e como gerenciam suas identidades sociais em contextos de entrevista específicos (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 11).

Como resultado das entrevistas, contei com uma série de narrativas construídas a partir de objetivos estipulados por cada entrevistado naquele tempo e espaço. As narrativas não merecem juízo de valor, procurando achar pontos de inverdades. “Pessoas utilizam a narrativa não apenas para (re)construir eventos passados, mas, entre outros objetivos, para que tais eventos sejam interpretados de acordo com as representações que desejam” (SANTOS, 2013, p. 24). Ainda segundo William Soares dos Santos (2013):

Ao contarem suas experiências, os entrevistados realizam o trabalho de reorganizá-las, conferindo atualidade a eventos ocorridos há algumas horas ou há muitos anos do momento da narração. O ato de narrar constitui, assim, um retorno à experiência, mas não é a experiência; a narração está condicionada ao contexto, às pessoas nele envolvidas e tem um fim determinado. No entanto, ao contar sua experiência, o narrador possibilita a si e aos que estão a seu redor pensarem sobre ela (SANTOS, 2013, p. 30).

Fazer uso de narrativas, sejam elas orais ou escritas, permite que os participantes (re)construam sua própria existência e movimentem memórias cristalizadas, rasuradas ou apagadas. Não por acaso, ao percorrer diversos caminhos vividos e externalizados em narrativas, estudos desse gênero “pode[m] ajudar na compreensão de como [as] produções dão forma ao significado da existência humana no âmbito pessoal e coletivo em vários contextos sociais” (SANTOS, 2013, p. 27). Nas narrativas são marcados os posicionamentos de quem narra, bem como as regras da construção discursiva, resultado da (re)(co)construção de histórias vivenciadas. Freitas (2017) ainda afirma que as narrativas

[...] são integradas a certos campos discursivos por meio de regras externas – que dividem aquilo que é significativo daquilo que não é, e o que pertence ou não à narrativa – e de regras internas – certas regularidades discursivas que servem para distinguir histórias canônicas, enredo principal, técnicas de narração e coerência narrativa (FREITAS, 2017, p. 2118-2119).

Na busca de compreender os posicionamentos dos participantes em suas performances narrativas, farei uso da análise temática (AT) como método de análise (BRAUN; CLARKE, 2006). A AT é um método para identificar, interpretar, analisar e relatar temas com foco em dados qualitativos (BRAUN; CLARKE 2006; SOUZA, 2019). Como finalidades, afirma-se que a AT organiza e descreve o conjunto de dados em detalhes, criando um campo de análise interpretativa dos dados gerados. Segundo Virginia Braun & Victoria Clarke, a AT apresenta uma “estrutura robusta e sistemática para codificar dados qualitativos e, em seguida, usar essa codificação para identificar padrões em todo o conjunto de dados em relação à questão de pesquisa” (2014, p.01-02).

A AT possui característica flexível e reflexiva, dando ao pesquisador a possibilidade de demarcar os pontos passíveis de observação dos temas a serem analisados nas performances dos participantes. Para tanto, deverá ser levado em conta, segundo Braun & Clarke:

[...] um conjunto de fatores, incluindo qual tópico a pesquisa explora, qual é a questão de pesquisa, quem conduz a pesquisa, qual é sua experiência de pesquisa, quem compõe o público-alvo pretendido da pesquisa, a(s) localização(ões) teórica(s) da pesquisa, o contexto da pesquisa e muitos outros. Alguns deles são um pouco fluidos, outros são mais fixos (BRAUN; CLARKE, 2014, p.02).

Na busca de identificar temas nas pesquisas qualitativas, pode-se afirmar que a AT relata experiências, significados e realidades dos participantes das pesquisas, através da análise de um conjunto de discursos que operam dentro de grupos sociais específicos. Cria-se, então, um campo de caráter interpretativo das maneiras pelas quais os indivíduos dão sentido às suas experiências e das formas pelas quais os contextos sociais mais amplos interferem nesses significados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Ainda que a caracterização da AT seja bastante fluída, alguns pontos devem ser considerados para a compreensão dos temas. Um tema resulta da captura de algo importante sobre os dados em relação à pergunta de pesquisa e representa algum nível de resposta padronizada ou significado dentro do conjunto de dados (BRAUN; CLARKE, 2006). A relevância de um tema na AT não está ligada à quantidade de aparições ou inferências sobre este. Braun & Clarke (2006) nos apontam que

Idealmente, haverá um número de ocorrências do tema em todo o conjunto de dados, mas uma maior ocorrência não significa necessariamente que o tema em si é mais importante. Como esta é uma análise qualitativa, não há uma resposta rápida e direta para a questão de qual proporção de nosso conjunto de dados precisa exibir evidências do tema para que ele seja considerado um tema. [...] Um tema pode ocupar um espaço considerável em alguns itens dos dados, e pouco ou nenhum em outros, ou ele pode aparecer em relativamente pouco do conjunto de dados. Assim, o julgamento do pesquisador é necessário para determinar o que é um tema. Nossa orientação inicial sobre isso é que você precisa manter alguma flexibilidade, e regras rígidas realmente não funcionam (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 82).

Corroborando com as informações das autoras citadas, não serão analisados os parâmetros quantitativos em relação à aparição dos temas presentes nas performances narrativas dos participantes de minha pesquisa. Serão analisados aqui como temas, os resultados encruzados das inferências, apontamentos diretos e trânsitos epistêmicos observados nas performances narrativas orais e escritas dos professores negros, migrantes e não anglófonos.

Dessa forma, entender-se-ão as vozes dos participantes como caminhos performativos e os temas como espaços de “interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações (MARTINS, 1997, p.25). Em outras palavras, os temas serão analisados como encruzilhadas resultantes dos caminhos performativos dos participantes da pesquisa e denominados de temas-encruzilhadas.

Não farei uso das especificações de tipos de temas apresentados por Clarke (2017). A autora aponta para a existência de *bucket theme* e *storybook*

theme – tema tipo cesta e tema tipo livro de histórias, respectivamente⁴⁸. Acredito que ambos não revelam a totalidade do que busco apontar em minhas análises, pois “o tema de tipo cesta apresenta um apanhado do principal conteúdo das falas dos participantes, não avançando a partir da superfície dos dados” (SOUZA, 2019, p. 55), enquanto que o tema do tipo livro de histórias é reconhecido como um “tratamento interpretativo, criativo e perspicaz sobre os dados, com a imersão e engajamento necessários” (SOUZA, 2019, p. 55), porém “plenamente completo, pronto” (SOUZA, 2019, p. 55).

Em parte, o tema do tipo livro de histórias corrobora com a proposta de análise que trago nesta tese, visto seu caráter interpretativo sobre os dados. Contudo, não concordo que os temas possam ser concebidos como “completos e/ou prontos”, posto que se trata de interações discursivas e não há linguagem dada ou pronta. Como já mencionado no primeiro parágrafo desta escrita, a linguagem é ação, é movimento, é reação. É a compreensão de o que e como a vida social está sendo organizada. Sendo essa tese construída na articulação das falsas democracias raciais, migratórias e linguísticas, os temas que buscarei se estreitarão em tais arranjos compostos na sociedade brasileira.

A concepção de AT que me proponho corresponderá a três fases: a) familiarização dos dados (neste caso, as performances narrativas orais e escritas dos participantes); b) a reunião de extratos relevantes; c) proposição, trato e titulação dos temas-encruzilhadas⁴⁹. Para tanto, foram utilizados os resultados de dois instrumentos de pesquisa: entrevista narrativa e narrativa escrita.

As entrevistas narrativas foram feitas oralmente, via Skype, sem tempo pré-determinado, com questões abertas – não estruturadas – que foram desenvolvidas ao longo da narrativa. O uso de entrevistas não estruturadas favorece a emergência de narrativas (SANTOS, 2013).

Perfazendo o percurso durante a entrevista narrativa, inicialmente, era pedido que o participante falasse um pouco de si e de sua trajetória. A partir disso, a condução da entrevista era feita tendo como base os temas de

⁴⁸ Tradução de Souza (2019, p. 55).

⁴⁹ As fases que caracterizam cada passo da análise possuem como base as fases apresentadas por Braun & Clarke (2006; 2014) e Souza (2019).

racialidade, migração e linguagem, além das lacunas deixadas pelos próprios participantes ao longo das narrativas.

As entrevistas duraram entre 62 e 125 minutos, o que demonstra uma riqueza de informações muito significativa para o contexto de pesquisa, além de validar o quão à vontade os participantes se sentiram de colaborar na construção desse trabalho. As entrevistas foram gravadas com a utilização do aplicativo Skype e, posteriormente, transcritas segundo Marcuschi (1991). A fim de compor as narrativas de Nèg, foram utilizadas quatro das seis entrevistas narrativas obtidas. As duas narrativas não presentes na tese foram utilizadas como projeto-piloto, sendo de grande relevância para a constituição do estudo.

O segundo instrumento de geração de dados foi a produção de uma narrativa escrita em que o narrador deveria escolher uma pessoa de sua convivência, preferencialmente de seu país de origem, e contar o que levava essa pessoa a ser especial para ele. A narrativa escrita serviu como “um relevante instrumento para observarmos como os hábitos são negociados e de que forma a vida social é incorporada às práticas” (MELLO, 2015, p.166), além de um elemento de potencialização ancestral que busca no outro a sua valorização e saberes na construção do hoje.

Muito do material produzido nas narrativas escritas se relacionou com a ancestralidade dos participantes, produzindo fagulhas nas lembranças e constituindo representações de imagens de outrora que queimaram no presente. As escritas narrativas também serviram de espaço performativo a favor da ética, pois informações como nomes e características nelas contidas foram utilizadas para construir o perfil dos participantes. Tais ações resultam na manutenção do anonimato e das garantias de risco mínimo aos participantes⁵⁰. Nessa percepção, o conteúdo das narrativas põe-se como forma (GILROY, 2020) e nesta, se reexpressa nos modos de conduzir nossas existências (MUNIZ, 2020).

A solicitação das narrativas escritas foi enviada através de um documento virtual, com espaço ilimitado para a produção (APÊNDICE A). Na ocasião, foi

⁵⁰ Considero que a pesquisa possui riscos mínimos de participação, pois os riscos que envolvem a participação dos sujeitos de pesquisa estão relacionados a eventuais desconfortos ou constrangimentos na participação, como previsto no Parecer Consubstanciado nº 4.029.576, aprovado pelo comitê de ética da UFPel, cadastrado na Plataforma Brasil.

enviado também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), que foi assinado virtualmente pelos participantes. A devolução era automática, conforme ocorria o preenchimento do documento.

Tendo em vista o anonimato descrito no TCLE, os nomes utilizados para os sujeitos da pesquisa foram extraídos de cruzamentos entre as narrativas orais e escritas. Foram utilizados nomes que, de alguma maneira, emergiram nas narrativas e representavam os narradores. Por fim, os participantes foram nomeados como Maria, Esmeralda, Sabab e Ricardo.

Trago, a seguir, um apanhado sobre cada participante, composto de uma caracterização prévia e de uma performance narrativa escrita. As narrativas apresentadas neste ponto foram construídas pelos próprios participantes – resultantes de partes ou da totalidade das performances narrativas orais e escritas – ou por mim quando, por algum motivo, os participantes não tenham preenchido o formulário de narrativa escrita (APÊNDICE A). Em relação a escrever sobre os participantes, corroboro com a assertiva de Martins (2021):

A experiência de escrever o outro insinua-se, assim, no ato mesmo da enunciação, como respiração sempre inaugural e provisória, pois aberta ao risco do outro, sujeito de linguagem. Essa escrita desejante promove a erosão das dicotomias ilusórias, instaurando o jogo de alternâncias e ressonâncias vocais como pulsões textuais (MARTINS, 2021, p.196).

Além de apresentar a narrativa, descreverei como foram compostos os nomes dos participantes e a narrativa como um todo. Aponto a necessidade de dar novos nomes aos participantes com base em represálias que estes poderiam receber, em relação às falas que compõem cada narrativa. Renomeio não para escondê-los, mas sim por questões éticas e de responsabilidade social, para garantir o princípio da dignidade à pessoa humana (BRASIL, 1988), operar contra a necropolítica e o necropoder (MBEMBE, 2020), ratificar os modos de conduzir nossas existências (MUNIZ, 2020) e dificultar as direções de possíveis manifestações do racismo estrutural e da falsa democracia migratória que imperam de forma substancial na sociedade brasileira. Mais do que nunca, em tempos nefastos como os que vivemos atualmente, em que apoiar e defender grupos minoritários em termos de direito pode resultar em afrontas e até morte,

é preciso construir redes cooperativas de aquilombamento que denunciem, mas que também protejam⁵¹.

A primeira narrativa que apresento é de Maria. Maria é professora na área de linguística, letras e artes⁵² e possui toda a sua formação no Brasil – graduações, mestrado e doutorado. Para a descrição abaixo, foi utilizada a narrativa escrita de Maria na íntegra. A escolha de não interferência na narrativa se deu ao verificar que a participante não deixava marcas explícitas de quem era ou de pistas indiciárias que remontassem suas trajetórias. Além disso, acredito que a performance narrativa escrita da participante trouxe elementos satisfatórios para um primeiro contato.

A seguir, apresento Maria pela voz de Maria.

MARIA

Ela foi uma mulher fantástica com visão de mundo inigualável. Previa o que os filhos deviam fazer dada a constante mudança do comportamento das pessoas. Ser honesto para ela é condição *sine qua non* para uma pessoa ser considerada cidadão. Incentivava sempre para encarar o mundo de frente. Estudar para ela era arma para enfrentar qualquer problema social.

A segunda narrativa apresenta Sabab. Sabab é professor na área de ciências humanas⁵³, possui graduações dentro e fora do Brasil e mestrado e doutorado em instituições brasileiras. A narrativa de Sabab é resultado de uma combinação de informações que julgo como preliminares sobre o participante. Tais informações foram todas retiradas da entrevista narrativa e estruturadas por mim. Não foi utilizada narrativa escrita, pois o participante se recusou a escolher

⁵¹ Apoio-me nos princípios éticos de cuidado que se deve ter para que sejam preservadas as identidades dos participantes de pesquisa. Segundo Gatti (2019, p. 57) “os pesquisadores têm a responsabilidade de assegurar que eles [os participantes] não sejam submetidos a grandes tensões ou situações constrangedoras, seja no processo de investigação, seja como resultado das análises e sua disseminação social.

⁵² Utilizo como referência as grandes áreas de conhecimento da CAPES, disponível em <http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>. Acesso em: 20 dez. 2022.

⁵³ Ibidem.

uma pessoa que tenha sido importante na sua vida. Tal feito ocorreu porque Sabab reconhece todas as pessoas que participaram de suas trajetórias como únicas e importantes, e falar de apenas uma delas iria contra seus princípios de valorização do coletivo na formação do sujeito. Seu nome teve nascedouro no termo da cultura islâmica, reapropriado pelas culturas africanas significando o que há entre a vontade de Deus e o que irá acontecer - como mencionado por ele mesmo

A seguir, apresento Sabab pelo que acredito ser Sabab.

SABAB

Nascido de pais imigrantes, Sabab não é um, mas sim vários. Composto de múltiplas cidadanias e caminhos diversos, o que entoa reverbera o som da coletividade.

Um ser humano movido pela cultura de onde nasceu, de onde viveu, de onde esteve e de onde só os livros lhe disseram como era. Sensível e metódico. Capaz de encontrar em diferentes locais os seus pontos em comum e valorizá-los. Carrega no nome aquele entremeio entre a vontade de Deus e o que realmente irá acontecer.

E no ir e vir, no conhecer e reconhecer, incorpora as diferenciadas experiências de vida. Não é à toa que para Sabab o mais importante é o humano. Consegue notar o sagrado nas línguas. Consegue notar que as línguas carregam o poder para compreender as sociedades. E assim constrói sua identidade. Uma identidade *multiple*.

A terceira narrativa que apresento é de Esmeralda. Esmeralda é professora na área de linguística, letras e artes⁵⁴, possui graduação e mestrado fora do Brasil e doutorado em instituição nacional. Além disso, possui pós-doutorados dentro e fora do Brasil. O nome de Esmeralda emergiu na própria narrativa escrita, como menção alusiva ao seu valor. A narrativa que pode ser observada a seguir é resultado da totalidade da performance narrativa escrita, sendo

⁵⁴ Ibidem.

retirados por mim alguns pontos que tornavam a identidade da participante muito explícita. Busquei não interferir na narrativa para além das retiradas de tais pontos, preservando ao máximo a performance da voz participante, que carrega elementos satisfatórios para o primeiro contato, não necessitando recorrer à entrevista narrativa.

A seguir, apresento Esmeralda pelo brilho da voz de Esmeralda.

ESMERALDA

Geralmente quando as pessoas falam das dificuldades que enfrentam na vida dizem que encontraram muitas pedras no caminho, como sinal de obstáculo. Mas no meu caso foi diferente, pois encontrei pedras preciosas [...]. Pessoa humilde, sincera, carinhosa, amorosa e quase uma mãe para mim. E digo quase, porque não me levou no ventre e me deu à luz, mas trouxe muita luz para mim. Acompanhou todos os meus passos, me aconselhou na minha carreira e me ensinou como enfrentar as dificuldades, com sabedoria. Assim, além de meus pais que foram meus ídolos, meus diamantes, ela foi também algo precioso, uma esmeralda. Apesar de não ter um nível de instrução alto, pois a vida que viveu foi muito dura, difícil e por isso não conseguiu concluir o primário. Mas nem por isso deixou de ter um conhecimento e experiência incríveis. Filha de emigrante e neta de escravos, nasceu no começo do século passado, quando a situação local era muito difícil e, como era muito pobre, começou muito cedo a trabalhar para ajudar a mãe. Casou e teve dois filhos que cuidou e educou com muito amor e esforço, pois queria que eles não passassem pelos mesmos obstáculos que ela passou. O melhor emprego que teve foi numa escola interna onde trabalhava como cozinheira. Todos a amavam por ser uma pessoa simples e extremamente humana. O maior presente que teve na vida foi ser convidada a discursar num congresso da Associação de Mulheres do País e o fez com muita responsabilidade sendo aplaudida por todos em pé. Seu discurso foi sereno e firme, parecia uma coisa de Deus e quando recebeu o certificado de mão dos organizadores não acreditava que tinha feito um discurso como aquele. Por tudo o que ela representou na minha vida e na minha carreira eu dediquei meus estudos aos meus pais e a ela. Infelizmente, não está mais entre nós, mas o seu

legado, o seu exemplo, estão vivos e presentes no meu dia a dia, nos meus atos, nas minhas atitudes e no profissionalismo que construí e continuo construindo na minha caminhada como docente e educadora. A sua simplicidade, a sua força e a sua vivência me ajudaram na minha formação. Todos seus conselhos são o maior tesouro que herdei dela. Portanto, continua sendo a minha mais linda esmeralda.

A quarta narrativa que apresento é de Ricardo. Ricardo é professor na área de ciências humanas⁵⁵ e possui graduação, mestrados e doutorado no Brasil. O nome de Ricardo emerge de um exemplo dado por ele mesmo em relação a ser chamado pelo seu próprio nome quando se nasce/vive em um país majoritariamente negro. Ao mencionar que nenhuma pessoa é chamada de negra, Ricardo afirma que são os seus nomes e sobrenomes que servem como referência e não às questões raciais. “Os negros nascem sendo chamados pelo seu nome, sendo chamados pelo Nome 1, Nome 2 e Ricardo⁵⁶ e assim por diante”⁵⁷.

A narrativa de Ricardo foi construída tendo por base a narrativa escrita. Ricardo narra dor, vida, morte e saudade. Presente em sua narrativa está a valorização da ancestralidade e do movimento de reinvenção do passado-presente. Reinventar é o verbo que está na vida de Ricardo e nas vidas que ele narra. Ricardo perfaz Exu e também mata um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje.

A seguir apresento Ricardo pela pedra de Ricardo.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Nome 1 se refere ao nome do participante; Nome 2 corresponde ao sobrenome do participante. O nome Ricardo foi citado hipoteticamente.

⁵⁷ Trecho da entrevista narrativa.

RICARDO

Flore, uma mulher guerreira, batalhadora, educada e doce, nos deixou muito jovem, faleceu aos 39 anos de idade. Concebeu-me aos 22 anos, doou sua vida em prol da minha educação. Desde cedo, ensinou-me que a educação era uma porta para o mundo, através dela podia transformar a mim mesmo e aquilo que está ao meu redor. Um dos maiores ensinamentos que ela me deu foi me entregar à educação e à vida, isso influenciou profundamente o meu modo de ser como pessoa, o meu modo de agir e de estar no mundo. Se sou a pessoa que sou hoje, se tenho o que tenho hoje atribuo a ela. Cada vez que conquisto um degrau na minha vida, sinto uma saudade profunda dela, queria que ela estivesse comigo para compartilhar a vida e retribuir parte dos frutos que colhi com os ensinamentos dela. No entanto, acredito que o lugar onde ela esteja, deve estar me acompanhando, guiando-me cotidianamente.

Tendo como referência as performances narrativas orais e textualizadas dos participantes apresentados, passarei para a análise dos materiais gerados. Recordo que serão selecionados os caminhos performativos e seus extratos a partir das performances narrativas dos participantes, tendo como base a encruzilhada de raça, língua(gem) e migração, além dos temas-encruzilhadas mais relevantes.

Não busco apresentar histórias dadas como únicas do ponto de vista impositivo, mas algumas encruzilhadas possíveis da negritude. É pela via das encruzilhadas compostas por narrativas de negritude que se pode “viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações [...], seus deslocamentos [...], suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas” (CÉSAIRE, 2010, p. 109), além de suas (re)expressões e impressões sobre os modos de vida negrocêntricos entrecruzados à migração e à docência no Brasil.

As encruzilhadas, caminhos performativos e temas-encruzilhadas que estarão presentes a seguir “recusam a amnésia mesmo que seja como uma saída” (CÉSAIRE, 2010, p. 114). Reconhecer o passado para repensar as práticas futuras cruza as comunidades negras com Exu, que matou um pássaro

ontem, com uma pedra que só jogou hoje. As tantas vozes de protagonismo que aqui se manifestarão serão as pedras na reconstrução das memórias presentes antes em *nkali* e, hoje, na espiralidade da NLA. Retomamos, pois “nós somos daqueles que se recusam a esquecer” (CÉSAIRE, 2010, p. 114).

A seguir, trago a análise dos materiais gerados.

6. A GRANDE VIA DA RAÇA: VOZES NEGRAS E SEUS APONTAMENTOS

Como já apresentado anteriormente, este trabalho tem como base as discussões sobre a grande via da raça. Denominar o caminho da raça como grande está longe de querer enaltecer a marca herdada do colonialismo. A grandeza está na sua constituição. Raça não é um termo que possa ser discutido ou apresentado de maneira fácil ou simples. Ao contrário, o conceito de raça pode ser compreendido como um caminho amplo, capaz de conduzir cruzamentos, indicar simultaneamente as vielas do racismo, das nomeações e dos julgamentos, além de construir pontes de valoração dos corpos e vozes que performam através da negritude.

Assim, convido que possamos nos conduzir pela via da raça e nela nos alimentemos de caminhos-narrativas encruzadas. Lembro que o objetivo deste trabalho é analisar nas narrativas de professores negros, migrantes não anglófonos, quais caminhos performativos e temas-encruzilhadas são mobilizados no que se refere a raça, língua(gem) e migração.

Para a realização das análises, inicialmente, me propus a analisar as performances narrativas dos quatro participantes⁵⁸, caracterizando, assim, a primeira fase da análise temática (AT) que constitui esse trabalho: familiarização dos dados. Dessa fase, analiso tanto as performances narrativas orais quanto as escritas, dando foco às ocorrências, desmembramentos e envolvimento das relações de raça, língua(gem) e migração aos temas abordados.

Como resultado da familiarização dos dados cheguei a vinte excertos que compõem meu *corpus* de análise. Nestes excertos, todos resultantes das narrativas orais dos participantes, estarão sublinhados os extratos a serem observados – sem que o contexto seja excluído. Logo, serão apresentados apontamentos sobre os extratos elencados, podendo estes apontamentos estar compostos de dados extraídos das narrativas dos participantes e/ou

⁵⁸ Não apresentarei as performances narrativas dos participantes na íntegra, pois as pistas ali contidas acabariam por facilitar as suas identidades.

interpretações de tais narrativas, afinal de contas, a AT é fundamentalmente interpretativa. As transcrições das narrativas orais dos participantes, que compõem cada excerto, foram feitas com base em Marcuschi (1991), seguindo as seguintes descrições, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1 – Convenções utilizadas nas transcrições

Legenda	Descrição
[[	falas simultâneas (colchetes duplos no início do turno simultâneo): quando dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno “A: mas o que foi que houve [[J: meu irmão também fez uma dessas
[	sobreposição de vozes: quando a concomitância de falas não se dá desde o início do turno, mas a partir de um certo ponto
[]	sobreposições localizadas: quando a sobreposição ocorre num dado ponto do turno e não forma um novo turno, trecho curto de sobreposição
(+) (1.8), (2.5)	Pausas: (+) para micropausas ou tempo da pausa entre parênteses
()	dúvidas e suposições – quando não se entende uma parte da fala
/	Truncamento brusco: / - quando o falante corta uma unidade
MAIÚSCULA	Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA – quando uma palavra ou sílaba é produzida com ênfase ou com acento mais forte que o habitual
“:” ou “::”	Alongamento de vogal: “:” ou “::” (a depender da duração da vogal)
(())	comentários do analista – ou no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere o comentário

----	silabação – quando uma palavra é produzida silabadamente
” , ,	Sinais de entonação: a. ” : para uma subida rápida (ponto de interrogação) b. ’ : subida leve (vírgula ou ponto e vírgula) c. , : descida leve ou brusca
Repetição	Repetição: reduplicação da letra ou sílaba (reduplicação da parte repetida)
“eh”, “ah”, “oh”, “ih::”, “mhm”, “ahã	Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção
“...” “/.../”	Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: “...” e “/.../” a. “...” no início e no final de transcrição: indicação de que se está transcrevendo apenas um trecho b. “/.../” – corte na produção de alguém

Fonte: Marcuschi (1991)

Já as performances narrativas escritas, produzidas pelos participantes, servirão de suporte para a discussão dos caminhos performativos. Compreendem-se neste trabalho os caminhos performativos como o reconhecimento das vozes dos participantes como legítimas, audíveis e irrepetíveis em tempo e espaço. Além disso, os caminhos performativos são construídos sobre bases não impositivas e/ou de verdades prontas e dadas. A constituição destes momentos aqui apresentados corresponderá a outra fase da AT desenvolvida nesse trabalho: a reunião de extratos relevantes.

Na sequência, vou ao encontro do cruzamento de caminhos performativos buscando caracterizar os temas-encruzilhadas, trazendo para a análise suas representações e discussões pertinentes com o material até aqui apresentado, retratando, assim, a fase de proposição, trato e titulação dos temas-encruzilhadas.

Observar-se-ão algumas diferenciações estético-textuais ao longo das análises conforme as justificativas do Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Diferenciações estético-textuais utilizadas

Diferenciações estético-textuais	Justificativas
Sublinhadas	Extratos dos excertos
Em itálico	Partes dos excertos que contextualizam os extratos
Em negrito	Temas-encruzilhadas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Iniciarei as análises percorrendo os caminhos performativos de Sabab em meio à grande via da raça. Observemos no excerto 1, o contexto apresentado pelo participante e os extratos destacados:

Excerto 1

1	SABAB: "...” você tem uma sociedade que é <u>MUItto</u> <u>minoritária</u> ,
2	(+) que é aberta
3	que é aberta (+) e que é consciente das coisas que
4	procu'ra (+) uma: ah um <u>diálogo igualitário</u> , uma
5	convivência de <u>colaboração</u> ', de como se diz, de
6	<u>fraternidade</u> . (+) Mas aQUilo é:: é procurar uma
7	agulha dentro do como se diz ah (+) sabe coisa de
8	palha um (+) juntar "...”

No excerto apresentado, o caminho performativo de Sabab destaca como a sociedade brasileira, em linhas gerais, é vista pelo migrante negro. Destaco na narrativa, inicialmente, a presença do extrato MUItto minoritária (linha 01). O extrato aponta para a quantidade de pessoas que vivem na sociedade brasileira que se importam e valorizam a presença das pessoas negras no Brasil. Como já apresentado ao longo de minha tese, ainda que a CF afirme que todos no território brasileiro são iguais, sabe-se ao analisar o comportamento social e estudos como os realizados pelos autores que compõem o capítulo intitulado

“Discutindo epistemologias: linguagem, raça e concepções necessárias”, presentes nesta tese, que a igualdade não se aplica. Mais do que não se aplicar, a sociedade brasileira tenta camuflar seus preconceitos, através de menções igualitárias que apenas dialogam com as antigas discussões ao redor de uma democracia racial, também já discutida anteriormente.

Ainda no excerto 1, Sabab nos mostra que a interação faz com que os preconceitos deixem de ser velados para se manifestar através da linguagem: “a linguagem é antes de tudo uma atividade” (MUNIZ, 2009, p.30) e a partir desta se idealiza e se perpetua o poder. Se a quantidade de pessoas que buscam um diálogo igualitário (linha 04), uma convivência em colaboração (linha 05) e uma prática de fraternidade (linha 06) com pessoas negras é MUIta minoritária (linha 01), é possível inferir que a perpetuação de injustiças e domínio social apropriados pela cor se faz muito presente nos grupos sociais brasileiros. O caminho performativo de Sabab (re)conhece as diferentes experiências de vida e consegue notar o poder que carregam as línguas, seus ditos e não ditos, como bem mostra a sua performance narrativa escrita. No excerto 1, Sabab vê no humano⁵⁹-brasil os caminhos do apartamento pela marca exterior mais visível para o irracional campo do julgamento enraivecido.

A compreensão exposta por Sabab, no excerto 1, percorre também os caminhos performativos de outros migrantes. Maria, no excerto 2, carrega em sua narrativa apontamentos relacionados “a quem o poder e o privilégio são concedidos – merecidos ou não – por causa de sua raça” (EDDO-LODGE, 2019, p.80). Observemos:

Excerto 2

9	MARIA: Pra você ver como é que é a questão da cor da pele
10	ela/ ela atrai de certa forma <u>gente do mal</u>
11	MAICON: Perfeito
12	MARIA: Atrai gente do mal'. Aí eu saí, mas depois eu fui
13	dentro da universidade' porque eu entendo
14	perfeitamente'. Eu li vários livros', eu consigo
15	olhar para pessoas e já perceber qual é a tendência

⁵⁹ O signo *humano* recebe amparo na própria performance narrativa escrita de Sabab, presente na página 85.

16 da pessoa' "/.../" então quando eu cheguei nesse meio
 17 eu já percebo quem é que se finge de amigo, mas é um
 18 traidor (+) entendeu". Ele vem a/a/a/ a ver sua ideia
 19 como é que você pensa e dizer para os outros. Então
 20 eu compreendo isso aí "..."

Segundo Eddo-Lodge (2019) é preciso que vejamos raça nas ações diárias para que possamos dismantelar as estruturas sociais e histórias únicas que retiram o direito de pessoas negras serem consideradas humanas. Maria segue à risca a indicação de Eddo-Lodge, não apenas vendo raça, mas também indicando, através dos extratos gente do mal (linha 10) e traidor (linha 17), quem são os agentes das práticas de retiradas de direitos das comunidades negras. Os extratos mencionados denotam todos aqueles sujeitos a quem o poder e o privilégio são concedidos por se considerarem o padrão, seja individualmente, seja através da manutenção das práticas de valoração brancas – ainda que se trate de um fenômeno historicamente construído.

Os caminhos performativos da participante Ihe dão suporte para que aja com um olhar avaliativo sobre as performances sociais racializadas: *eu consigo olhar para pessoas e já perceber qual é a tendência da pessoa'* (linhas 14-15). Contudo, avaliar, no contexto apresentado por Maria, no excerto 2, é muito mais do que uma questão de reconhecimento. Por assim dizer, avaliar retrata-se como uma maneira de manutenção da vida em detrimento das “formas contemporâneas que subjogam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2020, p. 71). Avaliar, aqui, é ferir com o estatuto de *nkali*, destituindo a construção de histórias únicas de caráter impositivo, bem como as permissões para contá-las.

As vozes que nos disseram negros, hoje, no excerto de Maria, recebem nomeação. Realocamos a linguagem, bem como o poder de nomear que esta carrega, para além das concepções eurocentradas. Extrapolamos a matriz colonial de poder deslocando-nos para o espaço de centralidade e enegrecemos o ato de nomear. Contudo, não há desonra. Pelo contrário, há reparação e reposicionamento de postos. De neutro, padrão e/ou branco, Maria reposiciona gente do mal (linha 10), traidor (linha 17) e/ou racista. A voz que se faz ser ouvida é a voz negra de Maria. É a voz que avalia e denuncia.

Os excertos 1 e 2, bem como os caminhos performativos resultantes destes nos apontam para o **tema-encruzilhada racismo** interpelando-se à raça. Se a

raça é resultado de uma nomeação dada a nós, negros, e, incluso, reestruturada por nós para performar como referência de luta, o racismo se consolida como uma série de manifestações que possuem como finalidade ferir o estatuto de *nèg*, desapropriando a possibilidade de uma pessoa negra ser considerada humana.

Sendo o racismo uma mostra de desapropriação da possibilidade de uma pessoa negra ser considerada humana, para sua validade, este deve se mostrar de maneira interligada socialmente, caracterizando-se por ações de diferentes grupos e em diferentes espaços e tempos. A narrativa de Sabab traz o racismo como algo generalizado na sociedade brasileira. A narrativa de Maria indica quem é que se finge de amigo (linhas 16-17), mas que, socialmente, julga enraivecido aquele que denomina como outro, suportado em uma ideologia de brancura que se arvora em valor absoluto (NASCIMENTO, 2016).

Contudo, é preciso compreender que além desse tipo de manifestação, o tema-encruzilhada racismo também pode ser observado em manifestações de contextos específicos, ainda que sua proposta final seja a mesma, isto é, a desvinculação de possibilidade de a pessoa negra ser validada como humana e/ou pertencente a um determinado espaço. Com a finalidade de analisar algumas nuances do racismo, trago, no excerto 3, um trecho da narrativa de Ricardo sobre o espaço onde ele realizou seu curso de graduação e como Ricardo age para a construção de *nèg* neste espaço. Observemos:

Excerto 3

21	RICARDO: "...criamos um grupo de estudos ..." a partir do
22	grupo começamos a estudar sobre (a lei 10639), sobre
23	tentar provocar discussão, sobre a questão racial éh:
24	na universidade né", então ou seja numa sentido de
25	<u>desilencializar a presença negra</u> na instituição né'
26	porque era um <u>silêncio total</u> não só do ponto de vista
27	epistemológico. (+)
28	As TEORIAS negras, as epistemologias negras, elas
29	não tinham espaço nas deba/ no curso de ((nome do
30	curso)) mas para além disso também os próprios corpos
31	negros também eram muito pouco (+) cruzava os
32	corredores da instituição e tem esse problema "..."

Ricardo notou que a instituição em que realizava a sua graduação, uma instituição privada, apresentava um silêncio total (linha 26) em relação às relações étnico-raciais. O cumprimento de leis, como a 10639/2003, bem como a não presença de epistemologias negras colocava um ar de invisibilidade aos corpos, fazeres e conhecimentos negros do ponto de vista institucional. Ao tornar os corpos negros invisíveis, a instituição demonstra que muito mais do que não se reconhecer como diversa, sua estrutura, como espaço educacional, é racista.

Como aponta Grada Kilomba, “historicamente, [a universidade] é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os tem desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o ‘Outras/os’ inferior” (2019, p. 50). Na instituição onde Ricardo fez sua graduação isso não é diferente.

As condições de outridade presentes na instituição demarcam que para as pessoas brancas ali presentes, que facilmente se veem representadas nos discursos e teorizações, nada de estranho está ocorrendo, pois há uma normalidade e neutralidade alvamente constituídas, já que “o neutro é branco. O padrão é branco” (EDDO-LODGE, 2019, p.81). Assim sendo, coube às pessoas negras “repensar as interpretações clássicas sobre nossa sociedade uma vez que essas raramente tratam a dimensão racial como elemento central à dinâmica social brasileira” (SILVA, 2017, p. 19). Ricardo e seus companheiros propõem um aquilombamento na instituição, sob a ode de desilencializar a presença negra (linha 25).

Ainda em relação ao excerto 3, o participante aponta que o racismo observado por ele não se trata da sociedade como um todo, mas, nesse caso, das pessoas que vivenciam o espaço universitário de sua graduação. Ao apontar a um espaço institucional racista, Ricardo não apenas nos conduz sobre uma discussão de formação social racista, mas sim de uma conformação de um espaço de “naturalidade” às ações produzidas na/pela linguagem por pessoas brancas - também por negros que se compreendem tão parte da instituição que já adquiriram o seu discurso.

Cabe afirmar que “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou modo de socialização que tem o racismo como um de seus

componentes orgânicos” (ALMEIDA, 2021, p. 47) e, nesta toada, ainda que o espaço favoreça a perpetuação de discursos coloniais, cabe a cada pessoa desviar da autoprodução de narrativas ligadas a tal forma de racismo, e promover uma quebra de paradigmas dentro do próprio espaço educacional. Foi o que a sociedade civil, neste caso Ricardo e seus colegas, buscou fazer ao problematizar a falta de ações em um propósito de desfazer o racismo impregnado na instituição e, conseqüentemente, no próprio curso. Contudo, no caso específico, cabe que os brancos críticos, reconhecedores e questionadores de seus próprios privilégios raciais e defensores de pautas antirracistas também se manifestem, demonstrando a sua branquitude.

Ainda em relação à mesma instituição privada, é possível observar que as manifestações racistas eram compreendidas por Ricardo por várias maneiras, como mostra o excerto 4, a seguir.

Excerto 4

33 RICARDO: "...” como eu estava dizendo no meu curso de
34 graduação a maioria eram brancos né”, não tinha um
35 professor negro.

36 Então as pessoas também muitas vezes nesses espaços
37 que frequentam, você', o fato de ser uma exceção as
38 pessoas te olham um pouco diferente. É um estranho,
39 você é um estranho naquele lugar né” que no ((pais
40 de origem)) seria o contrário, por exemplo/ eu não
41 sou um estranho nesses diferentes espaços. Entra um
42 pouco isso "...”

Olhar um pouco diferente (linha 38) vai além do fato de pôr atenção em alguém. Ao construir seu caminho performativo, Ricardo subentende que há julgamentos das pessoas brancas da instituição de ensino sobre pessoas negras, sob a ótica de sentenças de pertencimentos e direitos, o que é afirmado pela conclusão do participante: *você é um estranho naquele lugar né* (linha 39).

Em uma instituição de ensino, acredita-se que todos que ali estão, buscam o mesmo princípio: estudar. Contudo, ao receber olhares *um pouco diferentes*, o olhar toma uma dimensão maior, que extravasa a própria narrativa, trazendo a história única de que negros não devem fazer parte de instituições de ensino

superior – neste caso, mais ainda quando estas são privadas. Assim, é possível observar que “a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar” (ALMEIDA, 2021, p. 47).

Os excertos 3 e 4, constituintes do caminho performativo de Ricardo demonstram como instituições constroem socialmente discursos sobre elas mesmas. Estes discursos excludentes, que mostram o sujeito negro como o outro universitário, ocorrem em grande parte das universidades brasileiras, independentemente de possuírem alunos e funcionários negros em protagonismo ou de produzirem pesquisas que falem sobre negros ou com negros. Discursos únicos, impositivos, que refazem no dia a dia as noções de *nkali*.

E quando a voz negra na instituição de ensino superior é a de um professor? Tudo muda? Nem sempre. Ser negro dentro de uma instituição de ensino compõe um retorno diário à provação de não negros. Afirmar-se como uma pessoa de cargo importante dentro de uma universidade – se a instituição é de ensino, o cargo de quem trabalha diretamente no ensino deveria ser o mais importante – é visto por alguns de nós, negros, como um exercício diário de luta antirracista. Não sem motivos, Sílvia Almeida (2021) nos convida a refletir sobre a seguinte afirmação: “(...) as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões” (2021, p.48).

Para não negros, incluindo os pares professores, seria a universidade um local para negros? Um professor negro pode ir além das escolas de ensino infantil ou fundamental? Seriam os espaços acadêmicos grandes vias de microagressões raciais e/ou violências explícitas? Uma das participantes desta pesquisa pode nos responder parte destes questionamentos, pois para a colega de Esmeralda, mulheres negras podem ocupar o espaço de secretárias em uma universidade, mas não de professoras. No excerto 5, a seguir, veremos um trecho da narrativa de Esmeralda:

Excerto 5

43 ESMERALDA: "... ah aqui na universidade quando eu entrei,
44 uma professora que se aposentou (+) eu entrando, o
45 primeiro dia que entrei na secretaria, ela me
46 perguntou, você é a nova secretária? (+) Eu disse
47 por que a senhora me disse se eu sou a nova
48 secretária? Secretária tem um perfil?"

49 (2.0)
50 Porque você não me perguntou, você é a nova docente?
51 falou, não: o porque (+)
52 Falei, não você não tem justificativa.
53 Disse, olha mas é que eu olhei pra você e eu disse
54 (+) olhei pra você e você não podia ser professora.
55 Ela falou, não eu eu estudei na ((universidade
56 francesa)) (+) eu falei bom e eu estudei na ((país
57 da Europa)) na melhor universidade na ((país da
58 Europa)) qual é o problema? "... mas ela ela fez
59 isso e ela já vi que tinha preconceito (com nós)
60 "..."

Sou sobredeterminado pelo exterior, nos disse Fanon (2008). O extrato você não podia ser professora (linha 54) direciona o posicionamento da colega de Esmeralda a uma esfera de julgamento. Assim como no extrato olhar um pouco diferente (linha 38), no excerto 3, ainda que em uma situação diferente, ocorre uma sentença alusiva a pertencimentos e direitos de uma pessoa branca sobre uma pessoa negra.

Ao perceber-se na posição de tentativa de inferiorização, ditada apenas pela sua raça, *você é a nova secretária* (linha 46), Esmeralda se posiciona e devolve o questionamento *por que você não me perguntou você é a nova docente* (linha 50)? A ação coloca a colega racista de Esmeralda em posição de tentativa de defesa e, nesse ponto, é conduzida a narrativa *olhei pra você e você não podia ser professora* (linha 54).

O extrato presente na linha 54, parte de uma construção de história única, impositiva, que projeta uma verdade uma sobre todas as outras, que cria estereótipos e invisibiliza vozes. Em outras palavras, apontamentos como o apresentado refazem o "sempre foi assim" racial. Neste caso, o "sempre foi assim" corresponde à não presença ou presença minoritária de negros nos ambientes educacionais de nível superior. Mencionar em seu caminho performativo que estudou *na melhor universidade na ((país da Europa))* (linhas

57 e 58) não apartou a intencionalidade da colega de Esmeralda de inferiorizá-la e de construir institucionalmente um padrão – obviamente branco – que a excluía daquele local.

Ao trazer o extrato na melhor universidade na ((país da Europa)) (linhas 57 e 58), Esmeralda apresenta uma construção de seu caminho performativo de tentativa de igualar-se aos sujeitos brancos pertencentes maciçamente a universidades, em especial europeias. Performar como pertencente a uma universidade da Europa, traduz-se como capaz de compor o espaço do “sempre foi assim” racial. Em outras palavras, a participante evidencia a presença de sua negritude em um espaço branco e, conseqüentemente, neutro e padrão, na busca de demonstrar a possibilidade de ruptura daquele fenômeno historicamente construído: o racismo institucional.

Ao analisarmos os excertos 3, 4 e 5, é possível compreender que o fio condutor presente em ambos os caminhos performativos é a presença de discursos de valorização de determinado grupo sobre um grupo racializado, construídos ideologicamente sob a tutela de uma determinada instituição, vinculando os participantes destes espaços como extensões do fazer e do pensar da própria instituição. Assim, vê-se na construção/existência/manutenção desses discursos como a materialização do **tema-encruzilhada racismo institucional**.

A presença do tema-encruzilhada racismo institucional remonta ao estabelecimento de regras, estabelecimento de verdades e histórias únicas impositivas, valorizações, hierarquizações, estruturas e desestruturas frente às comunidades negras. Sigamos Fanon (2008) para afirmar que não devemos nos prender à ideia que os não negros fazem de nós. Tornemos a nossa presença uma marca de luta. Mostremos a quem tenta nos inferiorizar que sabemos por onde andamos: *provocar discussão sobre a questão racial* (linha 23, excerto 3); *eu não sou um estranho nesses diferentes espaços* (linhas 40-41, excerto 4); *por que a senhora me disse se eu sou a nova secretária? Secretária tem um perfil?* (linhas 47-48, excerto 5); *Não você não tem justificativa* (linha 52, excerto 5).

Não nos deixaremos ser nomeados para que nos racializem, bem como não deixaremos ser racializado para que nos nomeiem (NASCIMENTO, 2019).

Nossa luta é diária. Nossa luta é trazer para todos os espaços a performatividade de Nèg: uma ilha alusiva às constantes situações do dia a dia, em que grupos minoritários em termos de direitos, se sentem ilhados, afastados e/ou isolados de discussões e participações sócio-linguístico-políticas. A performatividade de Nèg é tornar nossos corpos presentes e nossas vozes audíveis.

Buscando compreender como são discutidas pelos migrantes negros algumas nuances do racismo, recorro a um excerto da narrativa de Maria, quando esta é questionada sobre como é encontrar-se com o face a face do racismo no Brasil, posto que ela é originária de uma pátria negra. Aqui não veremos o poder das mãos simbólicas das instituições recobrando os corpos e vozes negras. As histórias únicas evidenciadas no excerto 6 impõem, ditam e nomeiam. Observemos:

Excerto 6

61 MAICON: E: e: e: Maria quando tu falou que claro, como na
62 ((país de origem)) a predominância é de negros e no
63 Brasil é que tu foi conhecer esse olhar diferenciado
64 em relação ao racismo né" (+)

65 MARIA: Isso isso isso'. Tanto que eu nem me reconheci negro
66 só que você se sente constrangido' no ambiente que
67 você vai você não encontra negro e chega o seu olho
68 bateu do lado', você não se identifica "..."
69 Não você não pode entrar aqui', é só olhar pro outro
70 lado ver se tem uma pessoa pra conversar você não
71 consegue porque não tem aquilo porque não tem nenhum
72 negro tem só cento e sessenta apartamentos,
73 entendeu"? Aí você vê você não', entendeu'? Você: é
74 um negócio complicado entendeu"?
75 Você sai você vai jogar futsal' todo mundo é branco'.
76 Tudo bem eles não te falam pra fazer nada e tal, mas
77 você olha e, não, eu tô num mundo que não tem negro'.
78 Então, nesse sentido, então eu acho que as pessoas
79 tem que começar a perceber, não é só quando você é
80 discriminado', quando você não se sente representado
81 também porque você tá num ambiente e não tem um negro,
82 você tem que se interrogar. Mas o que tá acontecendo
83 nesse país que tem cinquenta e quatro por cento de
84 negros e não tá nos espaços pelos quais eles deveriam
85 circular'? Então isso significa que alguma coisa tá
86 vendada' e a gente tá vendo que essas pessoas que
87 não aparecem nesses ambiente

O excerto 6 traz a afirmação de que Maria até chegar no Brasil não necessitava se reconhecer como negra, posto que ela sempre foi *nèg*. Contudo, o contexto brasileiro demonstra a Maria as dificuldades em viver em um espaço construído sob uma falsa democracia racial. Processos de racismo mascarado como o da dita democracia racial, perfazem a sociedade brasileira por tempos e espaços que transcendem a linearidade ou mesmo a espiralidade das performances, já que tempo e memória refletem-se mutuamente (MARTINS, 2021).

Maria, professora universitária, afirma que não encontra negro (linha 66) entre os grupos que convive, em maior número composto por pessoas de mesmo ambiente de trabalho ou de relações de proximidade. Ela, que não precisava se reconhecer como negra em seu país de origem, pois essa era a característica majoritária da população, quando perpassa as vias e encruzilhadas brasileiras se sente constrangido (linha 65) por olhar em seu redor e não reconhecer(se): *você não se identifica* (linha 67).

A falta de referências em quem se possa identificar cria um espaço de isolamento para Maria, pois *não tem nenhum negro tem só cento e sessenta apartamentos* (linhas 70-71). A falta de representatividade não está apenas nas ruas ou no local onde mora. Os espaços de lazer que deveriam ser constitutivos de pluralidade também se mostram apartados de pessoas negras: *você sai você vai jogar futsal' todo mundo é branco* (linha 74). O não ver resulta em dor, uma dor do corpo uno; uma dor da necropresença; uma dor epistemicida.

Os sentimentos de solidão e falta de referências presentes na performance narrativa de Maria demonstram o grau de importância de pessoas negras verem e ouvirem pessoas representativas da comunidade negra nos mais diversos espaços. A construção das dores de Maria encontra no extrato mundo que não tem negro (linha 76) um ponto de ecoar vozes. O caminho performativo apresentado até este ponto na narrativa da participante clama por representatividade para encontrar performances dos modos de conduzir nossas existências na busca de compor significados para a coletividade negra. É esse sentimento que percorre os caminhos performativos de muitos de nós, estudantes da área da LA, tornando a NLA uma zona de conforto para a voz de

Maria e de todos nós. Um porto de protagonismos negrocentrados na teoria e prática anti-hegemônica da ilha de Nèg.

Ainda que Maria demonstre no excerto 6 que compreende a composição da sociedade brasileira como excludente desde o ponto de vista social e que o racismo apresentado no contexto dos extratos não encontra negro (linha 66) e mundo que não tem negro (linha 76) é parte e resultado de uma política que buscou afirmar que todos eram iguais, mesmo não havendo possibilidade equiparadas a negros e não negros, a participante não naturaliza os efeitos dos processos históricos e políticos. Ela questiona e nos convida a fazer o mesmo em situações nas quais o racismo se mostre engendrado na estrutura social, através do extrato interrogar (linha 81). Ao contextualizar a proposição, Maria afirma que o questionamento acerca de onde estão os negros brasileiros *não é só quando você é discriminado' quando você não se sente representado* (linhas 78-79). Sendo a maioria da população identificada como negra, pode essa população *não tá nos espaços pelos quais eles deveriam circular'* (linhas 83-84)? Para Maria, a única possibilidade é que grande parte da população que vive no território brasileiro está “vendada”, como mostra o extrato presente na linha 85, o que demonstra que as vozes negras continuam não audíveis e que os corpos negros continuam subalternizados a espaços onde não possam ser vistos.

Maria, professora graduada e pós-graduada no Brasil, convive com as marcas da falsa democracia racial não só na sua vida individual como também em sua trajetória docente. Ao passo que contava sobre o seu espaço de trabalho, ela se manifestou sobre como observa que a relação entre as ações de promoção de igualdade de acesso às universidades, conduzidas pelo Estado, são necessárias para a manutenção das vidas das comunidades negras brasileiras, como pode ser observado no excerto 7:

Excerto 7

88	MARIA: "... os negros eles dependem da estrutura pública pra
89	entrar na universidade. Por quê"? Por <u>questões</u>
90	<u>históricas'</u> "..."
91	MARIA: "... eu sempre falo nas minhas aulas' se você abrir
92	na ((universidade)), ah não eu quero vinte
93	professores negros com doutorado em matemática', você

94	vai ter concurso', você não completa'. Você não
95	completa', não precisa fazer concurso', pode entrar
96	pela cota', você não completa a vaga porque não tem',
97	porque eles são <u>cerceados ao sistema de educação'</u>
98	"..."

A narrativa apresentada por Maria nos propõe uma reflexão que transcende o tempo local. A participante nos conduz por uma ciranda do tempo colhendo parte do passado para a constituição do presente e manutenção do futuro. A presença do extrato questões históricas (linhas 88-89) abre caminho em uma dança de tempo espiralada em que tempo e memória refletem-se mutuamente (MARTINS, 2021, p. 23), trazendo para hoje os reflexos do passado.

O apontamento de Maria nos proporciona caminhar por estradas narrativas do *sul* em meio a vozes do *sul*. Assim, ao mencionar o extrato questões históricas (linhas 88-89), a participante propõe uma reorganização das vozes que conta(r)a m o ontem. Com isso, criam-se “interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações” (MARTINS, 1997, p.25) na busca de desfazer histórias únicas de caráter impositivo.

Impositivamente, conhecemos as narrativas de que houve uma política de reparação para as comunidades negras quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, ocasionando na soltura destes grupos. Contudo, as vozes do sul nos trazem muito mais do que a informação anterior. Nos conduzem pela borda da narrativa impositiva, nos fazendo refletir sobre onde viveriam as comunidades negras resultantes da soltura. Obviamente que já sabemos por onde estamos indo: a até então legalidade da escravização torna-se algo velado e, diferentes das comunidades europeias que eram conduzidas para terras brasileiras (com direito de poder sobre a terra indicada), as vozes e corpos das comunidades negras continuam acorrentadas à mão do sistema em decorrência dos processos históricos e políticos. Mais uma vez nos encontramos com as encruzilhadas. Em meio ao “sempre foi assim”, ecoam as possibilidades de reler o que veio dos corpos e saberes hegemônicos. Como Maria, coloquemos em xeque as questões históricas (linhas 88-89) a partir de nossas epistemologias – que, por tempos, nos foram forçadamente apagadas em união ao linguicídio.

Ainda no excerto 7, Maria problematiza a presença de pessoas negras nos bancos universitários, mais precisamente nos programas de pós-graduações, através do extrato cerceados ao sistema de educação (linha 96). É sabido que as cotas raciais favoreceram a entrada de pessoas negras nas universidades, mas ainda não são suficientes para garantir a permanência e a manutenção destas para níveis de escolarização ainda mais altos, como é o caso dos doutoramentos. Assim, torna-se compreensível a afirmativa de que negros são cerceados ao sistema de educação (linha 96), trazida por Maria, para demonstrar que não há, neste caso, um cerceamento pela intencionalidade direta de um determinado indivíduo, mas sim que há uma condução de afastamento necropolítico que promove formas de retirar da dignidade e das oportunidades das pessoas negras, além de subjugar a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2020, p. 71).

Como já apresentado ao logo desse trabalho, o desenvolvimento das ações necropolíticas nacionais nos mostra que, pelo menos no período de 2018-2022, a existência de uma real democracia racial não existiu. Enquanto negros seguiram sendo explorados, desvalorizados, suas culturas esvaziadas, suas vozes não ouvidas e sua presença negada, a democracia racial seguiu sendo um mito. Os participantes que contribuíram nesta tese também nos mostraram, através de suas vivências no território brasileiro, que não somos todos iguais perante a lei. É o caso de Ricardo, que se graduou e pós-graduou em universidades brasileiras, mas que, assim como as personas paridas dos ensinamentos literários de Conceição Evaristo (2020), aprendeu nas ruas sobre (sobre)viver em meio aos olhares impositivos que nos dizem negros! O plano não era esse. “Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente” (FANON, 2008, p. 106). Contudo, os olhos na rua o colocavam como outro, o que pode ser observado no excerto 8, a seguir:

Excerto 8

99
100
101
102

RICARDO: "...” inclusive, quando eu vim ((cidade do Rio Grande do Sul)), eu só botei o pé, a única coisa que, faz muitos anos que eu não passava por essa situação, (+) botei o pé em ((cidade do Rio Grande do Sul))

103 "... eu tava saindo da casa e tu vê que as pessoas
 104 começam a puxar a bolsa', começam a atravessar do
 105 outro lado da rua'. Estava passando lá num ponto de
 106 ônibus' a pessoa que tava falando no celular, eu tava
 107 quase quinhentos metros de distância, e a pessoa já
 108 começa a guardar o celular, coisa que eu não passo
 109 pela situação lá no:: no ((nome do estado)) "..."

O colonialismo criou o padrão branco. Criou a “dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, [sendo] a brancura [...] a sua apresentação” (CARNEIRO, 2023, p.31). Logo, todo aquele que não carregue os traços identificativos do padrão torna-se o seu oposto. “O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio” (FANON, 2008, p. 106-107). As marcas que Carneiro (2023) e Fanon (2008) descreveram dançaram em par no tempo espiralar e perfizeram o caminho performativo de Ricardo. O pássaro que Fanon matou hoje é resultado da pedra-crítica jogada hoje por Ricardo como uma política anticolonial.

A narrativa de Ricardo, no excerto 8, traz a presença dos extratos puxar a bolsa (linha 102), atravessar do outro lado da rua (linhas 102-103) e guardar o celular (linha 106). Três estradas constitutivas do caminho performativo do participante que desembocam em uma mesma encruzilhada *nkaliana*, ou seja, uma encruzilhada que denota a possibilidade de alguém ser maior que outro, tendo como ponto de partida a promoção de uma história única sob base impositiva, performando traços coloniais nos dias atuais.

Mas, a voz de Ricardo é forte. Como já nos disse sua narrativa escrita, ele aprendeu com Flore que a educação era uma porta para compreender e transformar o mundo. Ricardo, então, *suleia* o excerto 8, denunciando a supressão, valorizando os saberes resistentes e propondo as condições necessárias para um diálogo horizontal entre conhecimentos (SANTOS; MENESES, 2009). Ao *sulear*, os extratos puxar a bolsa (linha 102), atravessar do outro lado da rua (linhas 102-103) e guardar o celular (linha 106) são rearranjados na forma de denúncia. Denúncia esta que serve para que possam ser repensadas “as interpretações clássicas sobre nossa sociedade uma vez que essas raramente tratam a dimensão racial como elemento central à dinâmica

social brasileira” (SILVA, 2017, p. 19) e não para servir de ensinamentos a não negros.

Os caminhos performativos mostrados nos excertos 6, 7 e 8 possuem culminância em uma encruzilhada que “cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (ALMEIDA, 2021, p. 51). Maria, no excerto 6, nos chama, através do extrato interrogar (linha 81), para questionar a forma sistemática de discriminação de pessoas negras apontada por Silvio Almeida (2021). Forma esta que consegue deixar grande parte da sociedade brasileira vendada (linha 85) frente às desigualdades raciais. Forma que demonstra como as questões históricas (linhas 88-89) que cirandeiam pelo tempo ainda produzem condições de juízos de valores sob as vozes de pessoas brancas, tornando as vidas negras ilhadas e/ou cercead[a]s ao sistema de educação (linha 96) – como nos apontaram os caminhos performativos de Maria no excerto 7. A mesma forma, apresentada por Silvio Almeida (2021), não permitiu que Ricardo “simplesmente [fosse] um homem entre outros homens” (FANON, 2008, p. 106), pois sua pele, cabelo, olhos, unhas, dentes e nariz lhe fizeram outro frente a quem se denomina padrão. Ricardo acabou sendo “sobredeterminado pelo exterior” (FANON, 2008, p. 108).

O exterior que aqui é remontado nos excertos 6, 7 e 8, que predetermina, que prejudga, que preanalisa e que, acima de tudo, nomeia, exclui e racializa. Os caminhos narrativos de Maria (excertos 6 e 7) e Ricardo (excerto 8) culminam no **tema-encruzilhada racismo estrutural**. Dizer que o racismo é estrutural é depreender que as ações desenvolvidas no dia a dia são normalizadas desde um ponto de vista racista. Ainda que sirva de instrumento de exploração e dominação do *eu* hegemônico sobre os *outros*, não nos cabe definir a situação como dada. A denúncia deve ser um elemento vigilante na contramão do racismo estrutural e nas afirmações de políticas antirracistas. Os caminhos performativos presentes nos excertos 6, 7 e 8 nos evidenciaram tais relações e agem na proposição da denúncia. Todas as menções narradas podem ser relacionadas com práticas padrão, desenvolvidas na maioria das cidades brasileiras, mas, nem por isso, deixadas de lado e contadas apenas no “sempre foi assim” social.

Entende-se, então, o racismo como o resultado de uma construção organizada estruturalmente com foco na exclusão e perpetuação de injustiças e subalternizações sob pessoas negras. “Quanto à forma individual, o racismo manifesta-se em atos de violência de indivíduos brancos que causam mortes, danos, feridas, destruição de propriedade, insultos contra indivíduos negros” (LÓPEZ, 2013, p.81), obviamente através do uso da linguagem, seja ela verbal ou não verbal, visto que esta é antes de tudo uma atividade e, por assim ser, está calcada na constituição de sentidos.

Os temas-encruzilhadas racismo, racismo institucional e racismo estrutural além de serem pertencentes à grande via da raça, são parte fundamental e estrutural da manutenção de manifestações sociais cruzadas. Como já mencionado, fazer uso de uma língua de menor prestígio global do que a língua inglesa ou possuir traços não anglófonos pode colocar um migrante, em especial caso, negro, em situações de menosprezo.

Ricardo é exemplo vivo de como a união de racismo e acento não anglófono constroem situações de exposição nas performances migrantes. Observemos o excerto 9, a seguir:

Excerto 9

110 RICARDO: "... talvez o fato de ser professor migrante,
111 inclusive no meu caso, o fato de que por mais que
112 você fale a língua portuguesa, mas o fato de o seu
113 sotaque é diferente, às vezes a pessoa também podem
114 menosprezar a sua inteligência, achar que você não
115 domina a língua'.

O excerto apresentado reflete não apenas um momento único do caminho performativo de Ricardo, mas uma parte muito significativa do que todos os dias os mais diversos migrantes negros passam durante sua convivência com grande parte da sociedade brasileira. Ricardo enuncia que a sua posição de professor universitário e a sua condição de migrante não constroem um espaço de igualdade com a população brasileira. Tal feito ocorre, pois suas marcas linguísticas e seu corpo são vistos como não pertencente ao território brasileiro.

Aquele que se vê humano à brasileira, não reconhece a humanidade daquele que se (re)constrói espiralarmente em *nèg*.

Ricardo afirma através do extrato menosprezar a sua inteligência (linha 112) que muitos brasileiros o veem como o *outro*. Aquele que não é daqui – e não será. Aquele que, por não falar português com o acento do *eu*, nada sabe dessas terras ou dessa língua – terra e língua que possuem pluralidade na singularidade. *Acha[m] que você não domina a língua* (linhas 112-113). Sabem de nada.

Certamente, também o *eu* não sabe quanto vale o menosprezo à inteligência. Um real? Uma nakfa? Uma lempira? Um dólar? Um euro? Não sabe que menosprezar o domínio de um idioma é uma marca que não entra em *Nèg*. Não entra porque seu significado encontra amparo em um turbilhão espiralar, se refaz e ancora no valor que *Nyansapow* () carrega. Simbologia Adinkra de sabedoria e inteligência,  é muito mais do que valor monetário ou absoluto. Nele está demonstrado o valor contínuo, que refuta início e fim, mas valoriza o caminho performativo. Nesse sentido,  nos mostra que o valor da linguagem está na inteligência da comunicação. A sabedoria linguística se faz ao passo que a comunicação estabelece sentido, mesmo que sem concordâncias e/ou conjugações encravadas na linguagem padrão do *norte* de cada língua. Não adiantará menosprezar a voz de Ricardo, pois sua sabedoria é demonstrada no ecoar do seu *su*/ linguístico.

É na inteligência da comunicação que a sabedoria linguística dança espiralarmente pelo tempo na construção de sua sacralidade. Não o sacro de histórias impositivas, voltadas a disfarçar situações e (re)escrevê-las como definitivas. Neste tempo, o sagrado está nas muitas histórias que elevam a construção do papel da humanização, do empoderamento e das reparações das dignidades destroçadas. Um sagrado de escuta de vozes e histórias muitas vezes invisibilizadas, mas que ao se encruzarem possuem força para serem ouvidas. Vejamos, no excerto 10, como Sabab manifesta a sua sacralidade no cruzo das línguas:

Excerto 10

116 SABAB: "... a língua pra mim era sagrada. É sagrada
117 porque é a ferramenta que Deus colocou pra me
118 permitir entender a sociedade" "..."

Como apresentado em sua performance narrativa escrita, Sabab se considera *multiple*. Um alguém da coletividade, composto de múltiplas cidadanias e caminhos diversos. Ele carrega no seu caminho performativo as marcas de onde nasceu, de onde viveu, de onde esteve e de onde só os livros lhe disseram como era.

Ao demonstrar-se como pessoa *multiple*, Sabab aponta para como o seu olhar para a coletividade lhe permite *entender a sociedade* (linha 116). Para tanto, é preciso atentar-se a muito mais do que a língua, estreitando-se pelas vielas da interação social desta. Pautados na multiplicidade de Sabab para entender a sociedade, que possamos nos valer da atividade, do trabalho e dos processos realizados na interação entre sujeitos em meio a suas ações coletivas e processos sociais (MUNIZ, 2009). Assim, não nos atentemos a pensar apenas na materialidade da língua, mas no caráter simbólico e nas pistas conformadas pela linguagem (FABRICIO, 2006) que demarcam nossos posicionamentos e extrapolam os fazeres linguísticos.

É no compreender a linguagem como ferramenta (linha 115) para *entender a sociedade* (linha 116) que a sacralidade da narrativa do participante se constitui. Sagrada (linha 114) pela escuta das vozes de seu caminho performativo. Sagrada (linha 114) pela força das interações sociais que refazem histórias muitas vezes invisibilizadas, fazendo ecoar a todos os lados encruzilhadas de trânsitos epistêmicos. Sagrada (linha 114) pela possibilidade de *entender a sociedade* (linha 116), as coletividades e as marcas de seus espaços performativos de ontem, hoje e amanhã, repleto de vozes, línguas e linguagem *multiple*. Sagrada (linha 114), a linguagem se multiplica em Nèg.

Multiplicidade e sacralidade. Construções que perfazem os caminhos narrativos de diferentes participantes, mas que tornam suas caminhadas partes de uma mesma via. Via essa que se expressa na/pela linguagem. Observemos o excerto 11, trazido na performance oral de Esmeralda:

Excerto 11

119 ESMERALDA: "... tem aluno que fala assim, ah eu não sei
120 falar.
121 Olha, se você não sabe na língua, então fala na
122 sua, não tem problema, (+) mas eu quero que você
123 me dê a sua opinião na sua porque "... a língua
124 sua é minha também (+) entendeu?

Como visto no excerto 10, com base no pensamento de Sabab, sagrado é propor um espaço de inteligibilidade entre os sujeitos. Na sacralidade está a compreensão da sociedade tendo como base a língua/linguagem, como afirmou o participante, no excerto 10, bem como é apresentado no caminho performativo de Esmeralda.

Parte do excerto 11, o extrato eu não sei falar (linhas 117-118) corrobora na prática do menosprezo do falante, no caso os alunos de Esmeralda. Inicialmente, ao afirmar que não sabe falar, o aluno se posiciona como alguém que, ao compreender que não conseguirá atingir uma sentença completa na língua meta, desiste da possibilidade de trazer sua língua nativa ou adicional para a estrutura da língua portuguesa. Naquele momento, o aluno vê no emprego da língua portuguesa um lugar de desenho de projeto de poder (NASCIMENTO, 2019) e não fazer parte plenamente desse espaço de poder causa desconforto.

Contudo, quando analisada por uma perspectiva de ensino transgressivo, a presença do extrato eu não sei falar (linhas 117-118), configura-se como um espaço de discussão desde “uma perspectiva antifundacionalista, pela qual o uso da linguagem é um ato de identidade que possibilita a existência da língua” (PENNYCOOK, 2006, p. 83). Assim, abre-se uma possibilidade de compreensão de o que e como a vida social está sendo organizada por esse aluno. Mais que isso, é a partir da performance narrativa apresentada por seu aluno que Esmeralda consegue compreender as fissuras, fagulhas e matizes performativos, para compor caminhos narrativos na forma de encruzilhadas, visto que “onde há ausência, se cruza a mobilidade, onde há conformidade, se cruza a rebeldia, onde há normatização, se cruza a transgressão, onde há escassez, se cruzam possibilidades” (RUFINO, 2019, p. 68).

O movimento da performance narrativa de Esmeralda, presente no excerto 11, demonstra como a espiralidade se faz presente na linguagem. Sendo a linguagem ação, movimento e reação, a professora trabalha na ação de tornar a voz do aluno audível - eu não sei falar (linhas 117-118), no movimento de valorização da língua materna ou adicional do aluno - Olha, se você não sabe na língua então fala na sua, não tem problema (linhas 119-120) - e na reação, que virá por parte do aluno, ao compreender a valoração de todas as línguas em um processo de ensino-aprendizagem, bem como das interferências, para compreender para além das estruturas e materialidades da língua, mais precisamente, na inteligibilidade da linguagem como prática social.

Na mesma perspectiva, em que o protagonismo se dá pela presença da transgressão, ao mencionar o extrato a língua sua é minha também (linhas 121-122), a participante refuta a sua posição de poder no espaço de sala de aula. Ao aproximar seu caminho performativo ao de seu aluno, aqui focando nas estruturas e contexto linguístico, Esmeralda rechaça uma posição *norte-sul* no espaço escolar, criando um diálogo *sul-sul*.

O deslocamento de posição de poder proposto por Esmeralda traz o protagonismo à voz do aluno, valoriza as suas contribuições de maneira autêntica, inclusive podendo ser feita na sua língua materna, e, inclusive, exalta a relação de pertencimento do aluno com a língua materna e/ou adicional. Em outras palavras, a condição criada pela participante promove uma valorização linguística daqueles idiomas apartados do caráter hegemônico cultural brasileiro, na busca de combinar de não morrer (EVARISTO, 2020). Ademais, com a intenção de entender a multiplicidade da sociedade local, Esmeralda se apropria da ideia de  para conduzir a encruzilhada de línguas de sua sala de aula. Nesse sentido, *eu quero que você me dê a sua opinião na sua [língua]* (linhas 120-121) visa a expressão dos modos de conduzir existências (MUNIZ, 2020) e a sabedorias para alargar o presente, confiar a continuidade e o inacabamento passado (RUFINO, 2019) de voz em voz pela ancestralidade e, ainda, reescrever as vivências de quem a dominação impediu.

Com base nas discussões apresentadas a partir dos extratos, menosprezar a sua inteligência (linha 112) de Ricardo (excerto 9), sagrada (linha 114) e

ferramenta (linha 115) de Sabab (excerto 10) e eu não sei falar (linhas 117-118) e a língua sua é minha também (linhas 121-122) de Esmeralda (excerto 11) e dos respectivos caminhos performativos apresentados ao longo dos excertos e narrativas, compreende-se a conformação do **tema-encruzilhada democracia linguística** como elemento suleador das passagens mencionadas.

Os excertos 10 e 11 retratam situações em que há valorização de todas as línguas e traços linguísticos que corroboram na viabilização de histórias únicas do ponto de vista da irrepetibilidade. Nestes casos, Sabab e Esmeralda, respectivamente vozes dos excertos 10 e 11, apontam para uma reflexão transgressiva, buscando desfazer as constituições do sempre foi assim linguístico, além de construírem espaços de (auto)reflexão daqueles que partilham de seus caminhos performativos. Em contrapartida, no caso do excerto 9, a presença do tema-encruzilhada democracia linguística está pautado não nas práticas desenvolvidas por Sabab e Esmeralda, mas sim em maneiras peculiares de observar os idiomas que possuem marcas distintas dos dominantes locais e globalmente, dando menor acesso e pertencimento a línguas que estejam mais ao *sul*. Assim, tendo como referência o excerto 9, construído pela voz de Ricardo, o que temos é a presença de uma falsa democracia linguística.

Como analisada entre o primeiro e o oitavo excertos, a incongruente democracia racial foi construída sob a simbologia de um Brasil plurirracial e igualitário. Esse conceito serve como base para a discussão de falta de validade de uma democracia linguística na sociedade brasileira, que favoreça a valorização dos diferentes idiomas e/ou troncos linguísticos – como visto nas análises dos excertos 9, 10 e 11. Contudo, cabe observarmos que raça e linguagem são apenas dois pilares de um tripé que conforma grande parte da população brasileira, bem como da necropolítica que envolve o período de criação desta tese.

O pilar que completa o tripé tem como base a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), no que se refere a uma pessoa ter o direito de circular livremente e escolher seu local de moradia, abandonar seu país, bem como voltar para ele. Porém, nem sempre movimentar-se entre países acarreta em uma boa convivência com os grupos sociais já existentes na localidade. Sabab

vê muitos desses problemas em relação à convivência com os habitantes do Brasil. Observemos o excerto 12:

Excerto 12

125 SABAB: ah:: (+) eu vejo que ah:: tem uma questão da migração
126 (1.5)
127 tem dois níveis (+) na questão da migração. Tem: o
128 primeiro nível que o nível institucional (+) e:: tem o
129 nível social e:: a primeira e a dificuldade maior é o
130 nível institucional. (+) Ah: o:: Brasil, o Brasil não
131 assume quem ele é (+). Ah: primeiro:: o Brasil se
132 apresenta no mun''do como uma (+) uma um país uma
133 sociedade que bus"ca dialogar com as diferenças, com o
134 mun"do porque ele representa o mundo. (+)
135 Nesse senti:do ele, como se diz, ele participa de
136 acor:dos internacionais: e tudo isso (+) mas ao mesmo
137 tempo NÃO se abre institucionalmente "..."
138 E eh, como se diz, ah: pra depois ouvir mesmo a si ah:
139 que o Brasil ajuda os migrantes, os estrangeiros,
140 particularmente os africanos. Então é um discurs::so que
141 em muitos pontos é semelhante ao discurso ocidental
142 sobre a África (+) e isso é o Brasil que faz, (+) são
143 instituições brasileiras que fazem isso e atrás das
144 instituições brasileiras sabemos que são humanos ou
145 seja são brasileiros que fazem essa (distinção) e
146 mes"mo olhando a relação do Brasil com a Á"frica o
147 Brasil pretende ter uma relação com países irmãos (+)
148 colocando em frente a questão cultural e a questão
149 histórica, mas nun::ca se trata disso (+).
150 As pessoas, os brasileiros que procuram a questão
151 histórica e cultural africana" é uma minoria: é uma
152 minoria e o interesse do Brasil isso é histórico. O
153 interesse do Brasil para a Á"frica são interesses
154 econômicos (+) e é um interesse simbólico que é o que
155 que o Brasil quer ser uma supremacia"

Sabab empresta sua voz para denunciar o projeto de supremacia que o Brasil tenta apresentar ao mundo. Ele traz para a pauta alguns movimentos da constituição da nação brasileira: *o interesse do Brasil isso é histórico* (linha 150); *o interesse do Brasil para a Á"frica são interesses econômicos* (linhas 150-152); *um interesse simbólico que é o que que o Brasil quer ser uma supremacia* (linhas 152-153).

Além disso, o participante reforça o caráter racista desde um ponto de vista institucional que se vive no Brasil. Contudo, realoca a discussão na esfera da migração: *na questão da migração tem: o primeiro nível que o nível institucional* (linhas 125-126). Ao trazer a ideia de que há um nível institucional que circunda a migração, Sabab aponta para a existência de outro nível, que ele denomina como *social* (linha 127). Sobre esse segundo nível, o professor conduz seu caminho performativo pelo extrato o Brasil não assume quem ele é (linhas 128-129). Ao trazer tal extrato, Sabab nos leva por um caminho que relaciona grande parte da população brasileira a um posicionamento de não valorização das pessoas migrantes. A assertiva é corroborada pela menção de que *o Brasil se apresenta no mun"do como uma (+) uma um país uma sociedade que bus"ca dialogar com as diferenças, com o mun"do* (linhas 129-132). Ele ainda conclui seu pensamento com o extrato ele representa o mundo (linha 132), reflexão que encontra amparo tanto na falta de posicionamento do Brasil como um país que não promove a visibilidade e os modos de conduzir as existências de seus migrantes, como na denúncia de projeto de supremacia historicamente construída.

Os problemas apresentados por Sabab não param por aí. O participante ainda aponta que a narrativa construída no Brasil sobre a sua relação com a migração, em especial com pessoas advindas de países do continente africano, se trata de *um discurs::so que em muitos pontos é semelhante ao discurso ocidental sobre a África (+)* (linhas 138-140). Por assim dizer, Sabab denuncia a não existência de uma cooperação *sul-sul*. Pode-se inferir que o posicionamento do Brasil nesta situação é alocado nos discursos do *norte*. Por assim dizer, as vozes brasileiras validam o poderio opressor e excludente, ao invés de valorizar as críticas à hegemonia dominadora. Pela descrição presente no caminho performativo de Sabab, o Brasil e os países africanos estão posicionados em uma relação *norte-sul* no que tange à migração.

No mais, o professor participante assinala que há uma relação de cooperação entre o Brasil e o continente africano, porém *o Brasil pretende ter uma relação com países irmãos (+) colocando em frente a questão cultural e a questão histórica, mas nun::ca se trata disso* (linhas 144-147). Segundo Sabab,

isso acontece porque as pessoas, os brasileiros que procuram a questão histórica e cultural africana" é uma minoria (linhas 148-149).

O extrato presente nas linhas 148-149 não se trata de uma passagem isolada na performance narrativa do participante. Sabab já havia apontado que *você tem uma sociedade que é MUItto minoritária (+) que é aberta* (excerto 1, linhas 1-2) e, agora, ele reforça tal posicionamento ao dizer que há uma minoria na população brasileira que se preocupa com as questões históricas e culturais africanas. No trecho do excerto 12, o foco da narrativa está nas relações de migração, ainda que a visão de racismo de maneira geral, presente no excerto 1, e de invalidação de direitos migratórios, presente no excerto 12, façam parte do caminho performativo do participante.

As práticas excludentes da sociedade brasileira em relação aos migrantes parece ser algo costumeiro, já que mais de um participante da pesquisa enfatiza a ocorrência de tais práticas. Maria procurou aceder a uma vaga de trabalho por meio de concurso federal. Mas, como mostra o excerto 13, os responsáveis pela organização do concurso a trataram de maneira discriminatória devido a ela ser uma professora migrante:

Excerto 13

156	MARIA: "...já tinha feito o concurso público na universidade
157	federal de lá'. Passei'. O primeiro concurso que eu
158	fiz foi em ".../'", eu passei em primeiro lugar',
159	mas eles acharam que eu era um <u>aventureiro</u> ', que eu
160	<u>não deveria ter passado</u> num curso na universidade
161	federal'. Na verdade foi um concurso disputado', eu
162	passei em primeiro lugar e anularam o concurso' e eu
163	fiz o outro (+)

Para se tornar professora federal, Maria recorreu à maneira que todos realizam: *já tinha feito o concurso público na universidade federal de lá' passei'* (linhas 154-155). A mesma, ainda que aprovada em primeiro lugar, teve seu concurso anulado: *foi um concurso disputado' eu passei em primeiro lugar e anularam o concurso'* (linhas 159-160). Como apontado, o extrato aventureiro (linha 157) é aqui trazido como uma referência a aquele que não é pertencente a um espaço específico. Conforme a narrativa, infere-se que o extrato é visto

como uma manutenção de verdade estabelecida por aqueles que faziam o julgamento do concurso. Ainda que Maria não fosse conhecida pelas pessoas que realizavam o concurso, ocorreu um pré-julgamento acerca da sua condição migrante ao ponto de anularem o certame.

Novamente, reforço a condição apresentada na CF (1988) de que todos são iguais perante a lei – ainda que alguns sejam mais iguais que outros – e que conforme a DUDH, migrar é um direito humano. Ainda assim, apenas uma parte minoritária da população brasileira se preocupa com as discussões acerca da migração. Para além disso, muitos não somente não se preocupam com os direitos migratórios como ainda se posicionam como agentes canceladores das verdades sociais, discriminando migrantes negros.

O estabelecimento de verdades, apresentadas como histórias únicas e impositivas, é trazido na narrativa de Maria também com o extrato não deveria ter passado (linhas 157-158). Nesse ponto, é possível questionar sobre quem é responsável pelo julgamento de alguém poder ou não ter um direito ou ter negado um direito legítimo devido a sua origem. Reflexo de uma herança cultural de menosprezo e desvalorização de *nèg*, as práticas impostas socialmente de ser maior que o outro e de permissibilidade de histórias a serem contadas são recorrentes Brasil afora. Contudo, é nas fissuras de tais práticas que esta tese age. Busco a denúncia de tais movimentos, além de questionar as condições hegemônicas de manutenção de raça, linguagem e migração evidenciando os caminhos performativos dentro das performances narrativas dos participantes, delineando seus modos de conduzir existências e de compor significados para a coletividade negra.

Os grupos sociais que desvalorizam o estatuto de *nèg*, na busca de visibilizar as práticas de ser maior que o outro – *nkali* – não ultrapassam a compreensão do migrar como deslocamento entre fronteiras político-administrativas. Para pessoas como Ricardo, migrar é constitutivo do indivíduo, além de um estado de condição de direito, como pode ser observado no excerto 14:

Excerto 14

164 RICARDO: "... as pessoas vê a migrar como uma forma de
165 ter uma ascensão social, como uma forma de ter' eh
166 um recurso pra poder estudar né", particularmente as
167 pessoas que não conseguem ter acesso a um curso
168 superior no ((país de origem)).
169 Também é uma forma para aprender outras línguas e
170 sobretudo também é uma forma de te inserir no mercado
171 de trabalho formal porque a maioria, boa parte, mais
172 de oitenta por cento do universo ((gentílico)) do
173 mercado, não é mercado formal é mercado informal
174 "..."
175 Para ser sincero como qualquer outro ((gentílico)),
176 eu sempre desejava também algum dia migrar, mas
177 sobretudo para os Estados Unidos', França', Canadá
178 que é onde a gente tinha parente nos lugares "..."
179 você não tem o mesmo valor como migrante
180 ((gentílico)) nos Estados Unidos

Para Ricardo, migrar faz parte das ações das pessoas de seu país, uma espécie de ritual de iniciação, como muito ocorre nas dinâmicas culturais das sociedades africanas. Migrar é dignificante, pois revela aquele que viajou e adquiriu experiências e/ou saberes (SAVADOGO, 2021). Como apontado no extrato ascensão social (linha 163), o processo de migração é a possibilidade para que muitas pessoas se encontrem no estatuto de *nèg*. É *um recurso pra poder estudar* (linhas 163-164), *uma forma para aprender outras línguas* (linha 167), bem como *uma forma de te inserir no mercado de trabalho formal* (linhas 168-169).

Também como apontado no excerto 14, a primeira ideia de migração daqueles que são pertencentes a países do sul, é o deslocamento para países do norte: *como qualquer outro ((gentílico)) eu sempre desejava também algum dia migrar mas sobretudo para os Estados Unidos', França', Canadá* (linhas 173-175). No caso específico de Ricardo, a ideia de ir para os países do *norte* está relacionada ao acolhimento de parentes que nestes países já residem. Mas, de maneira geral, a migração *sul-norte* se dá em maior número tendo como por base as histórias únicas de melhores condições de vida e de valorização migratória.

As histórias únicas de migração *sul-norte*, de maneira geral, se fazem valer do colonialismo para suprimir, ridicularizar, silenciar e invisibilizar as vozes do

sul. Não obstante, os corpos e as vozes do *sul* e do norte carregam formas muitas vezes diferentes de olhar o mundo e de relacionar-se com ele. Ricardo compreende esses diferentes olhares ao trazer o extrato você não tem o mesmo valor como migrante ((gentílico)) nos Estados Unidos (linhas 177-178) para a sua narrativa.

Nesse sentido, o participante reconhece a invalorização das vozes do *sul* perante os membros das sociedades de países do *norte* – e/ou que se apresentem como *norte*. Ainda que se possa estudar, aprender um novo idioma ou trabalhar formalmente nesses países, a posição de migrante do *sul* estereotipa a origem. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p.22).

Já quando construída sob um viés *sul-sul*, as migrações podem apresentar-se como espaços de reflexão anti-hegemônica e de arquitetura dos modos de conduzir existência. Ainda que já evidenciado que grande parte da população brasileira performa como pertencente ao norte, resta uma parcela da população que contribui com as práticas de valorização dos migrantes em território nacional. A realização de tais práticas torna o espaço migratório um local de interação transcultural, em uma espécie de espelhamento das condições de existências deslocadas.

Sabab, cidadão do mundo e de caminhos diversos, encontrou na migração para o Brasil um ambiente de demonstração *sul-sul*, como explicitado no excerto 15:

Excerto 15

181	SABAB: "... eu era feliz porque ERA o Brasil e não, por
182	exemplo, a França. ERA a América Latina e não a
183	Europa. Então eu tinha certeza que no Brasil,
184	qualquer seja o que ia acontecer, eu ia ter uma
185	experiência de vida que é diferenciada e é IS"SO
186	que eu ando buscando (+) as experiências de vida'
187	que que são, eu não procu"ro o que é especial, mas
188	eu procu"ro o que não é "/.../" é uma certa "/.../"
189	uma certa padronização das (coisas)

O participante constitui sua experiência migrante no Brasil como uma ação *feliz* (linha 179). O motivo da felicidade está na aquisição de experiências e/ou saberes, mas isso especialmente ocorre pela aproximação entre seu país de origem e o Brasil no que se refere ao posicionamento não geográfico de nação do *sul*, como mostra o extrato ERA o Brasil e não, por exemplo, a França. ERA a América Latina e não a Europa (linhas 179-181).

A aproximação entre nações do *sul* é algo tão presente no caminho performativo de Sabab que mesmo quando ele aponta para as possibilidades de experiências diferenciadas no Brasil, *eu não procuro o que é especial* (linha 185), suas expectativas se voltam a *uma certa padronização das (coisas)* (linha 187). A herança colonial define *o que é especial* (linha 185). A França se torna especial no imaginário social. Especial. Neutra. Posicionada no centro-oeste europeu. Dona de uma democracia racial e migratória. Mas, as vozes do *sul* não se veem pertencentes a tais “neutralidades”. As vozes do *sul* encontram representatividade em outros *suis*, sem o apagamento de suas vozes, de seus corpos e de suas epistemologias. Uma *experiência de vida que é diferenciada* (linha 183) e que ocorre no Brasil através da negritude. Uma experiência que discute, transloca e espirala como a raça e a linguagem caminham, caminham e caminharão de mãos dadas em forma de *nèg*.

Diferente do que já foi discutido em outros momentos dessa tese, no excerto 15 o padrão e o neutro não são brancos. *Eu procuro o que não é “/.../” é uma certa “/.../” uma certa padronização das (coisas)* (linhas 186-187). No excerto em questão, o estereótipo não é para ferir o estatuto de *nèg*, mas sim para valorar aqueles que possuem as nomeações da colonialidade. Nele, o preto não é animal, ruim, malvado ou feio, como afirmava Fanon (2008). Quando compreendidos como *sul*, as demarcações do irracional campo do julgamento enraivecido se desfazem e as imposições não se conformam, visto as resistências presentes nessas formas de opressão colonial.

Com base nos extratos, o Brasil não assume quem ele é (linhas 128-129), ele representa o mundo (linha 132) e as pessoas, os brasileiros que procuram a questão histórica e cultural africana é uma minoria (linhas 148-149), produzidos no excerto 12 por Sabab, aventureiro (linha 157) e não deveria ter passado (linhas 157-158), produzidos por Maria no excerto 13, ascensão social (linha 163)

e você não tem o mesmo valor como migrante ((gentílico)) nos Estados Unidos (linhas 177-178), produzidos por Ricardo no excerto 14, e ERA o Brasil e não, por exemplo, a França. ERA a América Latina e não a Europa (linhas 179-181) produzido por Sabab no excerto 15, e nos caminhos performativos dos participantes aqui destacados, mais um tema-encruzilhada se forma ao longo da raça.

Neste ponto, vemos a presença do **tema-encruzilhada democracia migratória** englobando os quatro excertos. Porém, o excerto 15 é o único que se alicerça em uma base de discussão que corrobora com as práticas de democracia migratória, isto é, espaços de valorização dos corpos e vozes migrantes, promovidos por grupos sociais e governamentais, pautados nas forças de leis e das interações sociais. O excerto 15 Inclusive posiciona a sociedade brasileira como parte daqueles que compactuam com tal definição, pelo menos, uma parcela. Já os excertos 12, 13 e 14 trazem as vozes de migrantes que sofreram com a falsa democracia migratória, ou seja, ainda que no Brasil as políticas de igualdade para com as pessoas migrantes sejam estabelecidas, muitos são os elementos apresentados que denotam que a democracia migratória não passa de inscrições documentais que não percorrem a sociedade na prática.

Como já apontado ao longo de minha tese, quando falamos em raça no Brasil devemos estar cientes que o tripé da falsidade acompanha qualquer discussão que minimamente tangencie linguagem/língua e migração. Chamo de falso tripé pois nele estão a falsa democracia racial, falsa democracia linguística e falsa democracia migratória. Ao longo dos excertos pode-se observar que apesar de indicada uma determinada falsa democracia como tema-encruzilhada, a contextualização nos leva de maneira direta ou indireta às outras partes do tripé da falsidade. Isso ocorre pela maneira estrutural que as problemáticas sociais apontadas são construídas na realidade brasileira. Além disso, a vivência de quem lê os excertos, caminhos performativos e temas-encruzilhadas relacionados ao tripé da falsidade se fundem na espiral do tempo e espaço, tornando a narrativa dos participantes também uma narrativa de todos nós, pessoas negras.

Dedico a partir desse ponto as análises à negritude. Faço tal ação como um tambor que bate e que abre espaço para a chegada das nossas energias vitais. Aqueles elementos que fazem parte de uma encruzilhada múltipla e plural, de significante aberto e internamente dividida (GILROY, 2020), que ao longo do tempo foram reconformados e apresentados como uma “desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo” (MUNANGA, 2020, p. 51), como aconteceu com o próprio signo negro. Trago agora, os excertos, caminhos performativos e temas-encruzilhadas que exaltam o espaço de “transforma[ção,] solidariedade e fraternidade [...]uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas (MUNANGA, 2020, p. 20).

Acredito que não fomos educados em uma relação de valorizar as diferenças e/ou menos discutir os status e valores empregados a cada uma das raças. O conceito de neutralidade, padrão e superioridade branca pautou muitas de nossas vidas. Pelo menos dos espaços escolares, penso que o discurso de falta de preparação, apresentado por algumas pessoas da comunidade em questão, são primordiais para o não apagamento das ações racistas – em especial quando essas pessoas são não negras.

Maria, professora universitária, traz ensinamentos decorrentes de seus espaços de sala de aula, como mostrou o excerto 7. Suas experiências e saberes sendo professora da vida nos brindaram nos excertos 2 e 6. Agora, no excerto 16, trago um excerto da performance narrativa de Maria composto de experiências e ensino:

Excerto 16

190
191
192
193
194
195
196

MARIA: “...” tem que fazer a leitura das coisas e responder à altura de das provocações “/.../”. Os meus filhos são negros e eu falo pra eles, olha, têm que estudar pra enfrentar'. Se você é bom () esse aqui é bom, mas você não precisa abaixar a cabeça, se humilhar e coitadinho pra ser aceito não (+). Então isso também depende da educação' “...”

Maria traz uma narrativa de fácil compreensão. Uma narrativa que grande parte das famílias negras se preocupam em ter com seus filhos, sobre questões que envolvam práticas racistas, na intenção de preparar o terreno para o irracional campo do julgamento enraivecido. Porém, é preciso se ater as marcas que constituem o caminho performativo de Maria e que são deixadas ao longo da narrativa.

O extrato enfrentar (linha 191) corresponde a muito mais do que responder a provocação – intenção que emerge no início do excerto. A participante nos convida a enfrentar (linha 191), por meio das discussões e reflexões argumentativas, a condição colonial de que negros não possuem conhecimento. Para tanto, *tem que fazer a leitura das coisas e responder à altura de das provocações* (linhas 188-189).

Para propormos ações de não aprovação das perpetuações das condições racistas, necessitamos conhecer como funcionam as leis, as bases e os mais diversos instrumentos de luta, *então isso também depende da educação* (linhas 193-194). Responder as provocações racistas sem propostas que frustrem o racismo sistêmico apenas retroalimenta a condição colonial branca de valor absoluto, pois não se cria argumentos para o contrário. Assim, Maria nos propõe a seus filhos e a nós uma saída: têm que estudar pra enfrentar, enfrentar (linhas 190-191).

Contudo, outro ponto da narrativa de Maria também precisa de atenção. Ao refazer parte dos ensinamentos que já apresentou a seus filhos, ela explicita que ao enfrentar os movimentos racistas é preciso responder a altura. Além disso, *você não precisa abaixar a cabeça, se humilhar e coitadinho* (linhas 192-193).

Porém, ao concluir o trecho da linha 193, Maria apresenta o extrato pra ser aceito (linha 193). Ao buscar aceitabilidade, Maria recorre ao olhar colonial, ao branco neutro e padrão, pela sacralidade de ser aceita. Nesse ponto, o discurso da participante se afasta do ato de “viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações [...], seus deslocamentos [...], suas lembranças distantes, seus

restos de culturas assassinadas” (CÉSAIRE, 2010, p. 109), que compõe a negritude.

O trecho em que está presente o extrato pra ser aceito (linha 193) é fundamental para que pensemos que a luta em prol da negritude deve ser feita diariamente. Sendo a linguagem a materialização das nossas lutas, compreende-se que vozes, histórias, trajetórias e encruzilhadas são como engrenagens que movimentam o fazer da máquina da coletividade, sempre com a finalidade de criarmos modos de conduzirmos nossas (re)existências. Nos educamos para resistir. Nos educamos para existir. Nos educamos para *reexistir*. E não nos deixei cair novamente no epistemicídio e no linguicídio. Matemos ontem o pássaro com a pedra que jogamos hoje. Não deixaremos que nos inferiorizem pela cor de nossa voz. Mais precisamente, por não reconhecerem valor na nossa voz. Não busquemos aceitabilidade. Lutemos por *nèg* com todos e a todo lugar. “A ideologia da brancura se arvora em valor absoluto. Tudo o mais é a sombra do inexistente” (NASCIMENTO, 2016, p.196-197). Hoje não. Pelo menos, em *Nèg* não. As vozes de *Nèg* lutam por espaços, pelo reconhecimento de suas vozes, epistemologias, de seus ensinamentos negrocêntricos.

Outro participante que nos traz ensinamento acerca de suas experiências e saberes na docência da vida e no combate ao racismo é Sabab. Recordo que o participante se recusou a escolher uma pessoa que tenha sido importante na sua vida para a produção escrita. Tal feito ocorreu porque ele reconhece a todas as pessoas que participaram de seu caminho performativo como únicas e importantes e falar de apenas uma delas iria contra seus princípios de valorização do coletivo na formação do sujeito. O caminho performativo de Sabab encontra-se na encruzilhada da NLA, pois assim como ela, suas performances narrativas requerem o protagonismo das vozes que formam o coletivo a partir de cruzos epistêmicos pautados em práticas sociais racializadas anti-hegemônicas. Observemos o excerto 17:

Excerto 17

197 SABAB: ah:: é assim (+) pra mim (+) a identidade (1.0) ela
 198 por definição ela é multiple "..."
 199 a identidade ela SEMPRE vai a partir da
 200 multiplicidade (+). TODOS lugares onde eu passei eh::
 201 onde eu realmente, como eu falo, (+) eu DIAloguei
 202 com a realidade. Eu me sinto pertencente, (+) me
 203 sinto pertencente porque aQUEle lugar aQUEla
 204 sociedade "... me alimentou como humano (+) então
 205 pra mim é sagrado reconhecer o que cada lugar me deu
 206 (+)

No excerto 17, Sabab nos ensina que “as identidades são formadas na performance linguística e corporificada” (PENNYCOOK, 2006, p. 83) e que, por isso, por *definição ela é multiple* (linha 196). Sendo a performance a materialização do fazer/dizer, promovendo a desnaturalização sobre o sexo, o gênero, a sexualidade, os corpos e as identidades (JAGOSE, 1996, apud PENNYCOOK, 2006, p. 80), *ela SEMPRE vai a partir da multiplicidade* (linhas 197-198). Multiplicidade e coletividade se encontram na narrativa de Sabab construindo um caminho de combate a histórias únicas do ponto de vista impositivo - incluindo o racismo. Multiple (linha 196) é aqui, também, uma marca das possibilidades de valorização das vozes do *sul* e das práticas sociais nas performances negrocêntricas/linguísticas/migratórias. Multiple (linha 196) é a materialização através da linguagem da pedra que hoje derruba o tripé da falsidade.

Em sua narrativa, o participante também traz o extrato DIAloguei com a realidade (linhas 199-200). O trecho em questão se alicerça no princípio da migração como experiência. Ao se propor a dialogar, ou seja, falar e ouvir responsivamente acerca de um determinado tema com pessoas diversas, Sabab se aproxima de uma real democracia migratória. Como democracia migratória e linguística andam lado a lado, a proposição de diálogo do participante, auxilia no fortalecimento das questões que envolvem uma possibilidade de olhar mais democrático à migração, mas também à multiplicidade linguística.

Além de propor diálogo, Sabab performa como pertencente aos diversos lugares onde passou: *pra mim é sagrado reconhecer o que cada lugar me deu*

(linhas 202-203). Quando falamos em lugares, nos remontamos às pessoas que vivem nesses locais. Portanto, ao afirmar que seu caminho performativo o alimentou como humano (linha 202), Sabab assegura uma maneira de entender o mundo, de compreender as existências, de cruzar caminhos e de construir coletividades. É na edificação da coletividade que os ensinamentos se constroem, afirmando e respeitando o direito às diferenças e fazeres coletivos, em especial negrocêntricos, tendo como base a linguagem.

Os excertos 16 e 17 possuem caminhos que se encontram em uma das encruzilhadas pautadas na negritude. Ao reconhecermos os extratos enfrentar (linha 191) e pra ser aceito (linha 193), produzidos por Maria, presentes no excerto 16, e multiple (linha 196), DIAloquei com a realidade (linhas 199-200) e alimentou como humano (linha 202), produzidos por Sabab, no excerto 17, compomos um caminho performativo que nos leva ao **tema-encruzilhada antirracismo**.

A construção do tema-encruzilhada antirracismo confronta-se com o tema-encruzilhada racismo (composto pelos excertos 1 e 2). Neste ponto da tese, propor um espaço de defrontação entre os temas-encruzilhadas elencados, se manifesta como uma forma de problematização das relações e poderes hegemônicos, na busca de espiralarmente fazer ecoar as vozes ancestrais afásicas que, ao contar o ontem, constroem o hoje de olho no futuro. O confronto dos temas-encruzilhadas serve como uma forma de desintoxicação semântica (MUNANGA, 2020) da construção social construída sob as bases de poderes socioeconômicos, exploratórios e excludentes, com vistas a perpetuar injustiças e domínio social apropriados pela cor e exteriorizada pelo irracional campo do julgamento enraivecido – o racismo.

Também é importante ressaltar que a presença do tema-encruzilhada antirracismo é um dos modos da população negra conduzir as suas existências e de alavancar as epistemologias negras. Por isso, é de fundamental importância que esse tema-encruzilhada esteja atrelado a momentos que envolvam ensinamentos e práticas sociais, como nos extratos enfrentar (linha 191) e pra ser aceito (linha 193), presentes no excerto 16, e multiple (linha 196) e DIAloquei com a realidade (linhas 199-200), presentes no excerto 17.

Aliado ao antirracismo, outro ponto de potência em relação à negritude é a possibilidade de nós, pessoas negras, nos encontrarmos nos diferentes espaços e ações. Sendo as encruzilhadas os nascedouros de possibilidades e diversidade na forma de espaços de saberes subalternizados historicamente, usar dos cruzos revelam muito da construção ancestral e afrocêntrica que proponho com a NLA.

Recordo que a NLA se trata de uma vertente de estudos construída no/pelo fazer negrocentrado, que excede a primazia linguística, valorando, em mesma escala, as práticas histórico-sociais das pessoas negras, em um movimento não linear de escuta das vozes racializadas de ontem, hoje e amanhã. Assim, a possibilidade de nos vermos nas narrativas dos participantes efetivará o papel de referência a ser construído na NLA. Além disso, a NLA serve como um dos caminhos questionadores presentes na LA.

Sabab produz esse efeito de referência em um dos trechos de sua narrativa. Ao passo que se mostra ambientado com a entrevista narrativa, o participante performa através da coletividade, como pode ser analisado no excerto 18:

Excerto 18

207 SABAB: eu:: é um grande prazer participar dessa conversa "..."
208 que faz parte da nossa luta. Eh:: essa tese também faz
209 parte da nossa luta "..."

Como se tratou de uma entrevista narrativa realizada por videochamada, foi possível que entrevistado e entrevistador se vissem por primeira vez, já que, até então, somente haviam conversado por troca de e-mails. Porém, logo no início de sua performance narrativa, Sabab já demonstra prazer em participar da pesquisa: *é um grande prazer participar dessa conversa* (linha 204).

A ação possui sustento no fato do participante se sentir representado, por se tratar de uma pesquisa que foca nas narrativas de pessoas negras, e por estar conduzida por uma pessoa negra – conformando não apenas uma pesquisa sobre negros, mas com negros. Na sequência, ao trazer o extrato nossa luta

(linha 205), Sabab demonstra aproximação com as congruências raça, profissão e estudos – sendo raça fruto do momento da videochamada e profissão e estudos informados anteriormente, por e-mail.

O extrato nossa luta (linha 205) contribui como rasura epistêmica para a proposição de espaços de protagonismos negrocêntricos na teoria e prática anti-hegemônica no campo da LA. O extrato em questão também contribui em tornar audíveis as performances dos modos de conduzir nossas existências, compondo significados para a coletividade negra. Ambos os pontos se tratam de caminhos do *sul* propostos pela NLA e se cruzam em meio aos movimentos dos trânsitos migratórios e epistêmicos, como pode ser observado no trecho *é um grande prazer participar dessa conversa “...” que faz parte da nossa luta* (linhas 204-205).

Já, quando analisado o trecho *essa tese também faz parte da nossa luta* (linhas 205-206), o mesmo extrato, nossa luta (linha 206), é mobilizado. Contudo, neste ponto da narrativa, não temos mais a presença de trânsitos migratórios, mas sim epistêmicos e linguísticos. Isso ocorre porque anteriormente o extrato nossa luta (linha 205) estava relacionado à realização da conversa/entrevista. Agora, o extrato “nossa luta (linha 206) se relaciona com a produção epistêmica e linguística da produção de uma escrita acadêmica – a tese (linha 205). Ainda que os extratos nossa luta (linha 205) e nossa luta (linha 206) orbitem em trânsitos diferentes, o excerto 18, como um todo, performa no caminho da aproximação e coletividade.

Já no caso da participante Esmeralda, o traço está na seara da raça e seu comparativo é de sentido figurado. Ela faz referência a momentos de conversa com seus filhos, como pode ser observado no excerto 19, a seguir:

Excerto 19

210	ESMERALDA: eu digo para meus filhos que nunca tenham vergonha
211	de ser negros ou mulatos. (+) Isso é a melhor coisa
212	que nós temos. (+) Isso é um <u>tesouro</u> . (+) Essa pele
213	(+) é um tesouro dos nossos antepassados e deixaram
214	como um <u>patrimônio</u> e esse patrimônio dado nós temos
215	que ter respeito porque eles sofreram muito. (+) Eles
216	sofreram muito, (+) foram castigados (+) eles foram
217	humilhados.

Esmeralda se volta no excerto 19 à grande via da raça. Nela, a participante faz uso da reconfiguração de do signo negro, tal qual os estudiosos da negritude realizaram. No excerto em questão, Esmeralda menciona que ao falar com seus filhos ela indica que *nunca tenham vergonha de ser negros ou mulatos* (linhas 207-208). A proposição da participante se pauta na valorização das pessoas negras, inclusive posicionando o signo negro no extrato tesouro (linha 209). A problematização do signo negro cria condições de protagonismo para a comunidade negra nos estudos linguísticos, além de compreender a necessidade de que tal grupo se torne agente da própria história, na contramão do título de participante da história contada.

Os comparativos valorativos seguem conforme Esmeralda afirma que essa *pele (+) é um tesouro dos nossos antepassados eh deixaram* (linhas 209-210). Neste trecho, a participante recorre ao extrato patrimônio (linha 211) para enaltecer o signo negro. Ao optar pelo extrato patrimônio (linha 211), Esmeralda referencia na raça as manifestações vivenciadas pelos ancestrais. Como a ancestralidade negra não respeita a linearidade (MARTINS, 2021), a participante recorre ao extrato patrimônio (linha 211) para compor no hoje a as representações ancestrais através da espiralidade do tempo.

Como forma de validar as menções aos seus antepassados negros, Esmeralda suplica que tenhamos respeito pelos sofrimentos em tom de desumanidade vivenciados por eles. Não à toa a participante afirma que *eles sofreram muito, (+) foram castigados (+) eles foram humilhados* (linhas 212-214).

Ainda que a participante entenda as práticas vivenciadas pelos ancestrais como não passíveis de reexistência, o tempo espiralar conduzido por Esmeralda tem a intencionalidade de (re)construir o presente. Contudo, o presente da reexistência se configura com uma força de futuro sem se desvincular do passado, além de pautado na negritude. Em outras palavras, constitui-se como “uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas” (MUNANGA, 2020, p. 20). *Então, hoje (é outra*

etapa). Hoje nós temos a etapa de luta entendeu e é isso que a gente vai fazer (linhas 215-216).

Por fim, trago o último trecho da performance narrativa de Sabab. Ainda que em partes opostas da narrativa, da mesma maneira que no excerto 18, Sabab busca estabelecer relações de proximidade entre entrevistador e entrevistado, como pode ser observado no excerto 20:

Excerto 20

220 SABAB: então fica à vontade. É como eu te disse, (+) a sua
221 tese é VOCÊ que está encaminhando isso, mas é também
222 nossa tese, porque aquilo né que CITA da luta na qual
223 nos identificamos nós todos como africanos, como
224 africanos da diáspora, como humanos. Tudo que
225 queremos é uma outra visão do mundo, uma outra visão
226 das relações. Então EH uma pesquisa muito bem-vinda
227 ao qual a gente participa com MUITA vontade porque é
228 uma coisa que vem se somar.

Sabab compartilha de um espaço e um tempo comum. Espaço esse caracterizado como “um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo” (MUNANGA, 2020, p. 51). Nesse lugar as performances constituem o mundo/vida social a partir das vozes fragmentadas e heterogêneas que compõem o seu território. O tempo comum é espiralar, carrega ao longo das espirais do presente as marcas do passado e as pistas do futuro.

No tempo e espaço compartilhado do participante do excerto 20, reflete-se o poder do coletivo para conformar as encruzilhadas dos nossos modos de conduzir nossas existências e, também, a pluralidade da negritude. O trecho a *sua tese é VOCÊ que está encaminhando isso* (linhas 217-218) demarca uma relação de singularidade. Contudo, ao concluí-lo, Sabab desvincula a possibilidade de uma história única, de caráter impositivo, para uma ação coletiva ao mencionar que apesar da escrita ser individual, o material estará composto como nossa tese (linha 219).

Nesse ponto recorro aos já comentados extratos nossa luta (linha 205) e nossa luta (linha 206), também pertencentes a Sabab, mas apresentados no excerto 18. Novamente o participante demonstra aproximação com as similaridades entre trânsitos epistêmicos ao trazer a proposição da tese como

algo coletivo. O olhar representativo desenvolvido por Sabab demonstra que a coletividade reverbera a sonoridade que a individualidade nem sempre alcança. Olhares como o do participante afirmam a pluralidade de quem somos e queremos ser a partir de nossas próprias epistemologias, cosmologias e aquilombamentos. Por fim, *tudo que queremos é uma outra visão do mundo, uma outra visão das relações* (linhas 221-223).

Ao buscar por visões não hegemônicas, que se conformem na pluralidade e no aquilombamento, Sabab aponta para um espaço de identificação: *nos identificamos nós todos como africanos, como africanos da diáspora* (linhas 220-221). Aqui o participante se volta à proposição de trânsitos raciais e migratórios, além da valorização das pessoas se afirmarem como queiram. Ainda no mesmo trecho, Sabab traz o extrato humanos (linha 221), como comparativo de *como africanos, como africanos da diáspora* (linhas 220-221). Mais uma vez a coletividade das vozes negras migrantes se une, pois o extrato humanos (linha 221) repousa na tranquilidade da definição de *nèg*. Quem produz *nèg* é Ricardo, mas o seu movimento é representativo para um coletivo denominado de *Nèg*. Conversas, intertextos, multiplicidades que (re)criam cruzos de nossos variados modos de conduzir existências.

Em relação à produção do material de estudo, Sabab ainda aponta que é *uma pesquisa muito bem-vinda ao qual a gente participa com MUltA vontade* (linhas 223-224). Entendo a afirmação como uma faísca em meio a um cenário que se propõe a desfazer a afasia das vozes coletivas negras. Assim, ao (re)criar caminhos, conforme ia sendo tocado pelas vozes de diferentes participantes, me vi em meio a (re)criação de possibilidades de intersecções entre as vozes dos participantes, seus caminhos performativos e suas encruzilhadas. O esforço realizado encontra amparo no extrato vem se somar (linha 225), trazido por Sabab. Como já afirmei no capítulo 5, na coletividade de nossas narrativas, de todos que passaram de alguma maneira por essa pesquisa, (re)criamos essa tese.

Ao longo dos últimos três excertos, respectivamente 18, 19 e 20, foi possível observar a recorrência de elementos que aproximam pessoas e/ou simbolizam um status de correlação. Através dos extratos, nossa luta (linha 205) e nossa luta (linha 206), presentes no excerto 18, produzido por Sabab, tesouro

(linha 209) e patrimônio (linha 211), presentes no excerto 19 e produzidos por Esmeralda, e nossa tese (linha 219), humanos (linha 221) e vem se somar (linha 225), presentes no excerto 20, produzido por Sabab, compreende-se a presença do **tema-encruzilhada representatividade**.

Tratar do tema-encruzilhada representatividade é como olhar-se no espelho. No espelho dessa tese, ao passo que trago as vozes negras para o protagonismo, me coloco também como parte desse protagonismo. Ao apontar participantes, autorias e referências de característica negrocentrada, rasuramos *nkali* na busca de um *nèg* plural, coletivo, representado sem a chancela de uma origem ou língua.

O tema-encruzilhada representatividade é o ecoar das vozes negras e de seus corpos. É dizer/fazer, é demarcação de espaço, é não mais ser coisificado – pois coisas não nos representam. É a desintoxicação semântica do signo negro. É poderio. É aquilombamento. É o resultado dos caminhos do *sul* (re)existentes na NLA.

Ao longo desta análise foram compostos sete temas-encruzilhadas. São eles racismo (decorrente dos excertos 1 e 2), racismo institucional (decorrente dos excertos 3, 4 e 5), racismo estrutural (decorrente dos excertos 6, 7 e 8), democracia linguística (decorrente dos excertos 9, 10 e 11), democracia migratória (decorrente dos excertos 12, 13, 14 e 15), antirracismo (decorrente dos excertos 16 e 17) e representatividade (decorrente dos excertos 18, 19 e 20). Sendo todos esses temas-encruzilhadas resultantes das vozes de professores negros, migrantes, não anglófonos, que, de uma maneira ou outra, apresentaram espaços, inclusive de falas complementares, me arrisco a dizer que há um caráter de cruzo entre os temas-encruzilhadas.

Sendo cada tema-encruzilhada um espaço de (re)criação de episteme, incluso por que “o que no corpo e na voz se repete é também episteme” (MARTINS, 2021, p. 23), afirmo que a existência de locais de cruzos entre os temas-encruzilhadas, recriando espaços e tempos espiralares, presente ao longo de minha análise, denotam a emergência de um olhar sobre o que pode ser chamado de encruzilhadas epistêmicas.

Observo que a encruzilhada epistêmica que dá suporte à grande via da raça e aos temas-encruzilhadas propostos a partir dos caminhos performativos dos participantes está pautada em Nèg. Nèg é um território multicultural, com a presença de muitas línguas e linguagens vivas, composto por vivências plurais translocadas e validado sob a chancela da marca humana que carrega em seu nome. Noto, assim, que Nèg é denunciadora de racismos e falsas democracias, além de resistente por alavancar as possibilidades de um espaço conformado pelas democracias – raciais, linguísticas e migratórias – antirracista e representativo às comunidades negras. Nèg é uma grande encruzilhada epistêmica em meio à calunga grande capaz de demonstrar nossos modos de conduzir nossas existências.

Ao longo deste capítulo apresentei os caminhos performativos dos participantes da pesquisa, trazendo excertos de suas narrativas para compor diferentes temas-encruzilhadas. Foram elencados sete temas-encruzilhadas que, ao final, demonstraram compor a encruzilhada epistêmica de Nèg. A seguir, trago as considerações finais sobre a tese.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar quais caminhos performativos e temas-encruzilhadas eram mobilizados nas narrativas de professores negros migrantes não anglófonos, pertencentes a universidades públicas brasileiras, em meio a suas vivências, experiências e trajetórias translocadas. Para tanto, percorri quatro capítulos teóricos e um de análise de dados, além deste de considerações finais e as referências que serão apresentadas na sequência.

Ao trazer o capítulo intitulado “Conversas preliminares” foi possível abordar questões teóricas relacionadas aos conceitos de histórias únicas e encruzilhadas, além de apresentar a base que sustenta toda a tese: a linguagem. Esse capítulo foi muito importante para situar o leitor dos rumos abordados ao longo da tese.

No capítulo intitulado “caminhos de motivação”, trouxe alguns motivos que me fizeram escolher como objeto de estudo as narrativas de migrantes negros que vivem em contexto brasileiro. Me apresentei como pessoa negra envolta de todos os movimentos e circularidades (GINZBURG, 2006; VIEIRA, 2016) que me constituíram/constituem. Justifiquei ao longo desse capítulo que a raça será uma grande via de condução das vozes, corpos e epistemes negras pertencentes à tese, tornando este trabalho uma escrita com negros e não apenas sobre negros.

Percorri todo o segundo capítulo delimitando o meu objetivo de pesquisa. Questionei e teorizei sobre raça, migração, educação, epistemicídios, línguas, o *eu / o outro*. Trouxe os caminhos performativos que me constituem no hoje através de um bailado de tempo espiralar e não linear. Apresentei algumas passagens, que intitulei de “encruzilhadas” que, assim, como as encruzilhadas de Leda Maria Martins e Luiz Rufino, podem ser compreendidas como espaços de intersecções, fusões, transformações e trajetórias de meus caminhos performativos. Se “o que no corpo e na voz se repete é também episteme” (Martins, 2021, p. 23) o que se cruza entre palavras e vida é também encruzilhada.

No terceiro capítulo, intitulado quando e onde nasce essa tese” expus um pouco da realidade brasileira durante o período de produção de minha tese. Foquei em duas problemáticas que julguei como fundamentais para o atual momento brasileiro e para a ascensão das práticas necropolíticas: o contexto político nacional e a pandemia do Coronavírus.

Intitulado “Discutindo epistemologias: linguagem, raça e concepções necessárias”, o quarto capítulo apresenta o espaço teórico mais denso dessa tese. Nele, trago um apanhado sobre o papel da linguagem como prática social e como essa pode ser compreendida através de algumas vertentes da linguística aplicada. Busquei elencar também as possibilidades de compreensão e inter-relação entre linguagem e raça, ainda pela apresentação de ambas como práticas sociais, pois o ato de realizar passa impreterivelmente pela linguagem.

Ainda no quarto capítulo, trouxe a proposição de uma discussão sobre o papel das vozes do *sul* em relação aos países dominadores e destas quando relacionadas com outros *suis*. Também nesse capítulo trouxe a proposta de uma LA da prática social, em vias de colaborar na construção de agendas anti-hegemônicas e alternativas para entender o mundo contemporâneo. Nesse sentido, interligando prática social, linguagem e LA, apresentei a construção da NLA, uma vertente de estudos dentro da LA que valore as práticas histórico-sociais das pessoas negras, em um movimento não linear de escuta das vozes racializadas, capaz de carregar as marcas das performances narrativas negras, pois se alicerça no/pelo fazer negrocentrado e se revigora na negritude e nos modos de conduzir existências de quem teve suas vozes silenciadas. A NLA apresenta dois objetivos: propor espaços de protagonismos negrocentrados na teoria e prática anti-hegemônica no campo da LA; e tornar audíveis as performances dos modos de conduzir nossas existências na busca de compor significados para a coletividade negra. Em suma, a NLA não deseja ser apresentada como uma LA com cor; muito mais que isso, sua pauta está na encruzilhada da racialidade, protagonismo e prática social, construindo estudos que não falem apenas sobre negros, mas sim com negros.

No quarto capítulo, ainda apresentei um subcapítulo sobre migração. Nele contextualizei alguns marcos legais nacionais em relação ao direito de migrar, às relações de migração *sul-sul*, além de construir teorização sobre a existência

de falsas democracias linguística migratória no território brasileiro – em consonância à falsa democracia racial. A primeira trata-se de uma maneira peculiar de observar os idiomas que possuem marcas distintas dos dominantes local e globalmente, dando menor acesso e pertencimento a línguas que estejam mais ao *sul*, enquanto a segunda é compreendida como uma manifestação de desvalorização de sujeitos migrantes, com o intuito de promover a invisibilização e afasia destes, tendo como base as ações sociais e governamentais que se apresentam como modelos de unidades políticas, morais e racionais, em oposição às forças de leis.

O quinto capítulo intitulado “participantes, metodologias e instrumentos encruzados” foi voltado à apresentação dos participantes da pesquisa, das metodologias empregadas para a construção do trabalho e análise dos dados, além de apresentar os instrumentos de geração de dados. Participaram da pesquisa quatro pessoas originárias dos continentes africano e americano, que não possuem como língua materna a língua inglesa, autodeclaradas negras e atuantes ou já com passagem pela docência em universidades brasileiras. Com a finalidade de dificultar a identificação de cada um dos participantes, todos foram alocados a uma ilha-nação fictícia denominada Nèg. Nèg é apresentada como um espaço multicultural, multilíngue e da ordem da performatividade linguística.

Metodologicamente, o material da tese pode ser analisado como um trabalho qualitativo, com utilização da pesquisa narrativa e pedagogia das encruzilhadas. Como instrumentos de geração de dados foram utilizadas a entrevista narrativa e a narrativa escrita. O primeiro contato com todos os participantes ocorreu via e-mail e, posteriormente, foi feita uma entrevista narrativa com cada um deles em separado via Skype – posteriormente transcritas, além de solicitada uma narrativa escrita via Google Docs.

Para a análise dos dados gerados nas performances narrativas orais e escritas foi utilizada a Análise Temática (AT). Contudo, não foram utilizadas todas as concepções e bases de análise da AT, mas sim um delineamento dos elementos que se encruzavam com a proposta da tese. No final do capítulo apresentei uma caracterização prévia e uma performance narrativa escrita de cada participante. As narrativas foram construídas pelos próprios participantes

ou por mim quando, por algum motivo, os participantes não tenham preenchido o formulário de narrativa escrita.

O sexto capítulo correspondeu à análise das performances narrativas em a partir da utilização da AT e foi intitulado “A grande via da raça: vozes negras e seus apontamentos”. Para tanto, foram selecionados e apresentados vinte excertos resultantes da transcrição das narrativas orais dos participantes. Dos excertos foram demarcados extratos a serem observados e discutidos. Também foram estabelecidos caminhos performativos a partir das performances narrativas escritas dos participantes, com a finalidade de dar apoio e costura aos excertos. Através do cruzamento dos caminhos performativos foi possível caracterizar os temas-encruzilhadas.

Por fim, apresento os extratos correspondentes a cada excerto e os temas-encruzilhadas relacionáveis no Quadro 3:

Quadro 3 – Extratos e temas-encruzilhadas

Número do excerto	Extrato	Tema-encruzilhada
1	MUItto minoritária (linha 01)	Racismo
	igualitário (linha 04)	
	colaboração (linha 05)	
	fraternidade (linha 06)	
2	gente do mal (linha 10)	
	traidor (linha 17)	
3	desilencializar a presença negra (linha 25)	Racismo institucional
	silêncio total (linha 26)	
4	um pouco diferente (linha 38)	
5	você não podia ser professora (linha 54)	
	na melhor universidade na ((país da Europa)) (linhas 57 e 58)	
6	não encontra negro (linha 66)	Racismo estrutural

	mundo que não tem negro (linha 76)	
	interrogar (linha 81)	
	vendada (linha 85)	
7	questões históricas (linhas 88-89)	
	cerceados ao sistema de educação (linha 96)	
8	puxar a bolsa (linha 102)	
	atravessar do outro lado da rua (linhas 102-103)	
	guardar o celular (linha 106)	
9	menosprezar a sua inteligência	Democracia linguística
10	sagrada (linha 114)	
	ferramenta (linha 115)	
11	eu não sei falar (linhas 117-118)	
	a língua sua é minha também (linhas 121-122)	
12	o Brasil não assume quem ele é (linhas 128-129)	Democracia migratória
	ele representa o mundo (linha 132)	
	as pessoas, os brasileiros que procuram a questão histórica e cultural africana" é uma minoria (linhas 148-149)	
13	aventureiro (linha 157)	
	não deveria ter passado (linhas 157-158)	
14	ascensão social (linha 163)	
	você não tem o mesmo valor como migrante ((gentílico)) nos Estados Unidos (linhas 177-178)	

15	ERA o Brasil e não, por exemplo, a França. ERA a América Latina e não a Europa (linhas 179-181)	
16	enfrentar (linha 191)	Antirracismo
	pra ser aceito (linha 193)	
17	multiple (linha 196)	
	DIAloguei com a realidade (linhas 199-200)	
	alimentou como humano (linha 202)	
18	nossa luta (linha 205)	Representatividade
	nossa luta (linha 206)	
19	tesouro (linha 209)	
	patrimônio (linha 211)	
20	nossa tese (linha 219)	
	humanos (linha 221)	
	vem se somar (linha 225)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após determinar os temas-encruzilhadas refleti sobre a necessidade de compreender os cruzos relacionados a estes temas-encruzilhadas. Assim, cheguei à reflexão de que a os temas-encruzilhadas criam espaços de (re)criação de episteme entre eles, ao longo de tempos espiralares. Denominei essa encruzilhada dos temas-encruzilhadas como encruzilhada epistêmica. O cruzamento que compõem os temas-encruzilhadas resultantes das narrativas dos participantes de minha pesquisa resultou na encruzilhada epistêmica Nèg.

Avalio a encruzilhada resultante nessa tese através de quatro caminhos performativos conferidos em um tempo espiralar.

Um dos caminhos performativos dessa tese está na proposição de um campo de saberes e estudos dentro da área da LA, focado em abordagens que favorecem a linguagem negrocentrada como prática social. A composição da NLA como campo de estudos composto por autores e participantes negros na

construção de pesquisas acadêmicas, em uma proposta aquilombada, tem por finalidade validar as vozes e saberes negros em espaços hegemonicamente brancos e excludentes, como são os bancos universitários. Os trabalhos realizados nesse campo de estudos servirão como totens representativos para toda a comunidade negra que percorre o campo da LA e que, na maioria das vezes, não se vê pertencente, já que a neutralidade branca e eurocentrada, maioria nas universidades, afasia vozes e corpos ao nos nomear.

Outro caminho performativo na construção de minha tese foi a composição de temas-encruzilhadas. Os temas-encruzilhadas serviram de elementos de síntese sobre as vidas negras migrantes. Suas constituições demonstraram que grande parte dos elementos que vemos ser enunciados por grande parte da população negra brasileira, se fazem presentes também nas vozes negras migrantes. O racismo e suas vertentes – estrutural e institucional – são marcas que acompanham o signo negro em território nacional e que não furtam estar presentes na vida dos migrantes que aqui vivem, demonstrando o quão longe de uma democracia racial estamos. No Brasil, ser migrante negro costura-se às problemáticas raciais vividas pelos demais negros, mostrando que, em linhas gerais, a população, as estruturas e as instituições contribuem para o afastamento do sentido de pertencimento dos migrantes.

O que no caminho performativo dos temas-encruzilhadas é alusivo apenas às comunidades migrantes é a presença da democracia linguística e da democracia migratória. A maneira peculiar de grande parte da comunidade brasileira observar e julgar os idiomas que possuem marcas distintas dos dominantes local e globalmente, dando menor acesso e pertencimento a línguas que estejam mais ao *sul* e de desvalorizar de sujeitos migrantes, com o intuito de promover a invisibilização e afasia destes, tendo como base as ações sociais e governamentais que se apresentam como modelos de unidades políticas, morais e racionais, em oposição às forças de leis, está presente nas vivências dos participantes de minha pesquisa. Suas enunciações acerca de como suas variantes linguísticas e sua nacionalidade são repulsadas por muitos brasileiros demonstram que o país que foi construído com muitas mãos-de-obra estrangeiras continua a deslocar essas pessoas para espaços de não igualdade, apesar das forças de lei afirmarem o contrário.

Contudo, em alguns casos, casos esses que apareceram em menor quantidade nas entrevistas narrativas, parte da sociedade busca valorizar os corpos e vozes resultantes de processos migratórios. Em parte, como mostrado nas análises, isso se dá quando há uma consciência da relação entre países localizados ao sul, mas que, acima de tudo, ocorre quando a formação do sujeito brasileiro está pautada em uma construção antirracista e anti-hegemônica – tema-encruzilhada que também foi pautado nas entrevistas. Ao demonstrar com as pautas antirracistas, os grupos sociais promovem o ecoar das vozes negras em diferentes âmbitos, o que coloca em xeque os posicionamentos do “sempre foi assim”, resultando em representativas as vozes e corpos que deslocam *espiralmente* o signo negro.

O cruzo dos temas-encruzilhadas antirracismo e representatividade resulta em mais um caminho performativo que *suleia* minha tese: a valorização das vozes negras migrantes. Ao propor analisar as performances narrativas de professores negros migrantes não anglófonos, com atuação em universidades brasileiras, com foco nos caminhos performativos e temas-encruzilhadas que poderiam ser mobilizados em relação às questões de raça, língua(gem) e migração, o que me motivava, muito mais que a proposição de uma tese, era reconhecer os modos de conduzir as existências negras no que se referem a temas a mim tão caros. A busca que me tocava todos os dias para compor essa escrita na totalidade andava de mãos dadas com a representatividade. Se poucos foram os companheiros de estudos negros ao longo de minha vida acadêmica, bem como quase nunca a universidade me abriu espaços para estudar pensadores e escritores negros. Assim, que essa tese possa sim falar por alguns daqueles que me representam – mentes pensantes comumente afásicas das discussões acadêmicas e do que muitos julgam como pensadores. Que essa tese possa falar e mostrar aqueles que representam Nèg.

Ao trazer Nèg, falo de um espaço performativo criado para essa tese para proteger meus companheiros de pesquisa que, gentilmente, cederam suas vozes para a construção de todas essas páginas. Queria eu que não necessitássemos de Nèg. Queria eu trazer as marcas, vozes, rostos, acentos e corpos dos que de minha pesquisa participaram. Não posso. Então, os trago para Nèg, território multicultural, trans/plurilinguístico, local de encruzilhadas.

Não de uma e somente uma, forçada e impositiva. EncruzilhadaS, de plural bem marcado – pluralmente marcados a negro – para reafirmar quem são os corpos, vozes e epistemologias que compõem a ilha-nação. Uma localidade que carrega em seu nome a humanidade. Um local que carrega democracias raciais, migratórias e linguísticas. Um território de .

Por último, mas não menos importante, caracterizo o quarto caminho performativo na construção dessa tese: a denúncia. Entendo que a necessidade de construir uma tese focada no ecoar das vozes negras migrantes seja uma maneira de denunciar as mazelas praticadas à dignidade de pessoas; mazelas estas que não se limitaram a tempos passados e seguem constantemente sendo referenciadas na atualidade. Denunciar os linguicídios e epistemicídios ainda é necessário.

Vejo como denúncia as práticas apresentadas ao longo do capítulo três, sobre como uma gestão ineficiente conseguiu *afasiar* muitos grupos sociais brasileiros – inclusive lhes tirando a vida, pois a necropolítica foi uma dádiva para essa política. Me salta aos olhos a denúncia de não podermos dar os nomes reais dos participantes de minha pesquisa, pois o racismo institucional trabalharia diretamente em uma ótica de exclusão destes. Observo como denúncia a necessidade de mencionar que as universidades continuam não falando das culturas negras e nem de seus pensadores. Concebo como denúncia a apresentação de temas-encruzilhadas e caminhos performativos a partir das vozes negras, migrantes e docentes, com a finalidade de acusar uma sociedade que ainda tenta invisibilizar as vivências negras. Denuncio a necessidade de fomentar uma área dentro da LA que não nos use como objetos, mas que favoreça a nossa existência e nossos modos de conduzi-la. Nesse trabalho, a denúncia é uma demonstração antirracista.

8. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Júlia Romeu. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 1. ed. 7. reimp. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BASILIO, Ana Luíza. **Relembre as polêmicas e confusões de Ricardo Vélez frente ao MEC**. 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/educacao/relembre-as-polemicas-e-confusoes-de-ricardo-velez-frente-ao-mec/>. Acesso em: 20 dez de 2022.

BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. Entrevista, narrativa e pesquisa. In: _____. (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2013. p. 09-18.

BERSANI, Ana Elisa; PEREIRA, Alexandre Branco; CASTELLI, Andressa. A saúde de migrantes e refugiados no contexto da pandemia do Coronavírus. **Veja Saúde**. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/a-saude-de-migrantes-e-refugiados-no-contexto-da-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 20 dez de 2022.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOLSONARO, Jair. Live de quinta-feira – 10 de setembro de 2020. **Canal Jair Bolsonaro**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nISMugE1f0Q>. Acesso em: 20 dez de 2022.

BONFANTE, Gleiton Matheus. O ocaso do racionalismo e a perspectiva erótica no empreendimento etnográfico: por uma ciência do tesão. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p 141-176, ago/dez. 2014.

BRASIL. **Lei 13.445 de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Imigração. Brasília, 2017.

BRASIL. Pequenos heróis contra o vilão Coronavírus. **Chamamento público para escolha de máscaras de proteção facial criadas por crianças**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/HERISCONTRAOVILOCORONAVRUS..pdf>. Acesso em: 20 dez de 2022.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988.

BRAUN, Virginia. CLARKE, Victoria. (2006). Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3(2), 77-101

BRAUN, Virginia. CLARKE, Victoria. (2014). What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers? **International Journal of Qualitative Studies on Health and Wellbeing**, 9(1), 1-2.

CAMPOS, Marden Barbosa de. Migração. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEAGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p.453-455.

CAMPOS, Sônia Isabel Fabris. A entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo. BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2013. p. 09-18.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrítica revisitada e as críticas. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

CARNEIRO, Sueli. A dor da cor: In: _____. **Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu de; SILVA, Bianca Guimarães. **Imigração e refúgio no Brasil**: Retratos da década de 2010. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

CÉSAIRE, Aimé. O discurso sobre a negritude. Tradução de Ana Maria Ginj Madeira. In MOORE, Carlos (Org.). **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte, Nandyala, 2010. p. 105-114.

CLANDININ, Jean. CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLARKE, Victoria. (2017). **Thematic analysis: What is it, when is it useful, & what does “best practice” look like?** [Vídeo]. Disponível em <https://youtu.be/4voVhTiVycd>. Acesso em: 20 dez de 2022.

CONGRESSO em Foco. Deputado Jair Bolsonaro diz que quilombolas não servem nem mesmo para procriar. **Canal Congresso em Foco**. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/0TicZmpwEQc>. Acesso em: 20 dez de 2022.

DAVID, Patrícia Denicoló. O inglês no mundo: língua de prestígio. **Trama**, v. 01, n 02, p. 209-215, 2005.

DIÁRIO do Centro do Mundo. 'Não tem essa historinha de estado laico. É estado cristão' disse Bolsonaro em comício. **Canal Diário do Centro do Mundo**. 2018. Disponível em: https://youtu.be/s6kXlG_NrpQ. Acesso em: 20 dez de 2022.

EDDO-LODGE, Reni. **Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Tradução de Elisa Elwine. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ELEIÇÕES 2018. Bolsonaro diz ao JN que criminoso não é 'ser humano normal' e defende policial que 'matar 10, 15, ou 20'. **G1, Globo.com**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/28/bolsonaro-diz-ao-jn-que-criminoso-nao-e-ser-humano-normal-e-defende-policial-que-matar-10-15-ou-20.ghtml>. Acesso em: 20 dez de 2022.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. **Olhos d'água**. 1. ed. 13. reimp. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. REVER ANO

FABRICIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-66.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. Prefácio à edição brasileira. In: NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

FERREIRA, Renan Castro; MOZZILLO, Isabella. A língua inglesa no Brasil como o mercado quer: necessária, mas inalcançável. **Travessias Interativas**, v. 10, n. 22, p. 138-150, jul-dez, 2020.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. Formação de professores e constituição de identidades docentes. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2, 2012. Uberlândia. **Anais do SIELP**. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 01-08.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. Posicionamentos interacionais em pequenas histórias contadas por um universitário migrante – performances de masculinidade heterossexual. **Fórum Linguístico**, v. 14, n. 02, p. 2116-2127, abr./jun. 2017.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, n. 1, p. 147-172, 2019.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. "Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo": desequilíbrios narrativos em performances heterossexuais de um aluno migrante branco. **Calidoscópio**, v. 15, n. 02, p. 305-316, mai/ago 2017.

GATTI, Bernardete Angelina. Potenciais riscos aos participantes. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Ética e pesquisa em educação**: subsídios. vol.1. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019, p.55-65.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. 2. ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2020.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUEROLA, Carlos Maroto. **"Se nós não fosse guerreiro nós não existia mais aqui"**: ensino-aprendizagem de línguas para fortalecimento da luta Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Flores, 2013.

hooks, bell. Intelectuais Negras. Trad. Marcos Santarrita. **Revista Estudos Feministas**. v. 03, n. 02, p. 464-478, 1995.

JACINTO, Luis César Rodrigues. **Saberes de resistência, identidades e pertencimentos no sul do Brasil**: modos de ser e viver nas narrativas de quilombolas da comunidade de Palmas (Bagé, RS). 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino, Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2019.

JORNAL O Globo. Paulo Guedes: 'Empregada doméstica indo pra Disney, uma festa danada'. **Canal Jornal o Globo**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bLGlc4cVP8Q>. Acesso em: 20 dez de 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cabogó, 2019.

KLEIMAN, Ângela del Carmen Bustos Romero de. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

LÓPEZ, Laura Cecilia. Reflexões sobre o conceito de racismo institucional. In: JARDIM, D. F.; LÓPEZ, L. C.. (Org.). **Políticas da Diversidade**: (In)visibilidades,

pluralidade e cidadania em uma perspectiva antropológica. 1ed.Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, v. , p. 73-90

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. A transcrição de conversações. In: _____. **Análise da conversação**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura**: corpo, lugar de memória. In: Revista Letras – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, nº26, 2003, pp. 63-81.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cabogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2020.

MELLO, Glenda Cristina Valim de. As ordens de indexicalidade sobre ensino de inglês e raça mobilizadas na narrativa de uma professora de língua inglesa. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 161-183.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 32. nº 94. p. 01-18. 2017

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Branquitude invisível – pessoas brancas e a não percepção dos privilégios: verdade ou hipocrisia? In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 85-108.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (Orgs.).

Narrativa, identidade e clínica. Rio de Janeiro: Editora IPUB-CUCA, 2001. p. 55-71.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 13-44.

MORAIS, Pâmela. Migração no Brasil: quem vem para o nosso país? **Politize!** 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/migracao-no-brasil-quem-vem-para-ca/>. Acesso em: 20 dez de 2022.

MORTARI, Paulo. Migração e Saúde – Determinantes socioeconômicos e transição epidemiológica: aportes iniciais para se pensar na relação entre migração e saúde no contexto da pandemia de sars-cov-2 (2020). In: SILVA, Camila Rodrigues da et al. (Orgs.). **Emergências epidemiológicas e mobilidade urbana.** São Paulo: Centro Paula Souza, 2020. p. 74-102.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. 4. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNIZ, Kassandra. LA, gênero e raça: rasuras epistêmicas, decolonialidades e mandingas no campo da linguagem. **Canal ALAB** – Associação de Linguística Aplicada do Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Iz-ww90JII&t=2854s>. Acesso em: 20 dez de 2022.

MUNIZ, Kassandra. **Linguagem e identificação:** uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** Processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico é sobre palavras? Um prefácio. In: **Língu@ Nostr@**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p.3-15, jan/jul. 2021.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico:** os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Assembleia Geral das Nações Unidas. Paris, 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 20 dez de 2022.

ONU. **Declaración de Nueva York para los Refugiados y los Migrantes.** Asamblea General de las Naciones Unidas. 2016. Disponível em: <https://undocs.org/es/A/71/L.1>. Acesso em: 20 dez de 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** 1ªed. São Paulo: Parábola, 2019.

PECHIM, Lethicia. Negros morrem mais pela COVID-19. **Faculdade de Medicina UFMG**. 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>. Acesso em: 20 dez de 2022.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

PEREIRA, André Ricardo Valle Vasco. Democracia impedida, autoritarismo liberado. In GALVÃO, Ana Carolina; Z AidAN, Junia Claudia Santana de Mattos; SALGUEIRO, Wilberth (Orgs.). **Foi golpe!** O Brasil de 2016 em análise. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 21-39.

PEREIRA, Maria das Graças Dias. LIMA, Rosania de Almeida de. BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro. Experiências de migração: construções identitárias e ressignificação de 'sonhos' em narrativas de um porteiro nordestino no Rio de Janeiro. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2013. p. 159-198.

PODER 360. Damares Alves diz que 'menino veste azul e menina veste rosa'. **Canal Poder 360**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>. Acesso em: 20 dez de 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento-Justificando, 2017.

ROSA, Renata de Melo. Xenofobia. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTE GA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p. 733-735.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SALLES, Ricardo. Fala em reunião ministerial. In Ricardo Salles na reunião: com imprensa focada na covid-19, é hora de 'ir passando a boiada'. **Canal BBC News Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BWDemNNMbeU>. Acesso em: 20 dez de 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, p. 31-60, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, v. 18, n. 43, p. 14-23, set/dez, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: _____. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. 2. ed. Portugal: Ed. CES: conhecimento e instituições, 2009. p. 09-19.

SANTOS, William Soares dos. Os níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2013. p. 21-35.

SAVADOGO, Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi. Tunga na sababuw: a África transatlântica (Apresentação). In: GARCÊS, Karine. **Tunga na sababuw**: a contemporaneidade da presença africana em redenção. Caucaia: 2K Editora, 2021.

SBT Brasil. “Pior inimigo do meio ambiente é a pobreza”, diz Paulo Guedes em Davos. **Canal SBT Jornalismo**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=89qWQySBfxk>. Acesso em: 20 dez de 2022.

SHUSTERMAN, Richard. **Performing live**: Aesthetic alternatives for the ends of art. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

SILVA, Kleber Aparecido da. Por uma Linguística Aplicada Sulear: políticas linguísticas, formação docente e internacionalização. **Canal Critical Language Policy / Research Group**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GqGw1maSpXE>. Acesso em: 20 dez de 2022.

SILVA, Priscila Elisabete. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 71 (2): p. 51-67, 2019.

VENTURA, Deisy. Lei de migração. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTECA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p.429-434.

VIEIRA, Maicon Farias. Análise de um tweet do ministro da educação, Abraham Weintraub (2019-2020), à luz da declaração universal dos direitos linguísticos. In SANTOS, Douglas, Ferreira dos; STOLZ, Sheila; Gonçalves, Vinícius Vianna

(Orgs.). **Educação em Direitos Humanos: reflexões e experiências**. Pelotas: Editora Morus, p. 19-37, 2021.

VIEIRA, Maicon Farias. Pistas indiciárias: influências (não)recíprocas nas enunciações de alunos e professores em um ambiente educacional binacional. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação e Tecnologia, Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas, 2016.

WEEDON, Chris. **Feminist Practice and Poststructuralist Theory**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

WEINTRAUB, Abraham. 7 minutos com a verdade. **Canal Jornal da Cidade Online**. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/Ah95ofO149g>. Acesso em: 20 dez de 2022.

APÊNDICE A

2ª etapa de participação na pesquisa

2ª Etapa de participação - Vozes e constituições

Como segunda etapa de participação, peço que você produza uma narrativa escrita sobre uma pessoa que tenha sido importante na sua vida e que pertença a seu país de origem.

É importante que a pessoa-foco seja descrita com o máximo de detalhes possíveis - incluindo um nome, bem como os motivos que a tornaram especial para a sua constituição. A ficcionalidade pode ou não fazer parte da escrita.

A escrita não necessita de formatações pré-estabelecidas, ficando a cargo de você a maneira que mais lhe permitir fluidez.

***Obrigatório**

1. E-mail *

2. Coloque aqui o nome da pessoa que lhe influenciou *

3. Espaço para a narrativa. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B

Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada "Um olhar indisciplinar acerca das narrativas de professores estrangeiros negros atuantes em universidades públicas brasileiras", desenvolvida pelo doutorando Maicon Farias Vieira, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. A pesquisa faz parte do projeto de pesquisa "Linguagem e performatividade: a construção de subjetividades em ambientes formais e não formais de ensino", de responsabilidade da Professora Doutora Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, pertencente também do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, cadastrado e aprovado na Plataforma Brasil.

Sua forma de participação consiste em conceder uma entrevista narrativa a respeito de sua experiência como professor(a) universitário(a), negro(a) e migrante no Brasil. É relevante salientar que: seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante o seu anonimato; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; você poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação não é obrigatória, no entanto, ela é muito importante para esta pesquisa. Além disso, é importante destacar que o estudo apresenta riscos mínimos, pois poderá haver algum desconforto ou constrangimento na participação, e que, devido a isso, ela poderá ser interrompida a qualquer momento. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos você poderá entrar em contato com o pesquisador através do endereço eletrônico maiconfariasvieira@gmail.com

***Obrigatório**

1. E-mail *

2. Sobre a forma de participação nesta pesquisa: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Compreendi.
- ☐ Não compreendi.

3. Sobre a participação nesta pesquisa: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Aceito participar.
- ☐ Não aceito participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO

Após aceitar participar da pesquisa, solicito que
preencha os seguintes itens a seguir:

4. Sobre os dados que apresento, desde que respeitadas as regras do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Permito que os dados fornecidos por mim sejam utilizados neste estudo.
- ☐ Não permito que os dados fornecidos por mim sejam utilizados neste estudo.

5. Nome completo *

6. Numeração do Registro Nacional de Estrangeiros (RNE) ou Cadastro de Pessoa Física (CPF) *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários